GUSTAVO
BARROSO

O
INTEGRA-
LISMO
DE NORTE
A SUL

GUSTAVO BARROSO

O INTEGRALISMO DE NORTE A SUL

ÃO

Gustavo Barroso

O Integralismo de Norte a Sul

SEGUNDA EDIÇÃO

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, S/A.
Rua Sete de Setembro, 162 1934 Rio de Janeiro

MAPA DAS BANDEIRAS INTEGRALISTAS DE QUE GUSTAVO BARROSO PARTICIPOU

A

LOURENÇO JUNIOR,

MIGUEL REALE,

HERBERTO DUTRA

E

MARIO BRASIL,

MEUS JOVENS, CULTOS E BRAVOS COMPANHEIROS DA GRANDE BANDEIRA INTEGRALISTA QUE FOI DO SUL A' AMAZONIA.

LIBERALISMO, COMUNISMO E INTEGRALISMO

POLITICA E FILOSOFIA

"TODO ESTADO — definiu Aristóteles — é uma sociedade de homens unidos." Para organizar, portanto, um Estado, é necessario conhecer as unidades que o compôem e os problemas dessa sociedade, isto é, primeiro o conhecimento das partes e, depois, o conhecimento do todo. Demais, para que exista o verdadeiro Estado, é imprescindivel que os homens estejam *unidos* e não *divididos*. E, como a filosofia, ciência das ciências, procura explicar as origens, a existencia e a finalidade do homem, nela se tem de alicerçar toda e qualquer concepção social ou politica.

Não ha politica que não seja filha dum sistema filosofico (1). Por isso, no exame e na critica dos rumos constitucionais, devemos contemplar o agitado panorama da história com o perfeito conhecimento das idéas filosoficas que se manifestam nas diversas fórmas de organização dos homens unidos em sociedade.

---

(1) "Toda revolução social ou politica tem sua explicação derradeira num movimento de idéas." Pe. Leonel Franca — "Noções de Historia da Filosofia".

As concepções ideais precedem sempre as creações materiais, desmentindo a afirmação materialista do contrario. A constituição dos Estados Unidos nasce do panegirico da república federativa feito anteriormente por Montesquieu. Os constitucionalistas da Revolução Francêsa diziam-se seus descendentes. Mais dum seculo depois de organizada a federação norte-americana, o Brasil a copia, desprezando o sentido de sua propria realidade. Mera transplantação duma ideologia. E, em flagrante contradição com sua teoria fundamental do primado da materia sobre o espirito, o comunismo denominado cientifico nasce das idéas de Karl Marx, nos meados do seculo XIX, e só na segunda década do seculo XX é posto em pratica por uma minoria revolucionaria no antigo Imperio da Russia.

LIBERALISMO

A filosofia racionalista do seculo XVIII, cristalizada no grupo da Enciclopédia, verdadeira conspiração contra a verdade, como diz de Maistre, foi a creadora do liberalismo-democratico — que destruiu os restos da sociedade fundada na Escolastica e produziu os Estados modernos. Ao sôpro de suas doutrinas derivadas do exagero do individualismo, sossobrou o que ainda subsistia, através do absolutismo monárquico, da antiga organização dos Estados cristãos. De mãos dadas, o espirito judaico e o espirito filosófico, haviam corroido, em nome dum direito natural racionalista, o

principio da autoridade. Dêsde muito tempo, as dimensões permanentes da vida espiritual, dentro das quais se emolduravam os povos, vinham sendo minadas no sentido duma revolução geral da humanidade, segundo o afirma uma das maiores inteligencias israelitas, Bernard Lazare, mostrando a colaboração nêsse obstinado trabalho de sapa dos filosofos racionalistas judeus do seculo X° ao XV°, inspirados numa gloza do tratado *Bába-Mézia* (1) do Talmud, fonte do chamado Néo-Messianismo, a qual reza assim: "A razão não está mais oculta no céu. Não é mais no céu que está a lei. A lei foi dada á terra e é a razão humana que deve compreendê-la e aplicá-la." E, quando apareceu o odioso discurso de Rousseau, rebelado contra a "vil e enganosa uniformidade da cultura cristã", formadora de espiritos no mêsmo molde, discurso contra o direito de propriedade, "filho da violencia e da impostura, contrario á lei natural de tudo a todos" — como escreveu, o filosofo judeu Moses Mendelssohn o traduziu, o propagou e dêle fez o manifesto oficial do movimento de idéas semita conhecido na história pelo nome de Movimento Háscala (2).

Formulando terrivel requisitorio contra o Estado liberal-agnóstico, Karl Marx afirma que a destruição das antigas corporações pela Revolução Francêsa arruinou todas as bases do Estado cristão e que, nêsse Estado, o homem não passa de "membro imaginário duma

(1) *A porta do meio.*
(2) Salluste — "Les origines secrétes du Bolschevisme".

soberania imaginária, despojado de vida real e individual, perdido numa generalidade abstráta." E' a confissão implicita de que o excesso de individualismo produz identico efeito ao excesso de coletivismo.

Dividindo o poder em varios poderes com a hipocrisia duma harmonia impossivel na prática, desaçaimou os instintos egoistas e permitiu a engorda do capital á custa do trabalho, causa de nossas aflições presentes. E, instituindo o sufragio universal sem verdadeira independencia do voto, creou a era estupida do triunfo das mediocridades com seus dois grandes vicios correlatos, tão bem esvurmados por Emile Faguet: o culto da incompetencia e o horror das responsabilidades.

A filosofia do seculo XVIII, que estragou até a politica exterior da França antes da Revolução, segundo Broglie, armou a guilhotina e atirou-se á conquista do mundo sob o nome pomposo de liberalismo. Creou, na opinião de Karl Marx, um Estado resultante das contradições civis dos partidos, que, tendo destruido a autoridade da Igreja e o poder da Corôa, provocou, naturalmente, na desorganização espiritual e economica da sociedade, sobretudo depois de 1830, "uma crise em cada consciência e uma miseria moral em cada alma", acordando todas as reinvindicações socialistas, tomando ás vezes uma catadura conservadora deante do radicalismo anti-clerical e do comunismo, de outras fazendo-lhes as mais covardes concessões.

Apregoou aspirações vagas e principios irreais, que os demagogos de segunda categoria embandeiravam de

retórica barata, afim de explorar o oposicionismo inato da multidão e galgar as posições. Suas leis, em geral, fôram o que deviam ser numa organização estatal em que, conforme notou Herbert Spencer, o individuo está contra o Estado e, naturalmente, o Estado contra o individuo, semelhantes ás cuja critica Valerio Maximo põe a bôca do filosofo Anacharsis: "Teias de aranha em que se prendem os pequenos insétos e que deixam fugir os grandes (1)". Elas seguraram todos os pequenos e todos os pobres, mas deixaram sempre fugir todos os ricos e todos os poderosos.

Atacando o antigo regime, o racionalismo-individualista não teve a preocupação de erigir um mundo novo sobre os valores positivos e necessarios do mundo antigo; porem a de derrubar todas as fórmas celestes e terrestres da autoridade. E é por essa razão que Spencer assegura terem sido os liberais que prepararam o caminho para os socialistas. A opinião dos maiores publicistas do marxismo é identica. Êles dizem que o dogma filosofico da liberdade e natureza humana explica o movimento histórico no sentido do liberalismo, em primeiro lugar; e para o comunismo, em seguida. O proprio Plekhánov assegura que até os anarquistas são simplesmente os filhos malcriados, "les enfants terribles", da burguesia.

O mundo antigo e a idade-média, geralmente caluniada, procuraram explicar a solidariedade humana e a comunhão social na dependencia reciproca e na submis-

---

(1) "De sapienter dictis aut factis".

são. A filosofia do seculo XVIII procurou a liberdade na dissolução completa dêsses laços e creou, assim, diz o socialista Lasalle, (1) não a liberdade, mas o arbitrio, pois que o homem isolado, entregue a si proprio, tendo meios de força ou de corrupção, oprime e, sendo fraco, é oprimido. Constituida dessa fórma, apesar dos rótulos liberais, a sociedade é, no dizer de Hobbes, a guerra de todos contra todos (2). Nós fomos educados nela e nos viciamos com as suas fórmulas, o que dificulta nossa compreensão duma ordem diferente.

O capital começára escondido, quasi como um criminoso, com os prestamistas e rendeiros judeus, com os banqueiros e cambiadores lombardos. Comercialmente e só comercialmente se esboçara na emporocracia veneziana. Aumentara com o descobrimento do caminho maritimo das Indias, quando, aproveitando o resultado do heroismo cristão, a ganancia dos Fugger de Augsburgo somente numa expedição auferia o lucro liquido de 175 mil ducados de ouro. A livre concurrencia trazida pelo liberalismo permitiu sua hipertrofia sucessiva e ilimitada. Embrião na antiguidade, em que o lucro era meio e não fim, criança na idade medieval, em que a moeda se não reproduzia com virtude capitalizadora, senão na judiaria, adolescente no Renascimento, fez-se homem com a liberdade burguêsa, tornou-se elefante, esmagou tudo, passou a ser um fim e, ainda descontente, levou subterraneamente ás massas explo-

---

(1) "Capital et travail."
(2) "Leviathan."

radas as doutrinas do desespero social. Com elas pretende destruir o pouco que ainda escapou dos quadros sociais á inundação sangrenta e lamacenta da democracia liberal, afim de tudo açambarcar e fazer pastar os dóceis rebanhos dos povos embrutecidos sob o cajado de ferro dos Messias materialistas!

A humanidade foi lentamente e enganosamente conduzida á borda dêsse despenhadeiro por uma concepção côxa e vêsga do Estado, nascida da filosofia unilateral que envenenou os povos, mostrando-lhes tão somente uma das faces do problema humano, a do individualismo, e erigindo-a em principio unico e dominante. Não se preocupou com a origem real da sociedade, nem com a origem real do Estado, mas unicamente com a questão de saber, do ponto de vista racionalista, como conceber a sociedade e como construir o Estado. Rousseau, erudito de segunda mão na frase de Laboulaye, pontifice magno dessa filosofia, considerando que o homem nasce livre no estado natural, que entra em relação com os outros homens para proteger essa liberdade e que, em virtude dêsse *contráto social*, crêa a sociedade e o Estado, declara que o mêsmo tem por unico fim a conservação dos contratantes. Confunde, pois, lamentavelmente, o conceito de Estado e o conceito de sociedade. Já no seculo XVI João Althusius lançara a idéa dêsse contráto social, pácto livre entre os homens-lobos de Hobbes.

Da cultura do Renascimento de tendencia retrograda, segundo Augusto Comte, nasceu o naturalismo

que produziu o realismo. Dêste, consequentemente, saiu o racionalismo, pai consciente do individualismo, com o sensualismo de Locke, em que as idéas são simples modificações de sensações. Todos êsses sistemas se estêam numa fé absoluta na razão humana. Essa fé ditou as leis do *Contráto social*, que, não tendo como fundamentar moralmente o Direito fê-lo mera sanção das infrações do tal contráto. Contradição flagrante. Se o supremo principio moral das sociedades fôsse o individualismo, a liberdade natural do homem, seria impossivel a concepção geral do Direito, dêsde que se não conhece um Direito natural racionalista, como o concebia Rousseau. Savigny genialmente conceituou o Direito como resultante da solidariedade, dum espirito historico nacional que funde os individuos na dependencia reciproca de todos. E era antropocentrista.

Embora falassem em Deus e no espirito, os filosofos do seculo XVIII eram, no fundo, materialistas e daí os fundamentos humanos que Montesquieu dava ás fórmas de governo e ao Direito: virtude, amor, honra, relações entre sêres e cousas. Como se meras manifestações pudessem ser consideradas principios eternos!

Para atingir a essa absoluta perfeição legislativa, êles abstraíam a relatividade da história, deixando somente no campo de ação a humanidade, a natureza humana, da qual, mais tarde, Schelling e Hegel deveriam zombar, considerando a história como processo submetido a leis e procurando o móvel dos seus movimentos justamente fóra da natureza humana.

Seria inexplicavel que o seculo XIX tivesse herdado e defendido êsse ponto de vista se sua tendencia geral não tivesse sido a da analise. Ela levou estadistas e pensadores até o individuo e, mais alem, até uma parte do individuo. Tambem é natural que tal conceito extravazasse dum seculo para o outro, não só pela amplitude que tomou, invadindo a propria filosofia basica do comunismo utópico dos Sansimonistas, como por ter sido irradiado pelas chamas da Revolução Francêsa, ateadas nos derradeiros anos do centenario.

Um estudo profundo da questão revela-nos que as doutrinas socialistas, coletivistas, comunistas e anarquistas se prendem, se radicam e se entrozam nêsse movimento de idéas. Razão de sobra, pois, tem Bourdeau (1) quando afirma categoricamente que o socialismo é filho da democracia e do capitalismo. O positivismo, que não tem a coragem de negar o espirito como o marxismo e fica na prudencia do não cogitar, é outra expressão da mêsma filosofia individualista e livre-pensadora. Para Farias Brito, positivismo é ateismo, o consciente não se póde explicar pelo inconsciente e o sistema de Comte é a negação da filosofia.

Em tudo e por tudo se nota o parentesco do liberalismo e do comunismo. Um parece a sombra do outro. Quando Guizot, expoente maximo da democracia burguêsa, considera as constituições politicas radicadas no *état des proprietés*, aproxima-se de Karl Marx, expoente maximo do comunismo, que as alicerça nas con-

(1) "La dernière évolution: socialisme ou communisme."

dições materiais, — o Estado determinado pelas fórmas produtivas. E, ao publicar o *Capital e Trabalho*, Lasalle proclama, como se se dirigisse a gente amiga, que o seu livro "fará centenas e centenas de prosélitos entre os burguêses...".

Só se póde, portanto, combater de verdade o comunismo aniquilando o liberalismo. Êle é o biombo constitucional que permite a ação destruidora contra as poucas paredes sociais que ainda subsistem. (1)

Minada dia e noite pelo seu proprio estatuto básico, o sufragio universal, a liberal-democracia não poderia durar muito. Se se pudesse duvidar da natural incapacidade do povo para escolher, bastaria meditar na preferencia que deu a Barrabás, condenando Jesus... Já a Biblia sabiamente aconselhava a não entregar á turba o julgamento dos feitos e a jamais inclinar a balança ao peso do numero. Justamente por não ser verdadeiro, o voto tem sido a cousa mais discutida dêste mundo. Dêsde Cicero se debate se deve ser público ou secreto. Público, sujeita-se a todas as imposições. Secreto, não se livra delas e revela que existem. As garantias que o regime liberal dá ao eleitor, morais ou materiais, são tão precarias que o proprio regime o esconde num cubiculo para votar!... Montesquieu considerou-o lei fundamental; mas a sabedoria politica de

---

(1) Lêde a opinião do grande chefe fascista inglês, sir Oswald Mosley: "The chance of the Communists to complete their work of destruction only arises when the Old Gangs of politics have completed their task of universal muddle."

lord Macaulay denominou essa lei fundamental *perigo catastrofico*. Cromwell repeliu-o como sendo o caminho da anarquia. Ernest Jones, escrevendo no *London Economist* sobre as eleições inglêsas, apregoadas como admiraveis paradigmas da instituição, apontava-as como resultados da opressão, da corrupção, do fanatismo, da pressão oficial, da intimidação impudente e das influencias ilegais! O camarada Tolain, agente de Karl Marx em França, quando Emile Ollivier fez o Imperio Liberal, escrevia ao seu chefe: "o sufragio universal emancipou-nos politicamente. Falta-nos agora nos emanciparmos socialmente." E Marx escrevia, pouco depois, a Engels: "O cavalo de páu entrou em Troia".

Pelo sufragio universal e pelo direito de gréve, o virus comunista penetrou na sociedade liberal — democratica burguêsa, que nada produziu de realmente grande ou forte.

O liberalismo, aplicado em primeira mão aos Estados Unidos libertados pelo genio de Washington, ao contrario do que em geral se pensa, quasi os degraçára, segundo o insuspeito testemunho de Motley. Levara-os, depois, á sangueira da guerra da Seccessão. Laugel (1) conta que a libertação dos escravos não passou de simples golpe dum grupo politico contra a constituição, afim de se apoderar da suprema direção do país, corressem os rios de ouro e de sangue que corressem. Conduziu-os, por fim, a um pragmatismo imoral, aos maio-

---

(1) "Les États-Unis".

res escandalos administrativos, a uma especulação indecorosa, a uma plutocracia materialista e venal, e ao dominio dos gangsters, vergonha duma civilização.

Em todos os outros países, creou, na expressão de Mussolini, "il laicismo scientista e la sua logica degenerazione, rappresentata dal liberalismo ciarlatano" (1); a estrutura anárquica das economias falhas de direção eficiente, caminhando ás cégas, sem plano geral de produção, sem doutrina moral, sem ideal superior; e a ruina da educação, inteiramente internacionalizada ou mecanizada. Camuflando suas formidaveis contradições afim de poder vegetar, por toda a parte abandonou o trabalho ás unhas do capital, varreu as disciplinas e permitiu, se não fomentou, o espaventoso crescimento do argentarismo sem pátria e sem coração. Com seus fócos de energia dispersos em poderes diversos, sob a corôa ou o barrete frigio, o absolutismo periodico dos presidencialismos ou a discontinuidade impotente dos parlamentarismos, julgou-se, como nota Sorel, a encarnação do progresso e não passou de fator de decadencia.

Por que fator de decadencia? Porque todas as forças creadoras e creadas, que não soube unir, manter e canalizar, lhe escaparam das mãos imbeles e viu, egoisticamente frio, a máquina dominar o homem, sem dar um passo para que o homem dominasse a máquina. Porque consentiu que a Materia marchasse orgulhosa e violenta contra o Espirito, preocupado tão somente em co-

(1) G. Pini — "Storia del Fascismo."

brar o imposto, fazer a policia e gerir mal a administração. Porque entendeu que os problemas nacionais se resolvem por meio de combinações de ministerios, de alianças de partidos e de conchavos de chefes politicos. Porque foi incapaz de encarar firmemente êstes problemas e de firmemente resolvê-los, deixando que, com o tempo, se tornassem insoluveis. Porque viveu continuamente de polemicas, de sucessões governamentais e de crises, dando á imprensa uma liberdade degenerada em licença anárquica e anarquizadora, desorientando os espiritos, mercadejando as opiniões, pondo a honra e a reputação dos homens de bem ao alcance das injúrias de qualquer foliculario barato, e prostituindo no balcão os mais sagrados interesses da patria. Porque, pregando o anti-clericalismo, traficou sempre com o clero e, negando a religião, fingiu hipocritamente respeitá-la. Porque somente produziu gozadores deshonestos, e descontentes, e desfibrados, e desiludidos. Porque chegou a tal ponto de descredito que, no seu seio, só o socialismo acabou sendo um ideal, tanto que d'Annunzio, joven e deputado, o escolhia por preferir a vida á morte. Porque, emfim, revelou sua falta absoluta de ordem e genio na solução de quaisquer questões politicas, economicas e internacionais, atirando o mundo á fogueira da Conflagração, repetindo em Versalhes os erros crassos do tratado da Vestfalia, não sabendo liquidar os salvados dêsse formidavel incendio e produzindo somente miseria e inquietação!

Cada dia mais doente em todas as suas instituições

legislativas, executivas, judiciarias — a democracia-liberal creou por falta duma doutrina de conjunto um cáos politico e social, injetou nas almas o desdem, o ceticismo e a amargura, e premiou todos os ineptos e flexiveis, desprezando, se não perseguindo, os altivos e preparados. Acabou sendo um regime alimentado a balões de oxigeneo duma sociedade farta e apodrecida até a medula, onde todas as crenças de ha muito morreram e todas as opiniões parecem ridiculas, onde todos se entediam após haverem tudo gozado e onde muitos prestam ouvidos ás sereias anarquistas ou comunistas: escritores cabotinos, mulheres doidivanas, jovens ignorantes, artistas decadentes, magistrados ambiciosos e até professores de cátedras oficiais, transformados em propagandistas de doutrinas destruidoras do proprio Estado que os paga...

"A burguesia — declara um mestre do marxismo (1) — não sabe mais onde dar com a cabeça". Naturalmente assim ha de ser, pois lhe falta o sentido duma cultura solida, perdeu o senso das realidades, não possúe um quadro de valores e se basêa numa profunda contradição, maior que a de seus partidos, a determinante da fórma do trabalho, presidido pela comunhão na producção e o individualismo extremo na distribuição. Foi êsse individualismo que levou quasi todos, se não todos, a considerar nação seu interesse pessoal.

O seculo XIX, que herdou do XVIII a liberal-de-

---

(1) Plekhánov.

mocracia, fracassou na biologia animal, exagerando o atomismo. Correlatamente fracassou na biologia social, exagerando o individualismo, e na biologia politica, extremando o processo da divisão de poderes. Seculo da análise e da separação, preparou a reação do nosso, que vai ser o da sintese, da união no individuo, na politica e na sociedade.

O liberalismo por toda a parte entrou em agonia. Falhou como fórma de justiça social.

COMUNISMO

O comunismo promete essa justiça por um processo que é simples reflexo do liberalismo. A mêsma figura invertida. Nasceram duma semente só e se destinam ao mêsmo fim destruidor. *Arcades ambo.*

Segundo Plekhánov (1), o marxismo é uma concepção *total* do mundo, una e indivisivel, penetrada da unidade duma idéa fundamental, — o materialismo fundado sobre Spinosa, mas Spinosa desembaraçado por Feuerbach de seus elementos ou residuos teologicos. A ortodoxia marxista considera una a base da doutrina: história e economia. Os dissidentes como Lunatcharski, Bazárov, Fristsche e Bogdánov separam-nas.

Essa concepção prende-se á filosofia materialista através dos milenios, explica-se pela teoria do determi-

(1) "Les questions fondamentales du Marxisme".

nismo materialista da história e se prova pelo metodo dialetico do raciocinio.

Na Grecia antiga, encontramos o materialismo ingenuo dos hilozoistas (1), que consideravam o homem materia animada e apta a perceber: Thales, Anaximenes, Heraclito e Anaximandro. Seguem-se, depois, os estoicos-atomistas: Zenão, Democrito, Epicuro. Em Roma, o genio poetico de Lucrecio canta essa doutrina. O judeu iberico Spinosa lança-a ao mundo ocidental com esta afirmação: "A materia é a negação de Deus". Seguem-se-lhes Hobbes e Locke, netos de Bacon e pais da escola materialista francêsa que preparou o advento da Revolução: Diderot, Helvetius, Holbach, La Mettrie, inventor do *homem máquina,* primo do *tool making animal de Franklin.*

Na Alemanha, Kant encarniçara-se, póde-se dizer, contra Deus, analisando miudamente, a razão de modo a matá-lo no coração das classes cultas. Fichte seguiu-o, dissecando o eu, de maneira a envenenar as classes populares. Hegel apareceu com um idealismo sutil, que não passa, no fundo, de materialismo, porque escorrega até a identificação da materia e do espirito na mêsma realidade; e com um metodo, que, virado pelo avêsso, servirá como uma luva ao marxismo. Emfim, Nietszche

---

(1) Hilozoismo ou panteismo naturalista dos filósofos denominados *jonios antigos,* que consideravam o universo do ponto de vista estatico, diferençando-se, assim, dos *jonios posteriores,* que o consideravam do ponto de vista dinamico: Heraclito, Anaxagoras e Empédocles.

quintessenciou essas tendencias no insulamento sensualista, com todos os direitos á vida seja como fôr.

Henri Heine profetizou que todos êsses filosofos da natureza se identificariam com a obra de destruição do mundo, em que êle proprio tomaria parte, como judeu. Tais filosofos se diziam idealistas e instilaram nas almas, por isso, perigosos venenos. Seu idealismo vinha, com efeito, de Platão, mas drenado através do subjetivismo dos sofistas, Protágoras de Abdera, o relativista, para quem o homem era a medida de todas as cousas, ou Górgias de Leoncio, o negativista. Êsse idealismo sem o principio divino da idéa foi descascando o homem, isolou-o de tudo e o pôs nú entre a sarça de fogo do liberalismo e a planicie gelada do comunismo. Que escolhêsse seu caminho, empeçonhado de descrença e embaralhado pelos sistemas contraditorios! O desgraçado queimou-se na fogueira liberal e agora quer curar a dôr das suas queimaduras nos gêlos comunistas. Quando lhe apontam outro remedio, êle berra que é ditadura e bate o pé como criança malcriada, a gritar! — Eu quero a liberdade!...

Lange escreveu que o verdadeiro materialismo, sempre se inclina a dirigir as vistas para o conjunto da natureza objetiva e a considerar o homem simples onda no oceano da materia (1). Dêsde Spinosa, a filosofia, quer materialista, quer idealista, caminhava no sentido dêsse isolamento e aniquilamento do homem, atingido

---

(1) "Histoire du Materialisme".

em suas proprias razões morais de viver. Stern demonstrou cabalmente, o espinosismo de Marx e de Engels, unicos materialistas conscientes na opinião de Plekhánov (2). Aliás, a leitura do *Miseria da filosofia* de Marx mostra claramente as engrenagens que unem todos êsses sistemas filosoficos.

Penso, logo existo! proclamou Descartes em resposta ao problema fundamental da filosofia: é o espirito ou é a materia o começo de tudo? Marx proclamou o contrário, sem a menor originalidade (3): "O pensar é condição do existir e não o existir do pensar". E, não tendo como explicar o existir, que ficou orfão de pai e mãe, apressou-se a acrescentar: "O existir é condição dêle proprio... a causa do Ser reside nêle mêsmo". Feuerbach tinha entendido e resolvido o problema desta sorte, mas só quanto ao individuo abstráto. Marx ligou o individuo assim considerado a uma fórma social e creou o comunismo cientifico. Todos os seus exegetas e continuadores incessantemente reafirmam essa base. Segundo Plekhánov, o ser material é sujeito e o pensamento atributo, o pensar não é causa, mas consequencia do existir, e a sensação precede o pensamento. Para Bukarine, o espirito não póde existir sem a materia, porem a materia póde existir sem o espirito, que é uma qualidade especial da materia, organizada de modo tam-

---

(1) "Les questions fondamentales du marxisme".

(2) Moleschott já declarara que "o pensamento é um movimento da materia", e Vogt, que "o cerebro segrega o pensamento como os rins segregam a urina".

bem muito especial. E' muita especialidade! O mêsmo autor acrescenta que, se se pudesse desmontar um homem como se desmonta um relogio e tornar a montá-lo, a alma voltaria a funcionar. Que pena os soviets não tentarem a experiencia!... E, na opinião de Forel, psicologia e fisiologia do cerebro são simplesmente dois modos diversos de coordenar uma unica e mêsma cousa.

"Na produção social de sua vida — está com todas as letras em Karl Marx — os homens se acham ligados por certas relações indispensaveis, independentes de sua vontade (*de sua vontade*, veja-se bem!) pelas *relações de produção*, as quais correspondem a determinado gráu de evolução de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitúe a *estrutura economica* da sociedade, base real sobre que se eleva a superestrutura juridica e politica". Pois bem, o hermeneuta Bukarine (1) julga que os fenomenos sociais se realizam pela vontade dos homens. E, como essa contradição irmanaria o comunismo ao liberalismo, adeanta, á guiza de ressalva, que o marxismo não nega a vontade humana, mas a explica...

Nascido em 1848, quando o homem, pelos meios de que dispunha, só podia ter uma visão parcial da vida, o marxismo é a doutrina mais contraditoria dêste mundo. Para ela, a vida somente depende do meio geografico e seus pontifices alardêam a limitada observação de Schweinfurth: os habitantes de certas regiões

---

(1) "La theorie du matérialisme historique".

da Africa que usam instrumentos de ferro puseram-se naturalmente a trabalhar êsse metal, porque êle existia ali em abundancia. Entretanto, nós sabemos que Minas Gerais é uma das porções do globo mais dotadas de ferro, que os indigenas que nela viveram nunca o trabalharam e que os civilizados que nela vivem ainda o não trabalham como devem. Alardêam que a escravidão é mera *relação de produção* marcando o começo da divisão em classes e nós sabemos que as classes nascem primeiro das desigualdades de idade e que houve sociedades divididas em castas sem escravidão no seu conceito verdadeiro. Alardêam que os conquistadores *economicamente* atrazados sofrem a influencia dos conquistados *economicamente* mais adeantados e a história está cheia de exemplos dessa influencia exercida pelos conquistados *moral e inteletualmente* mais adeantados.

Para os comunistas, a história é simples resultado do movimento automatico da economia e das reações que produz. A sociedade toda se explica pelo desenvolvimento economico. Naturalmente, essa visão lateral esbarra deante dos fenómenos superiores de ordem inteletual. Ha, então, recurso a sofismas, ás vezes grosseiros. Quando a economia cede lugar á psicologia, êles dizem que o fator economico conserva *inteiramente* seu valor predominante *mêsmo cedendo lugar* a quaisquer outros fatores..." Os desenvolvimentos juridico, filosofico, literario, artistico, etc. repousam sobre o economico; mas todos reagem, conjunta e separadamente,

um sobre o outro e sobre a base economica (1). "As fórmas espirituais da sociedade são, por conseguinte, meras superestruturas da fórma material, que é a base. O que dá lugar a êste passe de magica; ás vezes, só em *última analise* se encontra uma explicação para a formação da parte espiritual da sociedade pela parte material, base e superestrutura entre as quais existem séries de outros fatores...

O encadeamento fatal de causas e efeitos, a necessidade, como se diz em filosofia, foi classificado por Schelling como o inconsciente, por ser o determinismo material. Pois é nêle que, para os teoristas do comunismo, tudo se basêa, e é êle quem produz o consciente. O inconsciente pai do consciente é a mais completa inversão de tudo!

Karl Marx escreve o seguinte: "Na vida social, os homens se enlaçam em relações determinadas, independentes de sua vontade, em relações de produção que correspondem a determinado gráu de evolução de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitúe a estrutura economica da sociedade, base real sobre que se eleva a superestrutura juridica e politica, e á qual correspondem fórmas determinadas da consciencia social... E' a maneira de ser dos homens que determina sua consciencia". Não póde haver afirmação mais clara da produção do consciente pelo inconsciente. Superestruturas, portanto, se

---

(1) Carta de Karl Marx a Engels em 1854.

denominam todas as fórmas que se elevam acima da base economica, decorrendo delas as ideologias ou sistemas de psicologia subjetiva e projeção objetiva: Ciência, sistema de pensamento em torno dum objeto de conhecimento. Moral, sistema de regras de conduta. Arte, sistema de sensações, sentimentos e imagens resultante do excedente economico dos primeiros gráus do desenvolvimento social. Lingua, sistema de gritos articulados escapos ao homem durante o trabalho, cuja relação (veja-se só a que especie de raciocinio a teoria recorre!) se foi tornando com o processo de produção "de tal modo indireta" que hoje só depende da técnica da mêsma produção através da "relação de dependencia" em que essa técnica se acha *vis-à-vis* das outras superestruturas. Poesia, emfim, segundo Karl Bücher (1) originada no trabalho, tendo os movimentos ritmados do corpo transmitido á linguagem as leis dessa coordenação. Tudo isso é um rebaixamento completo daquilo que Bacon denominava "a dignidade das ciências". O curioso é que, ha muitos seculos, os macacos, especialmente as guaribas, emitem gritos quebrando côcos, não constando que tais gritos se tenham transformado em lingua nem em poesia com relação de dependencia, direta ou indireta, com a técnica de quebrar côcos das guaribas.

O curioso é que, renegando toda a *ciência burguêsa*, o marxismo se funda em uma concepção emi-

---

(1) "Arbeit und Rythmus."

nentemente burguêsa como a do materialismo historico, desenvolvido por Thierry, Mignet, Guizot e Morgan. Vive de emprestimos e contradições. A Mehring, Engels escrevia: "O pensador julga-se consciente, mas não o é, porque ignora as verdadeiras forças motoras que lhe são desconhecidas (*sic*) e imagina outras falsas e aparentes". Ora, se essas forças são desconhecidas ao pensador em que se basêa Engels para decidir que elas são exclusivamente as materiais? Os proprios marxistas não chegam a acôrdo na exegese de algumas definições de seu papa, como a de que não é a religião quem faz o homem, porem o homem quem faz a religião. Para Bukarine, a religião é, com a filosofia, uma das lentes com que se examinam os fátos. Para Bogdánov é filha das relações de produção. Para Achelis, é reflexo das concepções politicas e sociais. Para Pokrowski, que plagia Lucrecio e Voltaire, é resultado do mêdo dos mortos.

A filosofia não é melhor tratada. Plekhánov proclama o idealismo filosofico procedente do animismo primitivo e Platão o grande filosofo esclavagista. No seu modo de pensar, os homens são simples produtos das circunstancias e da educação, podendo modificá-las e devendo ser educados para isso. Nada se explica pela evolução de seu espirito, porem se enraiza nas condições materiais da existencia, que reagem sobre êles e sofrem as suas reações. Êste é o segredo da verdadeira interpretação materialista da história. Consequentemente, a filosofia tambem depende da evolução técnica e do

nivel das forças produtoras. Esquecimento das lições da propria história, daquela maravilhosa floração de escolas filosoficas nas pequeninas republicas gregas e do deserto de idéas filosoficas na vasta Russia Sovietica. Como de cidades minúsculas e pobres, agitadas pelas facções, surgiam tantos sistemas de filosofia e de imenso país dominado pelo marxismo não surgem ao menos comentadores de talento á obra de Karl Marx?

O sistema é falso e contraditorio. Quando Bukarine escreve que os animais se adaptam á natureza passivamente e a sociedade, ativamente, eu pergunto onde o determinismo dessa adaptação, se nela intervem a atividade? Quando afirma que a tendencia á multiplicação é *infalivelmente* inerente á natureza humana, o unico processo natural, animal, biologico existente antes da economia social, eu pergunto se essa natureza humana não é identica á dos racionalistas, se não é falsa uma base que admite antes de si outra cousa e se não seria mais logico e coerente fundamentar o marxismo na tendencia á multiplicação, já que ela existiu "antes da economia social"? Quando decreta que a técnica antiga determinou a economia antiga e a técnica capitalista determinou a moderna economia capitalista, eu pergunto como póde ser isso se o comunismo define a economia antiga como natural e a moderna como anti-natural? Quando acrescenta que a técnica social determina a estrutura da sociedade, eu pergunto por que se não considera como base de tudo a técnica ao invés da economia?

Maior contradição ao conceito determinista é a do proprio Marx, com todas as letras, na definição que dá do trabalho: "Trabalho é o processo pelo qual o homem se opõe como força natural á essencia da natureza (1)." Que determinismo é êsse que admite a oposição do homem, como "força natural"? E' uma definição burguêsa que aceita a vontade humana. Se a natureza tudo determina, como alguem se lhe póde opôr?

Engels reconhece que a humanidade sairá do reino da *necessidade* para o da *liberdade*, a qual é o imperio exercido sobre êle proprio, sobre a natureza externa, "baseado no conhecimento das necessidades inerentes á natureza." O homem atingirá essa liberdade, continúa, porque a submissão á natureza é condição de seu poder sobre ela ou de sua libertação. O que quer dizer que, um dia, o determinismo levará a breca, vencido pela vontade humana, e que o homem tem finalidade. Onde, pois, a negação marxista da teleologia? E que especie de determinismo é êsse com prazo de vida marcado?

A luta de classes, (2) móla comunista da sociedade, nasce, para Bukarine, do comando e da submissão; para Plekhánov, da escravidão; para Engels, da divisão do trabalho. Cada cabeça, cada sentença! A luta de classes é outro emprestimo á burguesia liberal. Ela está esboçada em Mignet, em Guizot e em Thierry.

---

(1) "Das Kapital".
(2) No fundo, o mêsmo que a luta de raças de Gumplovicz e a luta de interesses de Ratzenhofer.

A filosofia comunista nega a pés juntos a teleologia, a finalidade, porque ela implica a aceitação da idéa de progresso, contrária ao determinismo. Nega-a de publico e a aceita ás ocultas. Não admite a finalidade, porque tudo só póde ser produzido por causas naturais e um fim pressuporia a existencia de *alguem* com a consciência dêsse fim; mas dizem que o fenómeno da evolução, não determinado aprioristicamente por uma divindade, surge como uma rosa do botão á medida do desenvolvimento natural. Êste é o meio que encontraram para justificar o fim do comunismo, pois êle o tem predeterminado e preconcebido, apesar de toda a fôrça de seu determinismo, finalidade já descrita e imaginada antes de existir contra o dogma de que o pensar é função do existir!

Êle não será uma ochlocracia ou governo das massas, embora as unifique e nivele pelas condições de existencia, habitos e trabalho em comum. Como a ditadura cientifica do positivismo, a do proletariado é, teoricamente, um corredor de passagem para situação identica á sonhada por Proudhon, pelos anarquistas e positivistas: negação do Estado, o governo das cousas sucedendo ao governo das pessôas, o desaparecimento total dos jogos impostos ao homem em nome de abstrações, como dizia Stirner: religião, ciência, moral, direito, lei, familia, a ficção estatal já criticada por Kant. Nem classes em luta, nem nórmas legais, nem contradições entre interesses individuais e coletivos. E, como deslumbrante complemento, esta miragem

poetica de Trotski: "Outra raça mais bela de corpo, de movimentos ritmicos e voz musical. Em cada esquina, se encontrarão Platões, Galileus e Marxs..." (1) Ha tres lustros o comunismo é dono inconteste da Russia e, se lá pudesse voltar, Trotski não encontraria Platões e Galileus pelas esquinas, porem os esbirros da Guepeú...

Nota o professor Brandenburg (2) que a concepção materialista da história faz depender todas as variações da vida social das mudanças das forças produtivas, mas não consegue explicar por que todas essas mutações somente se processarão no sentido do comunismo. Por que se não encaminharão noutro rumo? Como coadunar êsse ideal com a definição de Marx "o ideal é o material traduzido no cerebro humano por uma linguagem especifica"? Nêste caso, a linguagem especifica precede a existência material dessa sociedade perfeita. O comunismo é uma fórma de sociedade agraria incipiente. Os sansimonistas lançaram-no como utopia. Marx pretendeu-o transformá-lo em doutrina cientifica, mas êle, coitado! não vai lá das pernas...

Se o material precede o espiritual e se a idéa somente nasce da sensação, não sei por que o arquiteto desenha a planta do edificio antes e não depois de construi-lo. Tambem não sei por que Karl Marx afirma que o homem "se propõe fins precisos". Não conheço deter-

---

(1) "Litteratur und Revolution".
(2) "Die Materialische Geschichte auffassung; ihre Wesen; ihre Wandlungen".

minismo mais desmoralizado. O passaro João de Barro, ao levantar sua casa, opõe formal desmentido á teoria marxista, orientando a abertura no sentido contrario ao vento e á chuva. Se êle não concebesse antes de executar, fá-la-ia com a porta para qualquer lado e só depois da experiencia do vento e da chuva fecharia a abertura errada e arranjaria outra no lugar proprio. O interessante é haver homens com a pretensão de sêrem inferiores ao João de Barro...

O marxismo insurge-se contra o aforisma de que a natureza não dá saltos. Necessita derrubá-lo, afim de poder explicar a passagem violenta do individualismo para o comunismo. O processo gradual do conservatorismo de Leibnitz é substituido pela concepção dos saltos revolucionarios. Inspirando-se em Schlosser, que preconizava a violencia com "torrentes de sangue"; em Hegel, que conceituava a ruptura duma fórma antiga pelo nascimento de qualquer cousa nova em virtude de mudanças quantitativas e qualitativas (1); e na teoria das mutações de De Vries, Marx e seus discipulos combatem as transformações graduais, procurando provar os saltos com as passagens *súbitas* da musica, as das unidades para dezenas e a fervura da agua... Êles proprios encarregam-se de arrazar o que dizem com as mais flagrantes contradições. Marx conceitúa: "A revolução economica leva á revolução politica." Bukarine sentencia: "Os saltos são preparados por toda a mar-

---

(1) "Wissenschaft der Logik".

cha anterior das cousas". Comenta ainda: "preparados por toda a marcha anterior como a ebulição da agua é preparada pelo aquecimento ou a explosão duma caldeira pela crescente pressão do vapor contra suas paredes". Entretanto Plekhánov, com o rabo enroscado em Hegel, continúa a afirmar: "As modificações quantitativas, acumulando-se pouco a pouco, tornam-se afinal modificações qualitativas. Essas transições se fazem por saltos". E' o cúmulo!

O marxismo é o belchior das roupas velhas de Hegel. Usa-as pelo avêsso. Naturalmente. Diz Hegel que a marcha das cousas é determinada pela marcha das idéas; Marx, que a marcha das idéas é determinada pela marcha das cousas. Hegel admite que o progresso do pensamento se faz graças á solução das contradições dos conceitos; Marx, que tais contradições são simples reflexos no pensamento das contradições dos fenómenos. Hegel aplica a dialetica ao mundo das idéas; Marx, ao mundo material. Para Hegel, a idéa se manifesta na realidade; para Marx, a realidade manifesta-se exteriormente pela idéa. Contrarios nascidos duma semente comum, exprimindo cada qual uma parte da verdade, mas convencidos de exprimir a verdade integral. Trendelenburg foi o primeiro a dizer que a dialetica idealista errava, afirmando o movimento inerente e proprio á idéa pura, movimento que seria a auto-creação do ser. Karl Marx, segundo seus exegetas, corrigiu êsse erro. "Meu metodo dialetico — escreveu — não somente é distinto do de Hegel, mas diametralmente oposto". No prefacio

do *Capital*, orgulhou-se de ter posto de cabeça para cima a dialetica que encontrara de cabeça para baixo. Se ainda fôsse vivo, certo o filosofo alemão apregoaria o contrario. Na sua opinião, a dialetica considera cousas e conceitos "na sua conexão encadeamento, movimento, aparecimento e desaparecimento". A concepção biologica de Darwin enquadra-se nêsse cánone e por isso é materia de fé para os comunistas, que se orgulham de ser descendentes do macaco. Êste, infelizmente, não póde ser consultado para nos dizer se está satisfeito com a sua familia...

Tudo o que existe se acha submetido a certa ordem e a tarefa da ciência é descobrir essa regularidade e essa ligação dos fenómenos. Provada uma descoberta nêsse sentido, ela se torna verdade cientifica, quer tenha sido feita por um nobre, por um burguês ou por um operario. No marxismo, êsse caráter cientifico desaparece e é substituido pelo caráter de classe, porque o proletario precisa dominar todos os setores sociais, afim de reorganizar o mundo... Bukarine é claro, categorico: "A ciência proletaria é a verdadeira e deve ser obrigatorio reconhecê-la como tal". Isso, porque a ciência não é ciência por si, mas tem sua fonte nas necessidades da sociedade ou das classes que a compõem, e, direta ou indiretamente, depende das forças produtivas (1).

Velha, seródia teoria o materialismo historico de Karl Marx, renasceu em 1848 e se apresenta de rabona

---

(1) Bukarine; "La théorie du matérialisme historique."

e lenço de rapé no seculo da eletricidade. Despresando os progressos cientificos, Goster e Bukarine proclamam-no teoria genial, o mais precioso instrumento de interpretação de todos os fenómenos saído do engenho humano. Todavia, dos fins do seculo XIX até hoje alargaram-se gigantescamente os horizontes da história, ampliou-se o circulo em que ela se processou, o espirito europeu encontrou novos rumos nos documentos arqueologicos, penetrou mais fundamente as civilizações orientais e a etnografia de inúmeros povos primitivos, descobriu varias culturas ignoradas que o entulho dos milenios submergia no coração da Asia, em Creta, em Tirinto, em Micenas, nos promontorios do Egeu, em Tartesso, nas selvas da America Central, nas areias do Sudão e nos *mounds* dos Estados Unidos. E ainda depois dos trabalhos de Schliemann, Dussaud, Evans, Mosso e Schulten, nos querem impingir como novidade uma velharia de 1848 somente porque foi pintada de vermelho na Russia!...

O verdadeiro creador do comunismo marxista é o velho materialismo judaico que vem dêsde muitos centenarios solapando os alicerces da civilização cristã. Êle influenciou o advento do liberalismo que abriu as portas ao comunismo. Bourdeau reconhece as "estreitas afinidades que ligam o socialismo aos traços distintivos da raça judaica, entre os quais o espirito cosmopolita, racionalista e messianico". Toda a corrente filosofica materialista, que vem do seculo XVIII, corresponde a movimentos politicos-inteletuais dos judeus: os Maski-

lim, a ação de Leopold Zunz, o Néo-judaismo e o Néo-messianismo (1). O israelita Bernard Lazare escreve que os judeus vivamente se interessaram pela primeira etapa da *revolução economica* de 1789, após a qual, como diz Bourdeau, — nasceu o socialismo dos males que resultaram para a classe operaria da abolição das corporações. Bernard Lazare acrescenta que êles influenciaram a segunda revolução, depois de 1830, sobretudo através da maçonaria. São os propagadores do ateismo geral. Marx pôs êste pedacinho de ouro no *Réquisitoire à la Droumont*: "A fórma mais rigida de oposição entre o judeu e o cristão é a oposição religiosa. Como se resolve essa oposição? Tornando-a impossivel. E como se torna impossivel uma oposição religiosa? Suprimindo-a". Se não existissem outras provas da interferencia judaica nos movimentos filosoficos e revolucionarios desintegralizadores da humanidade, esta seria mais do que bastante.

Karl Marx era judeu, duma familia rabinica-talmudista de Trèves. Engels era judeu, duma familia rabinica de Barmen. Lenine casou com uma judia. Os comissarios do povo na Russia, na maioria, judeus. Bela

---

(1) Ela destroi sempre o Estado, em obediencia á tradição da raça. Já Deodoro Siculo fazia notar as tribus semitas que buscavam no nomadismo o meio de se não constituirem em Estado. Segundo David Michaelis, no "Mosaïsches Recht", os Rachebitas, descendentes do sogro de Moisés, agiram do mêsmo modo e para identico fim. Bebel, no "La femme et le socialisme", acha que êsses costumes e tradições impediram os judeus de "fundar um Estado".

Kun, judeu. Trotski, judeu. As suas doutrinas são, na verdade, de traição nacional e de decomposição social, destinando-se a destruir a religião, o principio de autoridade e a idéa de pátria, transformando-a em espirito odioso de classe. E' o proprio Marx quem o diz na sua definição: "Estado é o proletariado organizado em classe dominante". E Lenine acrescenta: "Estado é uma máquina destinada a esmagar uma classe pela outra". Entretanto, o grito — "proletarios do mundo inteiro, uni-vos!" passado quasi um seculo, ainda não conseguiu acabar com as pátrias e hoje outro lhe responde, universalizando, não uma classe, mas uma doutrina, dentro da qual é sagrado tudo quanto o marxismo destrói: — "inteletuais do mundo inteiro, uni-vos!...

A doutrina economica do marxismo é falsa, mas arranjada de sorte que sua expressão vulgar possa ser facilmente apreendida pelos cerebros rudimentares. Já Höffding (1) notava que o materialismo se vulgarizava pela sua infantilidade. Tudo é mercadoria e tudo tem valor de especulação. O valor estabelece-se pelas horas de trabalho. E', pois, o tempo do trabalho que fixa o valor duma mercadoria. Isto tem por fim provar que é o operario o unico creador da riqueza. Desta sorte, uma caixa de páu que custou seis horas de trabalho vale mais do que uma caixa de ouro que custou cinco... Em consequencia do lucro dos intermediarios, a mercadoria adquire o chamado *mais valor,* roubado a Proudhon, que

---

(1) "Histoire de la Philosophie".

determina o valor da especulação. Abstráem-se, portanto, a inteligencia, a cooperação, a técnica de industriais e comerciantes para considerá-los meros parasitas sugando o *mais valor* da produção. Por conseguinte, o operario deve expulsá-los.

Realizará o Estado-sociologico, que emana das condições da evolução economica, contrário ao Estado-politico, máquina opressora ao serviço duma classe. "A politica — declara o Partido Comunista Russo — é a "expressão concentrada da economia" e se estriba na filosofia de Marx e Engels. De acordo com a teoria dos saltos, o primeiro admite o proletariado unido como classe dominante, abolindo pela violencia as antigas relações de produção e as antigas condições da existencia, afim de fundar aquela associação de que fala no *Miseria da filosofia,* em que não haverá poder politico propriamente dito, porque o poder politico é simples expressão oficial das contradições partidarias. Desaparecerá a familia e desaparecerá, como consôlo dessa pêrda, a prostituição. Não haverá governo nem constituição. Direito, costumes e moral serão determinados unicamente pelas relações economicas. As Internacionais terão acabado com as pátrias e estendido sobre o mundo as suas asas abafadoras. O reinado do Novo Messias para os dominadores e o do Anti-Cristo para os dominados! A moral será simples regra auxiliar nêsse paraiso, sistema de nórmas técnicas como as do marceneiro para fazer um tamborete. E desaparecerá no último estalão de progresso da sociedade comunista, porque fi-

losofia, instituições juridicas, moral, religião, familia, tudo isso são meras construções ideologicas determinadas pela infraestrutura da sociedade e aplicadas por uma clsase para dominar a outra (1).

Augusto Comte chamou a sociedade organismo coletivo. Herbert Spencer ampliou o conceito: super-organismo. Woreng e Lilienfeld desenvolveram a mêsma tese. Os doutores do marxismo reconhecem com o *Capital* que ela é um organismo produtivo. Acham, porem, que tem tambem alguma cousa de maquinismo, pois Marx a definiu como sistema baseado nas relações oriundas do trabalho. Êsse organismo-maquinismo, quando estiver funcionando, não precisará de constituição escrita. Sua constituição será em áto.

O exemplo concreto de Estado comunista que temos como unico paradigma é a Russia, ainda em situação transitoria como os seus técnicos afirmam. Seus sovietes ou conselhos de operarios e camponêses teem por fim associar o povo á gestão da causa pública. Só os operarios pódem ser eleitores, homens e mulheres depois dos 18 anos. Os sovietes locais elegem os sovietes distritais, que elegem os delegados ao Conselho Geral. Êste reune-se uma vez por ano em Moscovo. A administração é exercida por certo numero de comis-

(1) "Qualquer filosofia — escreve o eminente padre Leonel da Franca — que importe a destruição do direito e da moral, a extinção da virtude e do heroismo, a dissolução da familia e da sociedade não é verdadeira. Só o erro póde ser imoral nas suas consequencias".

sarios do povo, que emanam dessa assembléa. O Conselho Geral elege anualmente os 300 membros do Tzyk, que nomêa os comissarios e os fiscaliza. Essa é a teoria. Na pratica, os comissarios dominam os corpos coletivos e a minoria comunista, milhão e meio para 160 milhões de habitantes, estrangula por meio de seu secretariado, nas mãos de Staline, qualquer reação. "O Estado comunista — escreve Lenine — não é limitado pela lei e tem por base a violencia". Funda-se em Spinosa: "O direito de cada um vai até aonde vai seu poder". Sua justiça mêsmo é uma justiça de classe e se basêa nesta declaração pública: "Nós não podemos ter o escrúpulo da legalidade". Por isso, é de morrer de riso a indignação do judeu-comunista Rappoport (1) quando se insurge contra o fascismo e o declara máscara com que o capitalismo lança mão "até da ilegalidade"!... Kokovtzof consigna no Estado sovietico dois sistemas: um estatal, comunista, na grande indústria, nos transportes, no credito, no comercio externo; outro, já assinalado por De Monzie, de regressão á iniciativa privada, na pequena indústria, no comercio e na agricultura. Tudo isso decorre da marcha á ré da Nova Politica Economica imposta pelas circunstancias, ás vezes mais fortes que as ideologias. (2)

---

(1) "Précis du communisme".

(2) A NEP ou Nova Politica Economica data de 1921 oficialmente, mas já em Abril de 1918 Lenine a anunciava com certas medidas. O comunismo puro durou pouco...

INTEGRALISMO

O liberalismo isolou o homem no individualismo e somente o considerou como cidadão-eleitor. O comunismo submerge-o no oceano da massa e o transforma em parafuso com estomago e libido dum maquinismo social. O mundo inteiro sente a imprescindivel necessidade duma sintese que combata essas analises unilaterais. No duelo travado entre burguêses e operarios, os verdadeiros inteletuais entram com uma terceira fórma de justiça social. Karl Marx não previu êste aspéto da luta de classes. Sua doutrina coordena os valores sociais dispersos e os canaliza para alto fim humano. Suas primeiras manifestações chamaram-se fascismo e nacional-socialismo. Sua expressão mais completa chama-se integralismo.

Com o vapor e o gás de iluminação, o seculo XIX só podia vêr tudo por partes. Daí em todos os sentidos o seu prurido de análise herdado do seculo XVIII. Seu maior erro, porem, foi acreditar e esforçar-se por convencer que possuia visão totalitaria dos fenómenos. Ao seculo XX caberia a gloria das doutrinas e concepções integrais, de maneira que a luta do Integralismo contra o Liberalismo do seculo XVIII e o Comunismo do seculo XIX é simplesmente a da mocidade contra a velhice, do presente que visiona o futuro contra o passado, da vida contra a morte.

Todas as tendencias dos seculos XVIII e do XIX fôram de tomar em tudo as partes pelo todo. O darwi-

nismo, por exemplo, faz da função secundaria da adaptação a função vital por excelencia e constrói sobre ela uma teoria, interpretando fenómenos de pseudo-vitalidade e outros semelhantes como primarios.

Houve no seculo XX completa mudança de horizonte. Compreendeu-se a universalidade da vida. Teve-se a intuição consciente do pluralismo universal, dentro do qual se acham todos os sintomas do que Ortega y Grasset denomina a "ultra realidade unitaria", produzindo, consequentemente, um pensamento integral. Contemplou-se a história como verdadeira escola da politica, afim de se saber o que é possivel realizar hoje e esperar de amanhã, estudando a curva do passado, da qual hoje e amanhã são simples prolongamentos. Libertou-se a história das limitações que lhe impunham o conceito racionalista ou o determinista. Afirmou-se o primado da idéa sem excluir o valor da realidade. Para êste seculo — como escreve o pensador espanhol (1) — a vida é ecumenica, universal e cada gesto, cada movimento que fazemos dirige-se ao universo e já nasce configurado pela idéa que dêle temos. Não se trata mais de raças, povos e homens, de sua natureza e relações de produção em particular; porem de tudo isso junto, de seu sentido da vida, de sua cultura.

"A história, diz o padre Leonel Franca com acerto, não é nem só nem principalmente biologia, mas sobretudo psicologia e moral, e, na marcha evolutiva da

---

(1) Ortega y Grasset — "Las Atlantidas".

humanidade, mais que o sangue e o clima, inflúem as idéas, os sentimentos e as aspirações, os crimes e as virtudes, as fraquezas e os heroismos, explicaveis só pela liberdade que a psicologia ignora".

As culturas passaram a ser os grandes protagonistas da história, com seus sintomas proprios: elementos e fenómenos etnograficos, éticos, linguisticos, artisticos, politicos, religiosos; todas irradiando-se em ciclos. E, alem delas, "o cósmos eterno e invariavel, do qual o homem vai alcançando vislumbres em um esforço milenar e integral, que se não torna eficiente só com o pensamento, mas com todo o organismo, e para o qual não basta só o poder individual, sendo necessaria a colaboração dum povo inteiro. Periodos e raças, isto é, as culturas são os orgãos gigantes que logram perceber algum breve espaço dêsse alem-mundo absoluto. Mal póde existir uma cultura que seja verdadeira quando todas elas unicamente possúem um significado instrumental e não passam de amplissimos aparelhos sensoriais exigidos pela visão do absoluto." (1)

Ha 25 anos delinêa-se êsse pensamento fundamental. E' novinho em fôlha, do nosso seculo e não de 1848, como o comunismo, ou de 1789, como o liberalismo. Êles são a velhice. A *Kulturkreise* é a mocidade. Os movimentos sociais não são feitos pelos anciãos, mas pelo espirito da juventude. Frobenius introduziu êsse pensamento na etnologia, mostrando que cada elemento

---

(1) Ortega y Grasset — Op. cit.

etnografico deixa de ser objeto propriamente histórico independente para se tornar mero atributo duma cultura, do mêsmo modo que a côr, o sabor, a fórma e o pêso não são cousas por si, mas qualidades duma cousa. Assim, o homem histórico é a soma de sua cultura, em que usos, fórmas juridicas, noções religiosas, conceitos politicos e relações de produção não passam de simples articulações dum todo (1). Contrariando a teoria das idéas fundamentais de Bastian, a nova teoria declara as culturas organismos, cada qual com sua maneira especial de ser.

Em 1905, Breyssig (2) já percebia a realidade historica produzindo-se em grandes ciclos, cada um dos quais percorria uma serie de épocas identicas. Todavia, nem todos os povos passavam dumas para as outras, ficando alguns em estado selvagem até desaparecerem. A história respirou livre dos grilhões do racionalismo e do determinismo. A visão integral do novo seculo nela descortinou fenómenos da natureza humana, da causalidade e de cultura, êstes acima das utilidades e necessidades, superiores a tudo, como Weber o reconhecia no 2.° Congresso Alemão de Sociologia. E' a Nova Idade Média de Berdiaeff que se anuncia com o seu espiritualismo profundo, que já produziu a Nova Escolastica (3).

---

(1) "Paideuma, Umrisse einer Kultur und Seelenlehre."
(2) "Stufenbau und Gesetz."
(3) E' ela quem justifica a exclamação de sir Oswald Mosley: : "We fight not only for the material salvation of our country. We fight also for a rebirth of the Spirit."

Isto é uma revolução completa no dominio da filosofia, projetando grande clarão no panorama das concepções sociais e politicas; é a imposição dum principio novo sem destruição dos principios anteriores, simplesmente reduzindo-os de bases a seu verdadeiro papel de aspétos laterais do mêsmo problema. Existe a vontade humana, embora Spinosa e Leibnitz a negassem, mas condicionada pelo ambiente e só se projetando no futuro. Existe a fatalidade, mas passivel de modificação no futuro, embora imutavel no passado. Regula-as e dirige-as o espirito, manifestação da Providencia, da ordem de cousas ocultas que desconhecemos. E um repertorio integral de fórmas culturais indica que cada produto humano, material ou moral, tem misteriosa afinidade com todas as atividades sociais, normalmente só surgindo com elas "como a tromba do elefante só aparece na zoologia integrada com os demais órgãos do paquiderme", isto é, em função correlata com êles.

Depois de Breyssig e Frobenius, vem a obra de Spengler. Pondo de parte seu pessimismo, traz tambem uma das primeiras palavras sobre a grave questão, mostrando que cada cultura é inconfundivel e que, dentro dela, o individuo, liberto do culto da razão abstráta e do individualismo "irmão do pessimismo", como pensava Séneca, é um instrumento capaz de produzir varias melodias e não somente capaz de deveres civicos, como o homem liberal, ou de satisfazer necessidades materiais, como o homem-economico. "Na atividade humana, doutrina Vilfredo Pareto, a razão é secundaria. A prima-

zia cabe aos sentimentos. A razão é farol. O sentimento é motor". O sentimento duma cultura é o creador da similitude de idéas morais, unico laço forte capaz de unir os homens em sociedade. Paul Ernst e Keyserling pregaram o regresso aos grandes ideais de moral, sabedoria, hierarquia, ordem, crença e fé. Êsse retorno ás verdades eternas (1) não é decadencia como querem os marxistas congelados numa doutrina frigorifica de 1848; mas volta ás fontes de vida abandonadas pela análise subversiva de todos os valores, afim de se organizar a sintese da grande reação inteletual, sintese traçada por Durckhein: "Ao homem é necessario uma sociedade fortemente integrada, porque a desintegração da sociedade religiosa, familiar e politica fatalmente o conduzirá ao desencanto e ao suicidio". (2) Acrescentamos por nossa conta: ás duas fórmas de escravidão análoga: individualismo e comunismo.

Quando Max Martersteig (3) apelou para o sentimento de alta responsabilidade social dos homens de inteligencia, afim de salvar a sociedade da anarquia liberal e da escravidão comunista, Bukarine escreveu que o apêlo ficaria sem resposta, porque no desabamento do imenso templo capitalista não era mais possivel nenhuma sintese. Enganou-se redondamente. O Integralismo

---

(1) Do mêsmo modo que o homem adulto não progride mais, — doutrina Roure — porem vive intensamente, certas verdades eternas chegaram ao mais alto ponto de enriquecimento e somente irradiam seu esplendor.

(2) Emile Durkheim — "Sociologie et Philosophie."

(3) "Das iüngste Deutschland in Litteratur und Kunst."

realiza-a no dominio das idéas e ha de realizá-la no dominio da realidade. Em 1929, o judeu comunista Rappoport já o considerava dono da Italia e infiltrado na Lituania, na Hungria, nos Balkans, na Finlandia, na Alemanha, na Polonia, na Peninsula Iberica, na propria Inglaterra e na propria França. Hoje, êle já se assenhoreou da Germania, agita a Irlanda e a Austria, alista 400 mil camisas pretas na Grã Bretanha, prepara-se para a marcha nos Estados Unidos, com milhões de Khaki-Shirts, White-Shirts e Silver-Shirts, orienta os governos da Estonia, da Polonia e de Portugal, unifica os partidos politicos do Japão, chama-se Frontismo na Suissa e Aprismo no Perú, floresce no Brasil, manifesta-se na Espanha, no Chile, na Holanda, na Bulgaria e na Suecia, estende sobre o mundo desorientado um braço firme que impõe ordem, repele as subversões e aponta o céu. E' o seculo do zepelin, do radio, da eletricidade que despe a rabona caspenta do marxismo de 1848 e rasga os falsos punhos de renda do liberalismo de 1789, afirmando publicamente sua coragem e sua fé num ideal, com a ostentação duma indumentaria niveladora e simbolica. E só a mais crassa ignorancia em materia filosofica e sociologica póde denominar êsses movimentos tiranias de ordem pessoal.

O liberalismo é a anarquia que, com o sufragio universal, segundo a critica de Sorel, estabelece os cesarismos democraticos, tão nossos conhecidos dentro e fóra dos estados de sitio, mediocridade, vulgaridade, corrupção, canaan de aventureiros e emprezarios de rebel-

dias, de jornalistas mercenarios e de negocistas, que tomam o poder diretamente ou, como é mais comum, por interposta pessôa. O comunismo é a subversão violenta da sociedade por meio da luta de classes, de maneira que uma se apodere do governo, esmague a outra, destrúa todos os valores espirituais, negue as concepções dessa ordem e faça a sociedade retornar ao sistema de produção e consumo em comum, agrario, aliás, e não industrial, das humanidades primitivas. O Integralismo repele a mediocridade dessa anarquia e dêsse retorno. Na eterna luta entre o espirito e a materia, êle intervem para impôr ordem a ambos, reconhecendo embora o primado da idéa, de modo a encaminhar os fátos para uma finalidade superior. E' a valorização dos fatores espirituais sem desvalorização dos economicos. E' a imposição dum ritmo e duma harmonia ás contradições dos movimentos sociais. O liberalismo e o comunismo exploram-nas em sentidos unilaterais. O Integralismo enquadra todas as forças creadoras, todos os valores basicos, todos os potenciais da terra e da raça numa unidade de cultura e de pensamento. E' uma completa configuração da sociedade para novos fins. E' a evolução creadora de Bergson transformada em revolução creadora.

Porque o Integralismo entende revolução como mudança completa de atitude em face dos problemas fundamentais da vida universal, como substituição de principios e transformação de regimen, efetuada, com ou sem violencia, com ou sem sangue, usando a violen-

cia somente no caso extremo de repelir a violencia, derramando o sangue somente em paga de outro sangue derramado, destruindo somente o que não fôr possivel concertar. Os movimentos de outra especie, pelos quais se substituem, ao invés de principios, castas, governos e pessôas, são mashorcas, quarteladas, desordens, pronunciamentos, intentonas ou que melhor nome tenham, só não são revoluções. O Integralismo não quer fazer ir pelos ares a velha máquina da sociedade para pôr em seu lugar outra inteiramente nova. Êle quer desmontá-la, substituir as peças usadas e articular as ainda bôas em outro sistema de movimentos. Sua guerra a instituições e individuos é leal, visa tão somente esmagar as resistencias dos adversarios, poupando-os quanto possivel e procurando integralizá-los no seu seio, salvo os corpos reconhecidamente estranhos.

O Integralismo é uma concepção totalitaria do universo e do homem, tendente a transformar primeiro a alma das *élites* e em seguida a das massas, formando nova consciencia e nova vontade coletiva, dotadas de nova potencialidade dinamica, com a força duma doutrina e do firme proposito de realizá-la. Um novo modo de viver. Um sentido novo da vida. Êle entende que o universo não é definitivo, pois a ciência prova duas sucessivas transformações e os cadaveres de astros e as poeiras cósmicas demonstram o desaparecimento de suas partes, logo substituidas por outras, numa eterna mudança de movimentos e valores que, analogicamente, se reflete nas sociedades. Nada existe em equilibrio esta-

vel e a impermanencia é a lei dos mundos. O Integralismo encarna em todas as suas concepções e manifestações o sentido dinamico, revolucionario do cósmos. Ao invés da biologia social, êle se preocupa com a fisiologia social. Por isso, na sua projeção estatal, renega o feiticismo das constituições fixas e dos codigos congelados. Nêle, tudo se move, caminha, evolúe constantemente, acompanhando a propria vida. Segue o profundo conselho de Teofrasto, discipulo amado de Aristoteles: "O unico meio de evitar revoluções é fazer as reformas a tempo", devendo o legislador integralista ter sempre, como já preceituava Socrates, os olhos fixos no país e nos homens. O Integralismo é a revolução social cientificamente dirigida.

Reconhecendo a transitoriedade das constituições, seus rumos constitucionais só pódem ser diversos de todos os até aqui traçados aos homens. Seu Estado deixa de ser o vagão de administração que vai á frente da locomotiva inspecionando policialmente a linha, sem se preocupar com os vagões de passageiros, os carros de bagagem e os furgões de carga, para se tornar, nos trilhos duma doutrina geral, a propria locomotiva que puxa todo o comboio, dá-lhe luz, movimento, força para os freios, agua e ar comprimido, apressando a marcha, diminuindo-a e parando nas estações, conforme as necessidades da viagem. Êsse Estado não é organismo apendicular como o da democracia-liberal, nem mecanismo esmagador como o do comunismo-marxista, po-

rem um dinamo, um motor que dá vida a tudo: o coração da sociedade (1).

O Estado liberal preside eleições, faz o orçamento, organiza as forças armadas, combina para viver as oposições partidarias ou os interesses pessoais, mas abandona as classes em luta e o individuo, os quais se organizam para o combate como pódem. Assegura a liberdade teoricamente, sem dar ao cidadão os meios praticos de fruí-la e pondo-o na dependencia da tirania capitalista. O Estado comunista é um Estado de classe, que faz algumas concessões ás outras classes, por favor, como um patrão faz concessões aos operarios. E' o que diz Staline: "O Estado sovietico é democratico só para o operariado e ditatorial só contra a burguesia". O Estado integral é a soma de todas as tendencias sociais, de todos os partidos, de todos os interesses, mêsmo de todos os residuos ideologicos, politicos, tradicionais do passado, de maneira a constituir a nação com todas as integrais de sua vida, lastreando a liberdade com a solidariedade entre êle e os governados, e entre êsses. Bloco formado por todas as classes, deixa de ser um fator de conchavos, um gerente de negocios ou um agente eleitoral para se transformar em fonte de energia vital. Sua autoridade tem de ser una e unitaria, afim de poder dar a cada um sua tarefa e sua direção. Daí confundirem-no os ignorantes com as ditaduras arbitrarias. De-

(1) O Estado adaptado aos fátos. E' o que diz Mosley: "The state must be adapted to the facts of modern life".

ve resultar essa autoridade duma totalização de pensamento, duma unidade de doutrina, duma capacidade inteletual e moral inteiriça, dum enfeixamento de atividades, que implicam a definitiva ausencia de partidos politicos desorientadores da opinião e desagregadores da pátria, cujos antagonismos enfraquecem o principio fundamental da autoridade, permitem lutas estereis e a organização duma classe contra outra classe.

O Estado identifica-se com a nação, realidade constituida pelos ideais e pela comunhão de interesses materiais. Tendo em conta somente êstes, como quer o marxismo, a nação desaparece por falta de espirito nacional, internacionaliza-se. O Integralismo não admite precedencia da politica sobre a economia como o liberalismo, nem da economia sobre a politica como o comunismo; mas quer economia e politica dirigidas pela moral e a resolução da questão social pela cooperação das classes, pelo acordo da politica e da economia governadas pelo espirito. Considera a nação entidade viva, enraizada nas tradições, florescendo no presente e destinada a frutificar no futuro, na qual se integram todas as classes, solidariamente, sem regionalismos, separatismos, hegemonias, reações absorventes, intenso edificio em que nada é inútil ou desprezivel, alicerçado no Municipio e na Familia, dirigido por um poder mais forte que as competições dos grupos economicos, mais forte que o capital e que o trabalho, afim de obriga-los a se respeitarem e ajudarem. Êsse poder impedirá todos os consorcios, carteis, monopolios, trusts, concentrações e

centralizações, porque só o Estado — expressão integral da nação — poderá fazê-los. Êle norteará as atividades nacionais até agora entregues a interesses inconfessaveis de grupos ou pessôas como os esportes, transformados de fontes de saúde e vigor, em escola de grosseria, de animalidade, de depauperamento, de desvio da atenção do público e de negocio; como a imprensa, outróra chamada quarto poder, que perdeu sua funsão educativa para se tornar escrava do argentario, do sensacionalismo barato e do máu gosto popular que ela propria corteja. Em troca de sua vida servil e licenciosa atual, gozará de liberdade disciplinada e será mais feliz.

A nação-integral repousará em duas fortes colunas: nacionalismo e corporativismo. Nacionalismo não é jacobinismo, nem xenofobia, mas justo predominio dos interesses nacionais sem desconhecimento ou repulsa das legitimas interferencias do mundo nos destinos da pátria. A corporação é uma instituição pública positiva que agrupa os homens dependentes da mêsma atividade numa solidariedade material e numa fraternidade espiritual capazes de garantir-lhe a liberdade e a dignidade. E' o resultado logico duma organização sindical e pressupõe o sindicato (1). Georges Sorel gabou a alta moralidade das antigas corporações e Saint-Léon mostrou o gigantesco passo para a luta sem mercê das classes que foi o seu desaparecimento. A corporação

(1) Bottai: "Le Corporazioni".

acaba com essa luta, porque somente contem elementos homogeneos, tendentes a intima solidariedade de interesses e pensamentos, enquanto a classe é essencialmente heterogenea. Naturalmente, as corporações serão organizadas de acordo com os progressos sociais, libertas da hereditariedade das funções e de outros arcaísmos.

O sistema superestrutural, unificador e integrador dêsse Estado plantará nelas e no municipio as raizes mestras. A nação será um organismo politico, economico e ético, com representação politica, economica e ética. A corporação será pessôa de direito público e não pessôa de direito privado como os sindicatos atuais. Ao municipio, ampla autonomia administrativa no que diz respeito a seus interesses peculiares. A' nação, ampla centralização politica. A's corporações cabe eleger seus representantes ás Camaras Municipais, os quais escolhem os prefeitos; ás Camaras Provinciais, os quais escolhem os governadores; á Camara Suprema, os quais escolhem o Chefe do Estado, expoente maximo da vontade nacional, com autoridade inconteste e irrecorrivel. Êsses lineamentos gerais da doutrina estão sujeitos a quaisquer modificações que as circunstancias exigirem, porque o Estado integral não fixa limites *á priori* e seus institutos técnicos estudarão dia a dia todos os problemas, propondo o modo de resolvê-los de acôrdo com as necessidades sociais, sem se pearem em nórmas juridicas petrificadas. Assim, o Direito Constitucional como é hoje conhecido e estudado passará a ser ensinado nas cátedras como História do Direito Constitucional.

Considerando o homem em seus tres aspétos e em sua triplice aspiração do espirito, da razão e da materia, homem-moral, homem-civico e homem-economico, o Estado Integralista reconhece Deus como liberdade de consciência religiosa, fomenta, dirige e disciplina a cultura em todas as suas manifestações; defende as tradições e a familia; mantem o direito de propriedade, obrigando-o a deveres que o liberalismo esqueceu; e põe os interesses da pátria sempre acima de quaisquer injunções dos interesses de grupos ou de individuos.

A mocidade contemporanea do avião não se póde mais enquadrar nos carcomidos partidos do liberalismo, que data das anquinhas, ou formar nas fileiras comunistas, que veem da época das sobrecasacas e dos lenços de rapé. Seus imperativos categoricos a levam ás milicias fascistas, nazistas, integralistas para o revigoramento das pátrias alquebradas. Os cerebros moços recusam-se a aceitar teorias de ha um seculo. E quando alguns fósseis liberais gabam as excelencias da falecida constituição de 1891 não avaliam como a rapazeada acha graça... (1).

CONCLUSÃO

"Toda associação — escreveu Aristoteles — se propõe alguma vantagem, sobretudo a sociedade, que

(1) Sir Oswald Mosley já matou êsses antediluvianos com esta frase: "We reply that the liberty of a nation to live is a greater right than the liberty of a few old men to talk". E com esta outra: "We have had enough talk: we will act".

é a mais importante delas e as contem todas". A vantagem precipua de qualquer organização de Estado é realizar a justiça social. O liberalismo agonizante não a realizou. Nem o comunismo. A situação geral do mundo prova-o de sobejo.

Entretanto, essas doutrinas dilaceraram a civilização e dispersaram-lhe os valores. O seculo XX reune-os, coordena-os, harmoniza-os dentro da ordem, da hierarquia, da disciplina, numa sintese que nos enche de fé e esperança nos destinos humanos, propondo a terceira fórma de justiça social.

Sua simbolica traduz essa integralização. Mussolini, dominando as discordias da Italia, adota como sinal o feixe dos litores romanos, o *fascio,* a reunião das varas sob a proteção do machado. Hitler, salvando a Alemanha do descalabro, ostenta a cruz esvástica, expressão do movimento universal, para indicar que os elementos reunidos já se movem devidamente sintonizados. E o Integralismo vai buscar na matematica o sigma do cálculo integral, afim de mostrar que a soma da união e do movimento se faz com as quantidades finitas e não com as infinitas, porque a dessas é o segredo de Deus!... (1)

---

(1) Conferencia realizada no Centro Universitario da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro; no Salão das Classes Laboriosas de S. Paulo; no salão de festas do Palace Hotel de Juiz de Fóra; na União dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro; na séde da Ação Integralista de Niteroi; na Reitoria da Universidade de Belo Horizonte; no Club Comercial da Baía; no Cinema Rio Branco de Aracajú; no Teatro Sete de Setembro de Penedo; e no Palacio Teatro de Belem.

INTEGRALISMO E BRASILIDADE

Lançando os olhos sobre o cenario colonial do Brasil, sentimos que um espirito brasileiro se creou no nosso país, embora primitivo, informe, latente, quasi dêsde as primeiras epocas da conquista. Êle foi o produto espontaneo da adaptação do homem branco á terra virgem, hostil ás vezes, ás vezes dadivosa, e do caldeamento de seu sangue com o dos naturais da região, no abraço forçado de vencedores e vencidos. E logo se entendeu, em virtude dessa vaga, indeterminada compreensão da unidade brasileira, que todo o territorio de que se assenhoreavam os lusos formava um todo que se não devia e não podia desagregar.

O desbravamento e o povoamento reforçaram essa primeira sensação ainda titubeante, por assim dizer, de brasilidade. E tres factores principais prepararam, cada qual com sua essencia e suas manifestações proprias, nêsse periodo incipiente de nossa vida, o grande Brasil do futuro: o jesuita, o criador e o bandeirante.

Êste último foi o sangue que circulou nas veias de todo o país, aventureiro, tumultuoso, bravio, dando-lhe o movimento inicial. Sua audacia sem par varou e fecundou os sertões, ligou pelos rios que demandam o in-

terior e pelos caminhos de indios o centro ao litoral, uniu o norte ao sul e o leste ao oeste; conquistou o Rio Grande, saiu no Paraguai e no Amazonas, semeou de cidades Minas, Goiaz, Mato Grosso, os vales do S. Francisco e do Parnaíba, levou a guerra de corso e a ambição do ouro da serra do Mar aos Campos Gerais e da Mantiqueira á Ibiapaba.

O criador tangeu seu gado alentejano pelas catingas e pelos carrascais nordestinos, lentamente desdobrando os rebanhos e os campos de criação, estabelecendo de continuo, adeante da fazenda patriarcal, descendentes, agregados e vaqueiros, que, pelo seu trabalho, iam adquirindo rezes e sesmarias. Assim, pouco a pouco, foi o deserto grande, o desertão, o sertão sendo desvendado, povoado e civilizado.

O jesuita pisou o territorio nas pegádas dos aventureiros e dos pastores. E, pelos caminhos que iam abrindo, quando os não abria êle mêsmo, foi evangelizando, instruindo e educando. O eminente padre Madureira escreveu: "Enfrentaram os jesuitas todas as dificuldades com o desassombro que só a fé religiosa póde infundir, empreenderam a árdua missão com o entusiasmo que só a caridade sobrenatural póde inspirar..." (1) Catequizaram o gentio bravio, protegeram o gentio manso, profligaram a escravidão, procuraram por todos os meios e modos adoçar os costumes naquela sociedade tumultuaria e mestiça, e fôram os pioneiros da educação nacional sob os braços hospitaleiros da

(1) "Historia da Companhia de Jesus".

cruz. São êles que estudam e fixam o idioma barbaro, que ensinam a ler e escrever o idioma culto, que dão as primeiras aulas secundarias, e sob seu influxo surgem as primeiras manifestações literarias. Nada os tolheu na obra meritoria. Sorriram dos alcantis e dos misterios, das torturas dos antropofagos e das privações. O genio de Anchieta, de Nobrega e de Pinto os guiou por toda a parte, e a sombra da Cómpanhia dêsde então se projetou como um sinal de integralização no panorama histórico da nossa pátria.

A consciência duma nação não se forma da noite para o dia ao sabor de interesses politicos ou de doutrinas importadas. Se tal obra requer seculos de experiencia e de tacteamenots para povos de certo cultivo, quantos não serão precisos para os que, como nós, veem da violenta fusão de conquistadores e conquistados? Conquistadores, os portuguêses rudes de antanho, ávidos, crueis, despidos de certos escrúpulos, recrutados ás vezes entre elementos de baixo estôfo e soltos numa terra virgem e desmesurada. Conquistados, o indio selvagem como um bicho do mato, em primeiro lugar; em segundo, o negro barbaro ou semi-civilizado dos sertões africanos, que arroteou a gleba invia e foi, com as tropas de lerdas alimarias, um dos grandes fautores do nosso progresso.

Nêsse tronco, outros elementos heterogeneos ou espúrios, plasmando-se devagar no ambiente imenso.

Entretanto, como explicar o milagre da existencia de certo gráu dessa consciência latente ao principio, vi-

sivel depois, formada por fim, dêsde recuadas épocas, sem a intervenção do jesuita que moldou nos limites do culto cristão a alma brasileira? Êle é o unico meio que temos de compreender o nosso elogio num discurso celebre de Monsenhor Cherubini: "Povo que atingiu a virilidade sem passar pela infancia!"

Não se fragmentou o Brasil através do tempo, graças ao tesouro da lingua comum transmitida tradicionalmente pelo criador de pais a filhos, espalhada por toda a parte pelo bandeirante nas lendas, nas canções e no falar diario, ensinada ao branco, ao indio, ao negro e aos mestiços nas casas dos padres da Companhia, que as semearam por vilas e lugarejos os mais afastados; graças ás instituições juridicas gerais da colonia e da monarquia; graças, emfim, a uma religião única e benefica, arraigada profundamente no espirito popular e fazendo parte integrante de nosso sagrado patrimonio de brasilidade.

Sob o signo da cruz, impresso na amplidão, as *quatro stelle* avistadas por Dante ao sair do Inferno para o Purgatorio, nasceu o Brasil. O primeiro padrão com que o assinalaram foi uma cruz e seus primeiros nomes de batismo á cruz se referiram. Sob a cruz se formou e foi a sua sombra salutar que permitiu o abrolhar das primeiras manifestações de sua consciência coletiva. A religião foi, desta sorte, um dos maiores factores da unidade nacional, unindo na sua fraternidade os mais afastados núcleos dos povoadores.

Sem Deus na sua expressão religiosa, não é pos-

sivel compreender de modo integral a grande pátria brasileira. Sentindo-se na sua manifestação totalitaria, produto de sua etnografia, de suas tradições e de seu sentimento religioso, não podemos consentir que dentro dela medrem o joio, a esteva, a urze, a urtiga dos bairrismos, localismos e regionalismos desagregadores, que hoje de todos os pontos a ameaçam, nem as venenosas plantas do liberalismo defunto e pôdre ou do comunismo internacional e materialista, que tentam viçar ante a indiferença dos poderes públicos, a ignorancia das massas e o cabotinismo interesseiro de certos inteletuais.

Nós, integralistas, nos batemos abnegada e denodadamente pelo lema *Deus e Pátria,* éco do passado que sobe ressoante até nossos corações; brisa que sopra dos seculos preteritos, fazendo tremular o pendão dos descobridores com a rubra cruz de Cristo, o guião dos bandeirantes heroicos com a verde cruz de Aviz, o labaro jesuitico com a cruz superposta ás siglas da Companhia; vento que traz nas asas as vozes dos nossos antepassados, agitando a folhagem dos palmeirais nativos, enrolando as ondas na alva extensão das nossas praias e emfunando as velas de todas as nossas esperanças.

Escutemos, cheios de fé em Deus e nos gloriosos destinos de nossa pátria, ameaçada por ambições individuais, provincialismos e ideologias enganadoras, que não prevalecerão, as lições da nossa história, e, nos valores positivos basicos que ela nos aponta, edifiquemos

o Grande Brasil do Futuro, consciente de sua força e de sua finalidade. Nunca houve ninguem sem avós. Nunca existiram nações sem passado. Nêle estão a estrutura do nosso caráter e o humus em que se vão alimentar as raizes da nacionalidade.

Cada um viveu em seus ancestres e obedece ao legado iniludivel de seus sentimentos — ensinou um grande filosofo. E, do mêsmo modo que o individuo traz dentro de si proprio uma infinidade de sêres rudimentares que o formam e cada um dos quais anseia por sua individualização consciente dentro dos limites da biologia, as nações são feitas de anseios iguais e de esforços semelhantes. Não os deixemos se perderem na anarquia ou na mediocridade. Procuremos coordená-los de maneira a que, com êles unidos, conscientes e fortes, o Brasil atinja seu mais alto gráu de integralização nacional. Busquemos com ardor e confiança êsse ideal esplendido e êle coroará os nossos esforços.

E' por êle que vestimos uma indumentaria simbolica, que não permite sejamos confundidos com os credos que tramam nas sombras ou com as opiniões que temem a responsabilidade. E' por êle que deixamos de lado interesses e comodidades para pregá-lo aos quatro ventos sem mira em lucros ou proveitos de qualquer especie. E' por êle que um dia triunfaremos, os olhos húmidos de emoção ao aspéto grandioso dum Brasil Novo, creado sem a destruição de nada do que foi grande e digno no Brasil Velho.

Combatemos, pois, a anarquia e a mediocridade,

que são as duas picaretas da destruição nacional. E, como elas naturalmente se geram do liberalismo-democratico, levando as massas do litoral, exploradas, e as massas do interior, exploradas ou abandonadas, ao desespero e a darem ouvidos aos cantos de sereia do comunismo sem pátria, combatemos sem treguas o tartufismo, o abastardamento, a corrupção da liberal-democracia. E' o seu individualismo dissolvente quem amamenta o coletivismo enganoso e perfido. E' o seu alheiamento dos grandes problemas públicos e a sua farándola de interesses inconfessaveis quem nos entrega ao capitalismo estrangeiro e sem entranhas, quem transforma a administração em orgia e a politica em imoralidade progressiva. E' a sua falta de competencia, de autoridade, de sinceridade e de energia quem produz o triunfo dos mediocres e aventureiros, quem comete as violencias e as arbitrariedades inúteis, e quem mente e quem se acovarda e rasteja nos acordos, nos cambalachos, nos conchavos, na desmoralização da arte de governar.

A incapacidade continuada dos pseudos estadistas da liberal-democracia trouxe-nos á borda de pavoroso abismo, para o qual os pessimistas olham com vertigem, fechando as pálpebras e bambeando nas pernas. Nós o encaramos sem susto e trabalhamos para vencê-lo, galgando sobranceiros as barreiras e saindo dêle para a luz.

Negando ao liberalismo a força aparente de seu principio estrutural individualista-racionalista, negando

ao comunismo a força ilusória do seu — coletivista-materialista, nós admitimos como principio superior das sociedades o espirito, que controlará e guiará aquêles dois. E é por isso que por êle queremos e devemos nortear as atividades brasileiras, fazendo com que o nosso povo não continúe a ser como que um pêso morto na vida espiritual e na vida economica da humanidade. Porque um povo assim está condenado a sossobrar na miseria mental e material, está fadado a desaparecer ou a ser a presa de todas as aves de rapina que acudam ao áflato de sua carniça. Nós não podemos continuar a vegetar sacudidos de quando em vez por algumas rebeliões sem programa, assopradas por ambições locais ou pessoais, num caudilhismo disfarçado nas pretensões hegemonicas dêste ou daquêle Estado. Nós não podemos continuar sem saúde, sem educação, sem instrução, sem armas, sem economia organizada, sem trabalho fecundo e sem tranquilidade. Nós não podemos continuar sem os meios de vida e de conforto que as riquezas dadas pela fatalidade geografica nos pódem proporcionar. Nós não podemos continuar a desprezar nossos valores basicos, nossas tradições, nossa experiencia social, nossa história, pondo de parte os homens de intelecto e de pensamento para endeusar os vanguardeiros das explorações, os simuladores, os destruidores sistematicos e os medalhões pachecais.

Só o Integralismo, bem compreendido na sua concepção filosofica e na sua projeção politico-social, nos poderá salvar dessa triste situação a que chegamos. Êle

é fé, abnegação, compreensão, sinceridade e sobretudo mocidade, mocidade de corpo ou mocidade de espirito. E' aos moços, pois, em primeiro lugar, que me dirijo. A êles que serão os responsaveis pelo Brasil de amanhã compete espalhar o nosso ensinamento e incentivar a formação da opinião no sentido da nossa doutrina, dando o exemplo da disciplina, do respeito á hierarquia dos valores e do culto ao principio da autoridade — únicos meios de atingir a vitória. A mocidade da minha alma comunga nesta hora com a mocidade da minha pátria e entôa o pean da vitória deante dos seus estandartes azúes como o nosso céu que se agitam e trapejam e tremulam no fundo dos horizontes!

Integralismo é congregação de energias, de forças creadoras, de valores positivos, de factores de civilização, de sentimentos nacionais, de sacrificios pessoais, de atividades definidas, de elementos morais e sociais; é a negação e o combate ás doutrinas unilaterais; é a recusa de desviar-se para a Direita ou para a Esquerda e o imperativo categorico de caminhar para a Frente, de olhar para a Frente, *looking forward* como escreve Teodoro Roosevelt; é propagação e penetração da cultura, a cooperação e não a luta de classes, o governo como expressão totalitaria e guia técnico da resolução oportuna de todos os problemas, servindo de direção ás revoluções necessarias ao progresso da sociedade; é a creação, mais hoje ou mais amanhã, porem certa, pois o mundo inteiro para êle marcha e nada deterá o oceano de sua idéa salvadora, dum Brasil grande, feliz, di-

gno, altivo, forte e sadio, porque integral; é, emfim, a Brasilidade na sua mais alta expressão exponencial.

Nós condenamos o Estado liberal-democratico, porque não intervem nas lutas economicas ou de qualquer outra natureza entre individuos ou classes, senão em caso extremo, quando essas lutas, extravazando do âmbito proprio, ameaçam o proprio Estado. Isto equivale a dizer que o Estado liberal espera para intervir que o mal chegue a tal ponto de gravidade que já tenha causado os peores danos e mêsmo prejudicado o futuro nacional. E' de sua inercia esperar que as questões se resolvam por si: — *deixar como está para vêr como fica*... Na pratica durante essa espera, circunstancias de ordem particular e interesses de ordem politica acabam provocando, após longa demora, resoluções danosas, prejudiciais á nação. Quando êsse Estado decide sua intervenção, ou lhe faltam meios de efetuá-la, ou fá-la mal, ou é tarde.

Nós condenamos o programa comunista, porque êle repousa sobre a falsa concepção marxista da luta de classes, porque êle nega a nação como realidade constituida por uma comunhão de ideais e um conjunto de interesses economicos ao mêsmo tempo, considerando-a simples superestrutura economica mantida pelo predominio duma única classe.

A nação, para nós, é a expressão duma tradição comum, dum pensamento comum, dum interesse comum, superior na sua estrutura ideal e real a todos os interesses particulares dos individuos e castas que a

fórmam, que as classes operarias e agrarias não devem negar e destruir, mas conquistar, isto é, conquistar nela o lugar que lhes compete e que nós tudo faremos para dar-lhes. E o Estado, para nós, não é um poder estranho, antinomico ou hostil, instituição pela qual homens oprimam ou explorem outros homens, sim a resultante total, integral da nação, de maneira que cada individuo legitimamente se sinta parte viva e vital dêle, a quem cabe o imperioso dever de encarar e resolver com rapidez e precisão todos os problemas humanos e sociais da coletividade.

O Integralismo, como seu proprio nome indica, não é um programa de partido nem uma plataforma eleitoral; porem muito mais do que isso: um modo de ser, um modo de viver, um modo de sentir, um modo de pensar, um modo completo de considerar os problemas do homem, os problemas da sociedade, os problemas da nação, os problemas do Estado, em uma palavra — uma grande consciência coletiva.

Êle exige coragem, desprezo do perigo, repugnancia pelas ideologias materialistas ou hipócritas, conversas fiadas comunistas, liberalistas ou positivistas; amor das afirmações e realizações; orgulho de sentir-se homem e de ser brasileiro dentro da disciplina, da ordem, da hierarquia, do trabalho e do respeito ao principio de autoridade. Não é, pois, integralista quem quer, mas quem póde, quem tem competencia, valor, capacidade e desassombro para querer.

Nunca ninguem falou ao Brasil envenenado hoje

de revolucionarismo barato e de comunismo desnacionalizante esta linguagem clara, decidida e mêsmo malcriada. Nunca! Nós a falamos, porque nós somos o maior movimento de idéas que se tem feito no país depois da Independencia e da Abolição; porque nós somos uma mobilização de espiritos para a conquista dum grande ideal; porque nós somos, sob qualquer aspéto, uma forte expressão de brasilidade!

Aquêles que indaguem, viciados pela fama barata dos defuntos *nomes nacionais* da democracia-liberal, onde estão nossos *homens*, responderei com a vibrante mocidade do integralista Loureiro: — "os homens somos nós!" E áquêles que, porventura, nos acusem de cavação de posições ou de empregos com essa mêsma mocidade responderei que "posições e empregos são pouca cousa para nós que queremos todo o Brasil!"

Por todo o mundo, de Cuba á China, as forças do Mal estão desencadeadas como que por uma formidavel maquinação secreta pretendendo subverter a civilização. Angústias de toda a sorte constringem as gargantas dos povos, que estertoram. E parece que implacavel fatalidade entrava todas as tentativas para uma organização racional e pacifica.

Verifica-se com dolorosa surpreza que quanto mais riqueza se produz mais miseria se gera. Oscila-se entre os internacionalismos e os nacionalismos, entre os livres cambios e os protecionismos, entre os liberalismos agonizantes e os comunismos ameaçadores, entre a guerra de classes e a guerra dos partidos. E somente as

doutrinas do humanismo totalista, as doutrinas integralistas apontam o rumo certo no meio de tantas contradições com o profundo e encoberto conselho de Pitágoras: "não se deve saltar por cima da balança!"

Integralistas do Estado do Espirito Santo, onde outróra vagaram os bravos e bravios aimorés, onde rezou Frei Palacios e cismou Anchieta, onde os holandêses conquistadores recuaram deante do milagre que lhes impediu o assalto ao acastelado mosteiro da Penha, como sob o azeite fervente com que os queimou o heroismo de Maria Ortiz, descendentes de Domingos Martins, que sois o traço de união entre o Norte e o Sul do nosso querido país, saúdo-vos com entusiasmo, confiança e fé no vosso desassombro e inteligencia, concitando-vos a grande cruzada, á formidavel ofensiva do Integralismo contra todos os empecilhos que entravam a formação do Grande Brasil! (1)

---

(1) Conferencia no teatro Carlos Gomes de Vitória, Espirito Santo, em 29 de agosto de 1933.

QUEM SOMOS, O QUE QUEREMOS E O QUE FAREMOS.

Vendo-nos vestidos com esquisita camisa verde, trazendo ao braço um sinal talvez desconhecido e saúdando-nos com o antigo gesto dos romanos, haveis de perguntar a vós mêsmos quem somos.

Ouvindo-nos falar uma linguagem decidida e corajosa, fazer afirmações claras e definidas, deveis perguntar a vós mêsmos o que queremos.

E, mergulhando dentro de vós mêsmos, dentro do ceticismo que as mentiras dum regime e a hipocrisia duma geração vos obrigou a cultivar, com certeza perguntareis o que faremos.

Quem somos?

Somos a palavra e a ação dum Brasil novo que se levanta, desperto do torpor da politicagem, resolvido a caminhar para a Frente no sentido de suas proprias forças creadoras, desprezando as teorias mortas da Direita e não prestando ouvidos ás tentações das teorias falsas da Esquerda. Somos os homens que se rebelam contra a continuação dos erros do passado, creados e mantidos pela democracia liberal, e contra os erros do futuro, que o comunismo asiatico-judeu procura impôr.

Somos uma atitude humana e uma energia social, não podendo ser confundidos com os que pedem votos com programas eleitorais ou com os que organizam partidos com plataformas politicas palavrosas. Somos os que acreditam na Familia, na Pátria e em Deus, numa época em que se não acredita mais em cousa alguma. Somos os que preferem amar as tradições de sua gente, defender os explorados, cultivar a virtude, arrostar o perigo, desafiar os adversarios e vencer os obstaculos, no tempo egoista e vil em que a maioria somente gosta do dinheiro. Somos os que não andam em busca de cartorios nem teem o rabo do casaco preso á gaveta do Banco do Brasil. Somos portanto, o espirito imortal do Brasil que desperta do infame pesadelo de quarenta e muitos anos de politiqueira imoral, para se encarnar na alma da mocidade e construir uma grande nação, renovando-a sobre os eternos alicerces de seus grandes valores positivos.

Depois da Grande Guerra, o mundo caminhou a passos largos para o gigantesco duelo entre as forças do Oriente e as forças do Ocidente, entre as energias da Materia e as energias do Espirito, entre as concepções maquiavelicas do néo-messianismo semita, entre o Capitalismo e o Comunismo, creações divergentes, porem de essencia comum da filosofia racional-materialista do seculo XVIII. Os governos débeis e impotentes da democracia liberal, cultivando o individualismo, cuja liberdade é a ficção patrioteira com que os fortes oprimem os fracos, permitiram que o socialismo

em geral e o comunismo em particular se desenvolvessem, ameaçando tragar num vórtice fatal tudo quanto de belo e de grande o homem concebeu e realizou á face da terra. Seu internacionalismo dissolvente não respeitou as mais sólidas tradições históricas, afim de escravizar o individuo sem Deus, sem Pátria e sem Familia, ao Estado sovietico manobrado pelas cantarilhas secretas de judeus. Tudo isso, admitindo como base da existencia das sociedades o determinismo materialista da história, conceituando a vida politico-social como luta de classes, acirrando os odios dumas contra as outras e proclamando, em nome da justiça social que falhara com o individualismo burguês da democracia liberal, um programa subversivo, destinado a conduzir a humanidade ao cataclisma, ao diluvio, ao apocalipse da destruição total; porque, para essa doutrina, a justiça social só é possivel sem Deus, sem Pátria, sem Familia, sem Propriedade e sem Patrões. Pois bem, nós somos os que destemerosamente se opõem a êsse alúde de barbárie, mascarado de ciência e de progresso, afirmando que ha justiça social possivel e que nos propomos a fazê-la com Deus, com Pátria, com Familia, com Propriedade e com Patrões.

Nós somos, pois, parafraseando Mussolini, os combatentes que navegam mêsmo contra a corrente, que navegam mêsmo que seja para o orgulho sem par do naufragio! Nós somos uma mobilização e uma organização consciente de forças morais e materiais, que se propõe, sem modestia, não só a governar a nação, porem a muito mais: a dar um ritmo novo e forte á vida

dos homens. Somos uma cultura, uma doutrina, uma fé e não um partido, porque aspiramos a ser um todo, uma integralização e seremos essa soma de valores no dia em que a nação compreender a grandeza moral do nosso pensamento.

Vestimos um uniforme, porque temos a coragem de afirmar de público a nossa opinião, porque não precisamos nos esconder na hora da pregação, porque todos nos devem reconhecer na ocasião do perigo e para que já esteja separado o joio do trigo no momento do triunfo. Como muito bem diz Madeira de Freitas, um lenço vermelho é mais facil de arranjar depressa do que uma camisa verde. O sinal do nosso braço, o sigma do cálculo integral, indica soma de valores e significa que não destruimos as tradições e o espirito da Pátria, para somente vermos os bens materiais e dêles cuidarmos; porem os somamos todos, uns e outros, organizando com o resultado dessa soma aquela terceira forma de justiça social a que alúde Alberto Torres. E o gesto de Roma lembra, no fundo dos seculos, a gleba fecunda onde tomaram corpo as raizes da civilização que representamos: o genio da latinidade unido ao genio do cristianismo. E' essa a saúdação que, hoje, o braço de Hitler estende sobre a propria Germania e que parece ordenar ao bolchevismo: Volta para a Asia! e á democracia liberal: — Vai para o cemiterio! (1)

---

(1) Do gesto diz sir Oswad Mosley em *Fascism in Britains* "... it is not a foreign salute; it is the oldest salute of European civilisation, which we believe Fascism alone can preserve from the menace of disruption".

Que queremos?

Queremos fazer do Brasil uma nação grande e forte, material, moral e espiritualmente. Queremos um Estado totalitario com poder — poder, e autoridade — autoridade, firmado tanto na cultura das *elites* como nas realidades economicas; um Estado que não viva mais de expedientes quotidianos e de procastinizações dos problemas vitais do país, sabendo tomar unicamente estas atitudes: deante do desequilibrio orçamentario, o emprestimo externo, a emissão de apolices e o aumento de impostos: deante da agitação politica, o estado de sitio. São êsses os únicos polos a que atinge sua ridicula mentalidade.

Queremos a cooperação das classes e sua coordenação cooperativa; o equilibrio das forças economicas pelas forças morais; a proteção da familia, que eleva o individuo pela sociabilidade e pelo amor; a estrutura das corporações, dentro das quais êle repousa e se defende na fraternidade espiritual e na solidariedade material; os problemas do trabalho e do capital resolvidos pela direção inteligente da revolução social e não pela destruição de todas as creações da longa experiencia humana.

Queremos que o espirito revolucionario e renovador das gerações atuais, destinadas a construir o futuro, o dispute á democracia liberal agonizante e ao comunismo traiçoeiro, esmagando de vez o espirito juridico dos chicanistas romanticos, o pragmatismo do exito e o materialismo marxista. Queremos o fim daquilo que

Mussolini denominou *il governo della impotenza nazionale* e do que Rolão Preto apelida "o caciquismo dos partidos constitucionais". Queremos aplicar os ensinamentos da economia moderna, que são muito maiores do que os da velha e encalhada economia burguêsa, e os da unilateral economia comunista. Queremos tornar o Brasil uma nação e não uma máquina politica de satisfazer interesses de grupos ou camarilhas, e não uma casa de negocios sujeita a planos quinquenais ou decenais. Uma nação não tem somente estomago; tem tambem aspirações de ordem moral, finalidades espirituais, hereditariedades de cultura e de raça, manifestações artisticas, em uma palavra — consciência coletiva.

Nós não nos comparamos em cousa alguma ás organizações politicoides que fermentam como fócos de infecção no imenso cadaver nacional, nem admitimos que nos juntemos a elas, nem desejamos que elas se juntem a nós. Somos outra cousa e queremos a conquista de novos horizontes, de novos sentimentos, de novo sentido da vida, isto é, a formação dificil, lenta, longa, cheia de tropeços duma mentalidade brasileira, dentro duma doutrina filosofica-politica-social-estatal única, que, reunida á comunhão da raça, á comunhão da lingua, á comunhão do sentimento, nos liberte da anarquia dos espiritos, campo de cultura de todos os microbios da intriga, da ambição pessoal e da satisfação de apetites.

Queremos nos salvar da desordem, da miseria, do abandono, do desprestigio interno e externo em que te-

mos caído. Queremos arrancar o Brasil ás garras do argentarismo internacional sem entranhas, que o explora através dos politicões da democracia liberal, ás lutas estereis de quatro em quatro anos, á hegemonia dos grandes Estados que defraudam e oprimem os pequenos por meio de conchavos, ardis e guerras civis, entregando-o aos brasileiros dentro da justiça enquadrada pela ordem, pela hierarquia e pela disciplina. Queremos, portanto, não lançar uma plataforma para uma administração com prazo marcado; porem preparar as bases e o desenvolvimento dum programa para toda uma vida nacional.

Assim, de qualquer ponto de vista em que sejamos colocados ou nos coloquemos, somos, como se vê Integralistas.

Que faremos?

Faremos um Estado diferente de todos os outros Estados de que vos teem falado, como nós somos diferentes de todos os propagandistas que vos teem dirigido a palavra; um Estado que não *está*, indiferente ás miserias da produção e ao choque de individuos e classes, orgulhoso de seu empanturramento de jurispedantismo, como o Estado liberal-democratico, que vos esmaga de impostos e, depois de ter morto a borracha, está imbecilmente matando o café, o cacáu e o açucar; mas um Estado que *é* e sabe o que *é*, que *faz* e sabe o que *faz*; não um Estado senhor de escravos, dono de corpos e bens, a elaborar planos ideologicos sobre o sofrimento e a servidão coletivos, como o Estado comu-

nista; porem um Estado-dinamo, um Estado-motor, que em tudo intervem, tudo coordena, tudo dirige e marcha á frente do povo, fazendo regularmente e regulamentadamente as revoluções que as circunstancias sociais do equilibrio instavel e as necessidades inerentes ao proprio progresso hoje obrigam os partidos ou as massas a fazer. O nosso Estado é, pois, o Estado revolucionario por excelencia, fundamentado nas realidades economicas, etnicas, históricas, geograficas, que formaram e conservam a nacionalidade, com um sistema representativo organico, aniquilador das tumultuarias assembléas politico-juridicas de bachareis que nada representam senão êles proprios, substituidos por homens que representem de verdade suas corporações e, vindos do municipio, através da provincia, até a nação, façam com que cada individuo seja parte integrante dêsse Estado concreto, palpavel e forte, tanto na sua essencia como na sua projeção.

Para essa grande obra de transformação nacional, nêste momento de flutuações em que ainda se prolongam todos os vicios calamitosos do regime decaído em 1930, nós vos concitamos, Campistas, nós os da geração que viu alguma cousa do passado e vislumbra alguma do futuro, da geração que está plantando a arvore cuja sombra e cujos frutos pertencerão á mocidade. Dirijimo-nos especialmente aos moços, porque nos terrenos novos vinga sempre mais depressa a semente do amanhã. Em 1748, contra a tirania do visconde de Asseca, vós vos levantastes em armas e,

quando vencidos os homens, as mulheres não se deixaram vencer. Benta Pereira e Mariana Barreto arrostaram os furores da opressão com desassombro tal que por elas luz no vosso brazão esta legenda de gloria: "Aqui até as mulheres lutam pelo Direito!" Nós vos concitamos, Campistas, á luta pelo Direito do Brasil Novo, do Brasil Integral, do Brasil do Futuro, certos de que, se esmorecerdes no meio do caminho, vossas mulheres, vossas filhas e vossas mães vos conduzirão á cruzada ou vos substituirão no campo de batalha! (1)

---

(1) Discurso pronunciado na Associação Comercial de Campos, Estado do Rio, a 1.° de setembro de 1933.

A CONSCIÊNCIA BRASILEIRA

Vestir uma camisa verde é, na vida dum brasileiro, áto muito significativo, porque compreende verdadeira mudança de atitude em face dos problemas não só da Pátria, mas do proprio mundo. E, se toda mudança de atitude no âmbito das questões politicas e sociais, equivale a uma revolução, vestir a camisa simbolica é tornar-se revolucionario no bom sentido da palavra. Revolucionario contra a filosofia materialista que desorganizou as nações com as mentiras da democracia liberal, afim de permitir o chocar dos ovos de que deviam sair os jacarés do comunismo. Revolucionario contra os efeitos e reflexos no nosso pobre país de todas as teorias contrarias aos fátos e realidades de nossa vida que essa filosofia nos impõe.

Dêsde o seculo XVIII, principalmente, o materialismo, sob varias formas doutrinarias, procurou enquistar-se e enraizar-se no seio de todas as sociedades cristãs, dando combate sem treguas ás duas instituições que

as defendiam: o altar e o trono. Destruidos ou abalados êsses, conseguiu abastardar o campo da politica e deformar de modo prejudicial a consciência coletiva das populações. Seu circulo de ação dia a dia se tornou maior, aumentando, ao mêsmo tempo, dentro dêle, por efeito natural de suas teorias, o egoismo. Secando nalma humana todas as fontes de fé, êle secou todas as fontes de entusiasmo. Esterilizando o engenho e mirrando a imaginação, refletiu-se na arte e nunca mais permitiu que ela atingisse as cumeadas do gótico ou mêsmo da pintura do Renascimento. A espontaneidade dos grandes artistas cedeu lugar ao desenvolvimento das técnicas e das ciências praticas. Grassou por toda a parte a lepra do ceticismo, filho do receio, da desconfiança e do desanimo produzidos pelo individualismo racionalista. E o pensamento humano tonteou ao sopro de sinistro vento anunciador das grandes borrascas sociais.

Elas aí andam, redemoinhando no espaço, essas tempestades que pretendem arrancar os derradeiros alicerces do espiritualismo do homem, espiritualismo que o elevou outróra a tudo quanto foi grandioso e que o nosso seculo desconhece. Elas aí veem, uivando como alcatéa de lobos, grasnando sobre nossas cabeças como bando de corvos, frutos nocivos das doutrinas infames que feriram todas as almas e procuram degradar todos os homens.

Vestir uma camisa verde é definir-se no meio dêsse temporal, arrostar as alcatéas uivantes e combater as revoadas famintas!

Vendo, observando e sentindo unicamente a natureza material, prolongando-a sobre o homem, o seculo XVIII preparou as bases de todas as concepções que feriram de morte o sentido ideal da vida. Tirou a alma do universo inteiro e só lhe deixou o corpo. Por isso, Victor de Laprade (1) escreveu que a natureza não seria mais do que imensa máquina se dela suprimissem o ideal, não havendo razão para haver arte e poesia com tal natureza. E eis por que elas chegaram ao gráu de degradação de nossos dias.

Êsse materialismo desenfreado que teve dois filhos legitimos e um bastardo no meio: em 1789, o liberalismo democratico; em 1845, o positivismo; e, em 1848, o comunismo marxista, toca felizmente ao termo de sua triste existencia, falido e ridiculo. A ciência caminhou muito de 1789 e mêsmo de 1848 para cá. Ao homem de 1933 é impossivel aceitar os dados cientificos da Enciclopedia, de Augusto Comte e do determinismo de Karl Marx. São dados de cem anos passados que não correspondem mais ao espirito e aos conhecimentos basicos dos tempos atuais. Houve verdadeiras revoluções no campo de todo o saber humano. Fizeram-se milhares de descobertas, dêsde as excavações arqueologicas até ás leis de matematica pura. Apareceu Einstein e Piccard subiu á estratoesfera. Os enciclopedistas andavam de cadeirinha. Os meios de condução mais rapidos que

---

(1) "Le sentiment de la nature chez les modernes".

Comte e Marx conheceram fôram o caminho de ferro e o barco a vapor. Nós hoje viajamos de zepelin e nos comunicamos pelo sem-fio. Seria rematada loucura pretendessemos reger nossa vida em sociedade por doutrinas dessa especie e dessa idade.

Alem disso, para a ciência de nossos dias para a fisica contemporanea, a materia em que Comte e sobretudo Marx basearam os andaimes de suas construções, pouco ou quasi nada vale mais como principio ativo. Acima dela, em tudo e por tudo estão, dentro da ordem e do sistema de movimentos da natureza, as leis que presidem os fenómenos da vida no universo. A grande teoria moderna da unidade das forças, cujas diversas manifestações em intensidade ou em direção produzem calor, luz, eletricidade, magnetismo, atração universal, afinidades quimicas, impressões de corpos nos sentidos, todas as formas, todas as qualidades e todos os estados das cousas, é muito maior do que as simples relações da natureza humana dos racionalistas, do que as simples relações entre fátos positivos dos comtistas, do que as simples relações de produção dos marxistas. Todos êles são velhos, centenarios ou quasi, e falam uma lingua que não entendemos mais. A grande teoria moderna da unidade das forças é uma sintese formidavel que não rasteja como as doutrinas unilaterais, porque abraça o Cósmos e se eleva á pura esfera das idéas, de onde o espirito póde vislumbrar as mólas impalpaveis de nossa época: "A ciência partindo da natureza corpórea,

chegou quasi aos pés do Creador, porque ela ascende fatalmente para a idéa de Deus!"

E' curioso verificar como se processou êsse retorno espiritual ás fontes de vida eternas e inabalaveis. Apregoando o materialismo, soprado dêsde remotas eras pelos filosofos talmudistas, pelos filosofos judeus, os sábios do seculo XVIII deram inicio á analise de todas as cousas, do mundo exterior e do mundo interior. Esta os levou ao racionalismo e ao individualismo. Aquela ao descarnamento da materia até seus últimos recessos. Decompondo-a sem cessar, os cientistas fôram alem do átomo, ao eon, e aí verificaram que, nas suas mais ínfimas parcelas, a materia repetia o movimento eterno dos astros, regendo-se pelas mêsmas leis. Fechou-se, assim, o ciclo dos fenómenos de acordo com o velho simbolo dos templos; a serpente engolindo a propria cauda. Provou-se experimentalmente a afirmação algumas vezes milenar do papiro egipcio de Hermes Trismegisto, de Hermes tres vezes grande, de Hermes filho de Thot: "O que está em cima é igual ao que está em baixo." (1) E a analise levada ao extremo demonstrou a sintese universal.

Vestir uma camisa verde é formar do lado dessa sintese contra as analises unilaterais; é defender o presente em todas as suas conquistas contra os erros teimosos e as hipoteses renitentes de certo passado; é ser

---

(1) Louis Ménard — "Hermes Trismégiste".

o revolucionario que combate êsses reacionarios de 1848, 1845 e 1789.

Até hoje, vivendo mais ou menos de construções provisorias e de instituições juridicas de emprestimo, com um Estado democratico liberal, mero agente de eleições, de policia e de recebimento de impostos, desprezando os elementos agregantes de sua tradição, sem educação politica e á mercê da irresponsabilidade e temporariedade de seus homens públicos e grupos oligarquicos, o Brasil não conseguiu mais do que apresentar, sem base real, uma fachada de unidade nacional. Por trás dela, porem, só existem ruinas e urtigas. Estados no Estado, em guerras separatistas ou em lutas de hegemonia. Governo reduzido no poder, amesquinhado na autoridade moral e desmoralizado na opinião pelos seus vicios, reflexos dos vicios do regime. Nepotismos e subalternidades. Entrechoques dos fátos com as teorias esdruxulas, das realidades com as doutrinas de aluguel. As necessidades positivas esquecidas ou contrariadas. Invasão continuada de capitalistas sugadores e não de capitais produtivos. A critica transformando-se rapidamente em oposição e a oposição em destruição sistematica. Tudo artificialismo. E o país caminhando ás cabeçadas, sem regra de crescimento determinada, roido pelo liberalismo e ameaçado pelo comunismo judaico.

Vestir uma camisa verde é reagir contra êsse lastimavel estado de cousas, reagir pelo espirito e, se preciso fôr, pelo braço! é trabalhar para a formação duma consciência coletiva, sem a qual nada poderemos reali-

zar de seguro na nossa pátria. Somente ela conseguirá dar-nos a energia civica necessaria para o traçado dum programa baseado na observação e na experiencia, para estabelecer um plano de ação continua e ininterrupta. Vestir uma camisa verde é, pois, bater-se pelo futuro.

Em 1929, numa conferencia na Academia Brasileira, o sr. Julien Luchaire, membro do Instituto de Cooperação Inteletual da Sociedade das Nações, abordando o palpitante tema da instrução e educação dos povos, contou interessantissimo fáto para os que, como nós, precisamos estar a par dos problemas nacionais e internacionais.

Havia pouco tempo, o governo da Romenia solicitara o apoio moral da Sociedade das Nações para obter nas grandes praças européas avultado emprestimo destinado a aparelhar-se completamente, afim de resolver a questão da educação pública. Êsse dinheiro seria destinado á construção de predios escolares primarios, secundarios e superiores; á abertura de novos estabelecimentos de instrução e educação de todo o genero, especialmente premunitorios e técnico-profissionais; á reforma completa de todo o material escolar do país; ao contráto de especialistas de renome, a subvencionar, estimular e premiar esforços e iniciativas particulares. Emfim, resolução definitiva dum problema único e vital, atacado de frente e em larga escala, com recursos bastantes para impedir a procastinização das medidas necessarias e a mesquinharia das verbas insuficientes.

A Sociedade das Nações estudou o pedido romeno.

As comissões técnicas deram pareceres a respeito. E êle foi negado. Não compreendiam que uma nação, acabando de sair da guerra e precisando urgentemente desenvolver seus recursos economicos, pretendesse tratar de questões adiaveis e que demandam gastos improdutivos do ponto de vista comercial. A Romenia replicou que com êsse aparelhamento educacional desenvolveria justamente sua economia pois um povo com instrução e educação profissional está, forçosamente, mais apto a produzir do que um povo analfabeto e sem artes manuais ou mecanicas. Os membros da Sociedade sorriram com incredulidade, como sorriem sempre todos os céticos e inertes deante de idéas novas que lhes parecem absurdas. Entretanto, serenamente, o sr. Julien Luchaire afirmou sob a responsabilidade de seu nome que a Romenia tinha razão de pedir tal emprestimo e para tal fim, porque êle lhe produziria maior resultado do que um para abrir novos poços de petroleo, ampliar rêdes ferroviarias ou valorizar o trigo.

Por que? Porque é da educação dum povo que depende o aproveitamento dos recursos que a fatalidade geografica lhe pôs nas mãos. Os fatores espirituais são os que maior influencia exercem no destino das nações. De que servem riquezas metalicas enterradas no coração da terra, cachoeiras portentosas despenhando-se dos alcantis, rechãs e pradarias esperando o adubo ou a rêlha para se transformarem em campos uberrimos ou em pastagens magnificas, florestas umbrosas de continuo perseguidas pelo machado e pelo

fogo, todos os produtos espontaneos do sólo e das aguas, se a gente que habita no meio de tudo isso não tem, por sua ignorancia, pouco valor espiritual e moral a capacidade precisa para aproveitar o que está no alcance de suas mãos?

Até hoje não educamos o povo brasileiro e, descurando dêsse problema basico, fizemos emprestimos para tudo menos para dotá-lo de meios de gozar o Brasil. E nenhuma de nossas questões até agora pôde ser resolvida e nem o será enquanto não mudarmos de rumo, porque se não resolveu a questão fundamental, que é a formação definitiva da consciência brasileira.

Vestir uma camisa verde é proclamar alto e bom som que, arrostando o perigo, desafiando os interesses subalternos contrariados, desprezando os sofrimentos e arriscando a propria vida, se vai ajudar a crear essa consciência. Nessa tarefa sagrada e formidavel, o maior esforço deve ser o da mocidade, porque ela é a madrugada do Brasil e ela precede o claro dia da nossa definitiva Redenção. Todos os brasileiros devem acostumar-se com a idéa de terem deveres sem pensar em terem direitos. Somente assim poderão de verdade se integrarem na consciência da Grande Pátria! (1)

---

(1) Saúdação dirigida aos Universitarios Integralistas de S. Paulo, em outubro de 1933.

A INQUIETAÇÃO DO SECULO XIX E A RECONSTRUÇÃO DO SECULO XX

O seculo que findou e cujos efeitos se prolongaram sobre as primeiras décadas daquêle que estamos vivendo foi, no seu bruxolear ensanguentado, a era da inquietação. Inquietação nas sociedades desmanteladas pelo liberalismo dissoluto e dissolvente, em que "a liberdade politica é uma idéa e não um fáto". Inquietação nas economias, violadas em sua natureza, oscilando ao sabor de maquinações secretas, para as quais as lagrimas e o sangue não teem o menor valor. Inquietação nas massas em quem criminosamente se incutiram o desrespeito das superioridades, o odio ás hierarquias e a quimera atroz da absorpção da individualidade na "unidade simbolica do coletivismo", flagrante violação da maior lei da natureza, que é a da desigualdade hierarquizada, dêsde o astro ao inséto. Inquietação, emfim, — e a maior de todas — no mundo interior, nêsse reflexo do cósmos que trazemos dentro de nós, nêsse *microcosmo* ou universo pequenino, como diziam os antigos. Inquietação assombrosa dos espiritos, produzindo uma anarquia generalizada, promotora dos peores

males em todas as manifestações da vida pessoal ou coletiva.

Em nenhum periodo da história, a não ser nos tempos homericos, como escreveu Wolf ou em outros do mêsmo ciclo, a humanidade conseguiu seu ideal social que seria a unidade de caractéres, de costumes e de direito, a unidade histórica, arqueologica e literaria, expressão harmonica e completa duma era sob todos os aspétos — politico, social, legal, religioso, nos habitos e nas instituições. Contudo, a humanidade havia procurado essa situação em várias épocas, através dos tempos, ora dela se aproximando, ora dela se afastando; mas sem a ela renunciar de todo. No seculo XIX e no começo do XX, como que um poder estranho e oculto a arrancou dêstes lineamentos harmonicos e totalizantes, deixando-a a debater-se na peor de suas crises. De ha muito lhe haviam inoculado o veneno da negação da vontade e do pessimismo, moeda corrente das literaturas céticas. Seu materialismo, gerado duma metafisica materialista e creador duma mistica materialista, atingira ao ápice, transformando a propria vontade em força fisica, materializando a propria vontade no conceito de Schopenhauer: "A materia é a visibilidade da vontade". Viu-se, então, êste panorama mental: o elemento histórico, determinista, preponderando sobre o elemento ideal; moralidades legalistas, formalistas ou positivistas predominando sobre a conversão interior, sobre a vida da consciência; e o inconsciente feito pai do consciente!...

Como que um polvo, oculto nas trevas, estendia um a um os braços vampiricos, tentaculares, para maniatar, sugar, matar uma dimensão espiritual, uma crença, uma autoridade moral, um preceito de ética, uma fé religiosa, mêsmo um postulado cientifico, de maneira a deixar a civilização estonteada e sem defesa, para atingir assim um fim demoniaco. E, quando alguns pensadores conseguiam que sua voz se fizesse ouvir no tumulto dos *jazzs*, dos cinemas sintonizados, dos alto-falantes e das gentes em delirio, apontando êsse trabalho de sapa de verdadeiros cupins, uns por interesse aumentavam o barulho, outros por ignorancia ou desdem da verdade tapavam os ouvidos, outros, emfim, eram daquêles homens, a quem se referia Calderon, que sabem tudo, mas não compreendem nada.

Entretanto, quem prestasse um pouco de atenção ouviria na sombra o rolar dum carro misterioso impelido por mãos misteriosas, destinado a esmagar as derradeiras resistencias, novo carro de Jaguernaut movendo-se para a conquista do mundo e trazendo sobre seus eixos possantes todo o ouro acumulado em seculos de usura, de especulação e de rapina pelo judaismo sem pátria e sem coração. Ali vinha o carro triunfal do materialismo semita com toda a sua perturbadora cenografia: o néo-messianismo politico reconhecido por Stanton (1); o livre-arbitrio disassociador já apregoado na *Mischna* do rabino Akiba; o determinismo histórico teimando em interpretar a realidade; as máscaras dos

(1) "The Jewish and the Christian Messiah."

socialismos sôbre as figuras reais dos imperialismos; o Capital e o Trabalho despersonalizados, deshumanizados e transformados em abstrações monstruosas; e, agitando a bandeira vermelha da Comuna de 1871, a uniformidade animal do comunismo marxista!

Emquanto o carro terrivel lentamente se mexia, os povos se divertiam com os recordes de aviação e natação, de dança á hora e de destruição social, como o de Lenine, com os concursos de fábricas de cigarros ou de beleza feminina, do maior futeboleiro ou do poeta mais moço, todos assoprados pelas influencias secretas acocoradas nos bastidores da imprensa... E tudo isso ia se encaminhando para aquela "funesta quimera do universalismo anti-nacional" a que se referia Chamberlain ha mais de vinte anos e que é o meio de permitir um dominio universal pelo completo desaparecimento da idéa de pátria. As gerações estavam já mais ou menos preparadas para se atingir a êsse desideratum. As teorias politicas do liberalismo, vencedoras com a Revolução Francêsa, tinham deixado uma herança de conhecimentos, pensamentos e processos ideais ou materiais, tão arraigada nas almas que era impossivel destrui-la sob pena destas baquearem, tanto todos êsses elementos participavam já da propria personalidade.

Todavia, se tal consciência consentiu que, através do liberalismo sedutor, contra o qual nenhuma voz se atrevia a erguer-se, a destruição e a inquietação se dessem as mãos, tambem consentiu que a sociedade resistisse um pouco aos seus empuxões desagregadores. Por-

que, no fundo de todas as consciências cristãs, restavam resquicios de fé, de ensinamentos milenares, de instituições hereditarias, enraizadas tambem na propria personalidade, carne da mesma carne, sangue do mêsmo sangue. Foi isso, felizmente, o que permitiu esperar o desabrochamento do espirito do novo seculo, espirito salvador!

A' inquietação sucedia á necessidade inadiavel de reconstrução. O mundo fartára-se de ruinas nas almas, nos corpos, na fisionomia da terra. Demais, obedecia á lei divina, á lei imutavel, deante da qual os *polvos das trevas* valem tanto quanto uma formiga, lei que estabelece a coordenação, a sinarquia, isto é, a existencia de principios, como regra fatalmente dominadora da anarquia, ou ausencia de principios. Se toda ação provoca uma reação igual e contrária, o mal somente póde suscitar o mal, e essa oposição a si proprio acaba por fazê-lo desaparecer.

Não ha mais profundo conceito na obra de Goethe do que aquêle em que, para coordenar, êle manda separar e depois reunir. Coordenação perfeita é a sintese após a análise. Como grupar elementos num feixe único sem antes os ter estudado um por um? Como organizar o todo sem o conhecimento das partes? O seculo XIX separou, dividiu tudo, fenómenos, teorias e homens. Pensando destruir de vez a sociedade, o espirito do judaismo-cosmopolita preparou os meios duma sintese que lhe será fatal. O seculo XX veiu encontrar a desunião e a desordem em todos os mundos; porem,

dentro delas, o enriquecimento da ciência pelos fátos concretos e pelas novas relações de fenómenos em todos os campos do saber. Procedeu á sistematização dos conhecimentos adquiridos e das descobertas feitas, aplicando-os á economia, á arte, á religião, á moral e sobre uma nova concepção do mundo alicerçando os edificios politicos das nações.

O seculo em que estamos é, assim, o seculo da reconstrução. Reconstrução dos fundamentos espirituais da cultura, postergados em nome de doutrinas filosoficas unilaterais. Reconstrução daquêle quasi perdido elemento de superioridade do homem e que Gustavo Le Bon definiu como a "necessidade de se sacrificar por um ideal". Reconstrução de certos pontos de vista basilares, que uma propaganda sistematica tudo fez para pôr de lado ou subverter, como a familia, que absolutamente não é uma conquista tardia da civilização; mas existe, como regra sem excepção, segundo Ernst Gross (1) nas sociedades de mais inferior gráu de cultura, não se encontrando em nenhum povo primitivo — afirma Deniker (2) um verdadeiro estado de promiscuidade, familia estribada no casamento, instituição divina entre os árias, a qual como quer Zimmer (3) é o "elemento positivo na configuração da vida familiar". Reconstrução da personalidade do Homem, que vinha sendo mecanizado até abdicar da propria individuali-

(1) Die Formen der Familie und die Formen der Witschaft".
(2) "Races et peuples de la terre".
(3) "Iudisches Leben".

dade, datando de Kant o esforço analitico para resolver a questão moral do individuo. Para conseguir isso, o filosofo de Koenigsberg, começou por decompor o mecanismo do Cosmos que nos rodêa. Levou 25 anos de trabalho continuo e miudo para dissecar o organismo interno do pensamento e, pondo a nú a personalidade humana, gastou 20 anos a perscrutá-la em todos os seus meandros, para terminar com esta confissão: "No homem, se descobre tal profundez de disposições divinas que ela lhe faz sentir, com um fremito sagrado, a sublimidade de seu verdadeiro destino".

Reconstrução do totalismo da natureza, que é tanto objetivo como subjetivo, porque não se manifesta somente no que vemos e palpamos, mas tambem em nós que palpamos e vemos. Reconstrução da ordem social dentro da verdade universal. Reconstrução da resignação moral que minora os males reais e livra o homem das ambições tumultuarias, creadoras de males imaginarios. Reconstrução de todos os criterios que repousam em verdades eternas, as quais resultam de leis imanentes, e que uma apreciação tendenciosa e uma logica falsa, mas bem apresentada, tudo fizeram para pôr abaixo. Reconstrução das nações minadas pelo internacionalismo traiçoeiro, no terreno moral, social, politico, artistico, economico, baseado em todas as construções teoricas em que foi fertil o seculo XIX, ás quais devem suceder as construções praticas do seculo XX. Reconstrução do Estado, que se perdera nas abstrações do liberalismo democratico, dentro da elasticidade dum or-

ganismo estatal vivo. Reconstrução total do mundo sobre as bases impostas pelo desenvolvimento histórico.

Para essa tarefa gloriosa e maravilhosa, cheia de tormentos e de surprezas, os pioneiros da renovação humana procuraram acordar as almas profundas dos povos, os seus genios etnicos. Porque as aguas do oceano humano de tal modo estavam toldadas que somente no fundo delas, no seu mais intimo recesso, se poderiam encontrar as virtudes sadias de suas antigas concepções da existencia. Nêsse ponto de apoio da vida e da consciência coletivas das nações, se firmou a alavanca destinada a repôr no seu verdadeiro caminho o destino da humanidade cristã. E, então, as doutrinas totalitarias-espiritualistas puderam fazer uma declaração de guerra categorica ao materialismo semita e á mentalidade suicida do antipatriotismo geral.

Num livro admiravel, Charles Guignebert reconhecia já no inicio dêste centenario, que a transformação moral que o judaismo internacional pretendia levar a cabo através da inquietação e da anarquia dos povos, era o inverso dos fins desejados pela civilização cristã. Toda a luta do mundo trava-se dentro dêsse dilema. O mais é pura fantasia que unicamente poderá iludir aos que ignoram a verdade dos fátos.

Ao verdadeiro ensinamento da ciência da ordem social, da vida humana, que demonstra exaustivamente a divisão do trabalho e sua consequencia logica — a divisão de classes e de condições, se substituiu, primeiro, o governo da fraseologia liberal, fundado numa li-

berdade abstráta, verdadeira ironia para os oprimidos do nepotismo, da corrupção ou do capital, produzida pela maioria de acaso e superficial dos sufragios universais. A instrução e a educação, pedras angulares da verdadeira liberdade humana, fôram postas sob principios falsos, destinados a fazer os povos perderem o habito da reflexão. O ensino pela imagem reprimiu a faculdade de pensar. Os cerebros não aprenderam mais pelo esforço da inteligencia e pelo desenvolvimento das qualidades do raciocinio, mas tudo nêles entrou pelos ouvidos e pelos olhos, mecanizando-os. O dinheiro deixou de ser o estalão que serve para trocas, tornando-se mercadoria acima das mercadorias, que se aluga, vende e muda de país ao sabor das especulações indecorosas. A politica, separada da moral, em oposição á moral, creou a igualdade nos códigos e aumentou até o paroxismo a desigualdade nas fortunas e nos gozos materiais. E, na alma inquieta, complicada, tartufa e covarde da democracia-liberal, "o trabalho nocivo do jurisconsulto de gabinete", conforme a expressão mais do que verdadeira de Ihering, fez esquecer as realidades nacionais e os valores positivos dos povos, para vegetar, numa erudição lentejoulante e fôfa, copiando leis escritas, sem se lembrar que elas governam muito menos do que se pensa...

Filiados á Enciclopedia, a Augusto Comte e Marx, sociólogos e estadistas puseram os antolhos dêsses freios cientificos e não houve meio de convencê-los que o mundo caminhara alem dos *Direitos do Homem*, além

da filosofia positiva e além do falecido determinismo materialista da história. Apesar dos pesares, o seculo XIX, nos legou na obra de Henri Poincaré, a conclusão de que a ciência é provisoria e nada mais faz do que assinalar as transições entre as teorias de ontem, as de hoje e as de amanhã. Um tratado de ciências naturais ou fisicas do tempo de Rousseau, de Comte ou de Marx está presentemente fóra de uso. Como outra prova da provisoriedade cientifica, basta avaliar a diferença entre a concepção simplista do começo do último seculo, a que Darwin traria a maior contribuição, concepção que tendia a reduzir todos os tipos zoologicos a um estalão inicial único, e a teoria moderna, magistralmente exposta por Fleischmann, dum minimo de dezeseis tipos irredutivelmente primitivos (1).

Como conceber, pois, que nossa vida socio-politica se configure dentro de teorias filosoficas, economicas e estatais contemporaneas duma ciência que não exprime mais a amplitude do conhecimento atual e que lhes serve de alicerce? E, se é certo que, nas concepções de renovação e reconstrução atuais, fórmas ha que revivem do passado, elas não exprimem contradições, porque na ciência o que se modifica, o que é precario, provisorio, instavel é a concepção das relações entre os fátos, e não os fátos, que êstes não mudam nunca e espelham as verdades eternas.

O mundo, desequilibrado para a Direita ou para a

---

(1) Chamberlain — "Die Gründlagen das zwantzische Iahrhundert".

Esquerda, procura uma situação de equilibrio. "Êsse equilibrio — diz um grande critico dos nossos dias (1) — é inseparavel do totalismo". O totalismo é sintese, é reunião da Direita e da Esquerda em marcha para a Frente. O humanismo totalista é interior: integração em nós da alma universal; e é exterior: concepção totalitaria da vida em que "nada de grande se póde realizar sem a colaboração duma força puramente ideal" (2); concepção totalitaria da cultura, como orientação, direção, maneira de sentir, não se deixando penetrar por elementos perturbadores; concepção totalitaria do homem economico, civico e espiritual; concepção totalitaria do Estado-Nação, autoridade moral, capacidade cientifica, justiça e economia.

Tudo isso fundado na disciplina espiritualmente aceita. Goethe conceituava-a em tres itens; respeito ao que está acima de nós; respeito ao que é igual a nós; respeito ao que está abaixo de nós. A totalização da disciplina exige um quarto item: respeito a nós mêsmos.

A grande desgraça do mundo foi o chisma entre a politica e a moral, que a tendencia analitica, separatista do seculo XIX levou até o extremo, de maneira que, no campo da politica, o homem mais honesto cometia átos que o votariam ao desprezo ou o levariam á prisão, se cometidos na vida normal. Sozinha, entregue ao acaso da intriga e do sufragio, ela gerou a anarquia social

---

(1) B. Crémieux — "Inquietude et reconstruction".
(2) Chamberlain — "Die Gründlagen das zwantzische Iahrhundert".

e mental, filha da falta de subordinação do poder a uma autoridade moral superior, e o escurecimento da propria inteligencia pelas paixões civis e pelos instintos pessoais.

Outróra, essa separação não existira de todo ou, quando existira, não fôra tão funda. A sabedoria punha-se sempre acima dos tumultos das paixões politicas e controlava-as. No frontão do Templo de Delfos, havia êste letreiro: *Ekas, ekas, este, Bebeloi.* Fóra os profanos! traduzem comumente. O sentido, porem, é mais profundo: Fóra os profanadores politicos! O seculo XIX destruiu êsses letreiros de todos os templos nacionais e tirou as grades que os defendiam. Os profanadores invadiram-nos e tripudiaram sobre suas lages sagradas. E, se alguns dêsses templos se mantiveram de pé ou prosperaram, isso se deu apesar da politica. E, em todos, a organização visivel e artificial do liberalismo-democratico ocultava uma organização invisivel e mais poderosa, agindo dia e noite, no sentido de explora-los parasiticamente até destrui-los para uma reconstrução a seu modo e sob seu dominio.

Eu sei que estas verdades revoltarão os que não gostam de ouvi-las e não calarão no ánimo dos que se julgam póços de ciência ou de experiencia politica e social. E' talvez necessario, como o queria Saint-Yves (1), ser humilde e manso de coração, sentir-se pobre de espirito, para receber a Verdade como amor. Não é outra a grande e eterna lição do Evangelho.

(1) "Mission des juifs".

Num livro recente *Inquietação e Reconstrução* ao qual tomei emprestado o titulo desta conferencia, Benjamin Crémieux, reconhece que o mundo não corre á sua perda, porem novamente se organiza, sendo necessario que as leis da vida espiritual sejam respeitadas. "Espiritualização — escreve êle — é avanço e profundidade, portanto aumento da quantidade de espirito espalhada no Cósmos, quer êsse espirito flutúe esparso á espera de ser captado e configurado pela conciência humana, quer êsse espirito seja emanação da divindade de que o homem participa".

E' no sentido do espirito que a humanidade caminha. E' nêsse sentido que o seculo XX verá a sua vitória. Porque, vaticinava Schiller, "na direção já está o fim; o caminho está virtualmente percorrido dêsde que começamos a percorrê-lo". Já se foi o tempo de considerar as questões sociais como questões politicas. Elas são questões cientificas, portanto inteletuais. E, como os fátos teem provado e vão ainda provando, o remedio da politica, que faliu, não está nela, mas fóra dela, na inteligencia e na moral.

A inquietação que profundamente abalou e continúa a abalar o mundo foi um fenómeno puramente inteletual com as devidas projeções no campo da politica e da economia. A reconstrução que vai salvar o mundo é tambem um fenómeno puramente inteletual com identicas projeções. As doutrinas totalitarias, integrais são grandes e nobres movimentos culturais a que nenhum inteletual poderá ser estranho, máu gra-

do o que disse S. Mateus: "Todos não compreendem a Palavra, mas somente aquêles a quem isso foi concedido"...

Êsse movimento, refletido no nosso país e adaptado á sua realidade, creará o sentimento de brasilidade que nos ha de salvar da ruina, sentimento de brasilidade que não póde talvez residir no nosso sangue mestiçado, mas que se deve estratificar na nossa conciência; que não póde talvez residir na nossa raça ainda não caraterizada, mas que se deve enraizar na mentalidade nacional. Sua creação é obra de pensadores, homens de ciência, artistas, escritores e poetas, não é obra de politicos. Eis porque a nós inteletuais cabe a maior responsabilidade na creação do Brasil Novo (1).

---

(1) Conferencia realizada no ginasio O Granbery de Juiz de Fóra no dia 20 de outubro de 1933. Depois: nas Associações dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro, Maceió e Recifé; no Teatro Municipal de Belo Horizonte, na séde da Ação Integralista de Niteroi e na Associação Universitaria da Baía.

O SENTIDO NOVO DA POLITICA, DA EDUCAÇÃO E DA ECONOMIA

A vida não póde e não deve ser unicamente satisfação de necessidades materiais. Ela póde e deve ser, antes de tudo, satisfação de aspirações inteletuais e espirituais. Estas são eternos direitos da personalidade humana que devem primar os determinismos economicos, pois o espirito precede a materia. Se acontecesse o contrario, como querem os materialistas, ficariamos em face do maior dos absurdos: — o inconsciente gerando o consciente.

A educação é a propria substancia da vida, sobretudo da sua parte espiritual. Assim, somente na escola verdadeiramente se póde modelar a sociedade. A educação traçará as nórmas mentais que configurarão a alma e os anélos da mocidade. A nação fórma-se, portanto, estratifica-se nos bancos das aulas e, mais do que a nação, mais amplo do que ela, o proprio espirito duma época. Daí a gravissima responsabilidade que pesa sobre os ombros dos que educam a juventude. Êles teem deante de si um terreno virgem e adubado de entusiasmo juvenil, no qual germinará viçosamente o que plan-

tarem, o bem ou o mal, a coragem de afirmar ou o mêdo da negação, raizes que durarão toda a vida e que, mêsmo arrancadas, deixarão a profunda marca de sua existencia. Cuidado, pois, ó mestres, com a qualidade das sementes que ides semear! Se elas fôrem as da dúvida ou as da destruição, vosso crime é o maior de todos os crimes, porque é o envenenamento consciente do futuro!

Nos dias que correm, tôrvos, nublados com os horizontes afuzilando em relampagos sinistros e ressoando ao funéreo rolar de trovões longinquos, maior ainda essa responsabilidade. Os problemas da atualidade extravazam do âmbito desta ou daquela nação. Êles são, na verdade, universais. Economias e politicas debatem-se, convulsionadas aqui numa desordem satanica; norteadas ali por uma ordem materializada, mecanizada, que é, simplesmente, como diz um grande pensador, a caricatura da ordem. A verdadeira ordem deve ser moral e material, fundada na submissão da materia ao espirito. Na constituição fisica que Deus concedeu ao universo, via Dupont a ordem natural e via bem, pois que a aparencia material reflete as forças ocultas e espirituais que desconhecemos.

Nêste seculo, estamos em face duma decomposição molecular da sociedade. Sente-se na vida das nações aquêle "fermento de decomposição" a que Hitler se refere, "ameaça oculta de afundamento do ocidente". Em verdade, prodigioso movimento de subversão tudo abarca: o ensino, a arte, a vida familiar, a repartição

das riquezas, o comercio, a produção. Os fenómenos da religião e da economia se manifestam em oposição aos da politica, êstes em oposição áquêles e todos em oposição entre si. A exaltação arbitraria e aprioristica do individuo, que determinou os chamados regimens liberais, provocou o exagero arbitrario e aprioristico da economia, esmagando o individuo na uniformidade comunista, e se perdeu o verdadeiro conceito da unidade social e da harmonia social.

Hora a hora, dia a dia, lenta e inexoravelmente, todas as construções do espirito se vão esbarrondando, esfarinhando, como se as devorasse invisivel praga de cupins. E, na sagrada esfera da educação da mocidade, vão dando entrada e assentando arraiais e logo se fortificando uma série de teorias pseudo cientificas, lentejoulantes, tentadoras, sutilmente pérfidas, que uns recebem de bôa fé e de bôa fé propagam, que outros de má fé esposam e espalham de má fé. Elas são verdadeiras toxinas, o perigo dos perigos, porquanto se destinam a crear um senso social novo. Com um sorriso serafico e asas de cándidas penas, fingindo de anjinhos de procissão, ameaçam de morte, todavia, os mais preciosos valores morais de nossa cultura.

O inteletualismo superficial dos partidos burguêses, inteiramente mergulhados na preocupação de seus interesses de pessôas, corrilhos e grupos, ou a sua ignorancia crassa, deixaram que, durante toda a vigencia dos chamados governos liberais democraticos, á sombra dum liberalismo de pura fancaria, palavreado e não

fáto, se fôssem, infiltrando na alma de sucessivas gerações o virus da desordem mental, da indisciplina, do pragmatismo e da inteira materialização do sentido da vida.

Esqueceu-se que o fim da sociedade não é e não póde ser a riqueza, como a imitação iánqui fez correr mundo, e que, por essa razão, a economia não deve tomar o lugar de tudo, hipertrofiando-se como o figado dum ganso na engorda; mas deve ser subordinada á moral. "Para o individuo e para a sociedade — afirma Gino Arias do alto de seu saber — as riquezas são instrumento de fins superiores e não elas proprias um fim". Separada da moral e da politica, tomada da presunção de ser a mãe de tudo, a economia passou a ditar todas as leis, exorbitando, com grave perturbação da harmonia social, da sua "posição subordinada na ordem hierarquica das ciências morais" (1).

Por seu turno, a politica se foi rebaixando de seu verdadeiro papel de doutrina filosofica e de doutrina moral ao de mera arte de enganar os povos e os homens, de dividir para governar, sistema dos fracos, reverso do sistema dos fortes que é unir para governar.

Em todas as manifestações da formação social, a primazia do espirito, sem maior exame, foi posta de parte. O reflexo dêsse erro no panorama educativo é arripiante. Adotaram-se ás cegas todos os denominados métodos de ensino moderno, absolutamente praticos e

---

(1) Gino Arias — "L'economia sociale corporativa nella storia del pensiero politico".

afamados por fazerem as crianças se adeantarem de pressa. Como se a pressa não fôra sempre e em tudo a maior inimiga da perfeição? Aprendendo a ler por êles, o olho vê primeiro; aprendendo a escrever, a mão traça primerio o caminho; e a inteligencia segue o olho e a mão, ao invés do processo natural que é servirem mãos e olhos á inteligencia. Dá-se imediata mecanização do ensino. E' uma verdadeira inversão de valores, identica á operada em todos os climas do espirito humano: na economia, na politica, na filosofia, no conceito da sociedade e no conceito de Estado. Inversão provinda geralmente das observações parciais de fátos contingentes, apresentados como necessarios senão como verdades ecumenicas.

O ensino deve ser dado primeiro ao cerebro. Êle tem de ser teorico, em primeiro lugar, e pratico em seguida. Ensino teorico não quer dizer puro ensino abstráto, quimerico; mas aquêle que incute noções teoricas sem perder o senso e o contáto das realidades; aquêle que ensina a refletir e a raciocinar, fazendo dos olhos, das mãos e dos ouvidos instrumentos do cerebro e não do cerebro fazendo instrumento dos ouvidos, das mãos e dos olhos, o que, naturalmente, com o tempo, atrofiará as faculdades da inteligencia. Demais, nessa aprendizagem pelos sentidos se estiola a memoria, outróra desenvolvida nas cantorias do *b a ba* e da taboada.

Insistiu-se e insiste-se no grave erro de levar o estudante unicamente ao campo da técnica, declarando-se a inanidade de levá-lo unicamente ao campo do saber

teorico. Os dois sistemas são tão defeituosos um como o outro. O conceito verdadeiro de educação, é levar o estudante á sabedoria, isto é, ao saber, primeiro, e a sua aplicação técnica, depois.

Afastaram-se completamente certas dimensões da vida educacional que marcavam nos espiritos a força de alguns conceitos morais, sob o pretexto de sêrem passadistas. Para certas verdades eternas, não ha passado, nem presente, nem futuro; porem uma perpetua atualidade. Haverá quem recuse como passadista a lei da gravitação ou a teoria dos vasos comunicantes? E negou-se até, com Kant, o progresso como meio de atingir a uma finalidade.

Em toda a educação sistematizada se nota a inclinação internacionalista e o solapamento das bases morais. Nos programas do ensino secundario, por exemplo, deixou de figurar a *História do Brasil*, como materia independente e de capital importancia, passando a ser mero capitulo da *História da civilização*. Muitos paises tão desavizados como o nosso adotaram o mêsmo método de disfarçada internacionalização. Não se considerou mais como base dos estudos juridicos o Direito Romano, imitando-se outros povos. Perdeu-se, assim, o fundamento juridico de ordem moral e se pragmatizou de vez o ensino da jurisprudencia. E certos póços de ciência infusa e confusa, elevados pelo acaso das rebeldias ás poltronas ministeriais fôram copiando do estrangeiro todos êsses e muitos outros processos

de esterilização intelectual, sem o senso da realidade brasileira e sem o senso das realidades cristãs.

Em vez de alargar os horizontes da mocidade, tudo isso somente tem servido para, continuamente os ir estreitando, de maneira a minguar-lhe estimulos, sentimentos, pensamentos, e matar-lhe a propria alma. E a desmoralização oficializada a que o ensino chegou coroou essa obra de destruição. Pondo de parte a lepra das taxas e da mercantilização professoral, bastam os famosos exames por decreto para dar o fiel retrato duma época. Não ha motivo algum que possa justificar essa concessão, pois é obvio que o saber não se outorga. Entretanto, os governos não se teem pejado de cometer essa miseria moral, os moços não se teem envergonhado de se aproveitar dela e, o que é peor, por varias vezes a teem solicitado!

Uma das muitas taras que eivam todas as atividades sociais. As outras são incontaveis. Na explicação dos problemas da vida, uma das fórmulas propostas e espalhadas por uma propaganda pertinaz é a mais amoral e infame possivel. Quero referir-me á doutrina de Freud, que tudo faz provir do apêlo sexual, a propria arte, o proprio misticismo, maculando até o amor paterno, o amor filial e o proprio amor materno, o mais sagrado de todos os amores. Essa doutrina venenosa, encapotada de ciência pura, vai servindo de falacioso pretexto a pseudos estudos psicologicos, filosoficos morais, sociais e estéticos, nos quais os chamados sexologos, trepados nas suas tamancas, ostentam todas as

torpezas; e, no fundo, tende somente a rebaixar o homem á mais tôrpe animalidade.

Nas modas, procurou-se e ainda constantemente se procura acentuar com perigo para o equilibrio humano, para a harmonia da vida social, a absoluta primazia do corpo. E' essa tendencia que, em certos paises, conduz até o nudismo. Ninguem póde negar a beleza das fórmas plasticas, ninguem se póde furtar aos encantos que sugerem e só uma falsa moralidade, uma refalsada hipocrisia procurariam impedir que a mulher se alinde ou que frequente uma praia de banhos em roupas proprias para banhos. O mal está, porem, na acentuação abusiva e ascendente daquela primazia, que traz, consequentemente, a primazia da animalidade e que habitua a essa animalidade.

Na maioria dos livros, a mêsma campanha de desordem filosofica, de desagregação social, de pragmatismo, de utilitarismo, de abastardamento do gôsto e de destruição dos ideais superiores se vem realizando dia a dia, como sob o influxo da continuidade de ação dum plano celerado. Um exito inexplicavel corôa todas as produções da literatura malsã. Faz-se um silencio de chumbo em torno dos livros honestos e verdadeiros. Todas as obras literarias que, sob o pretexto, da grande guerra, procuram mostrar na aparencia os seus horrores, e, no fundo, insidiosamente, amesquinham o sentimento do sacrificio e o patriotismo são trombeteadas pela fama, traduzidas em todas as linguas e levadas até

o premio Nobel (1). Na biografia dos homens celebres, se instila uma peçonha desvirtuadora do idealismo de suas ações. O escôpo que se sente é o de aplainar toda superioridade. Se fôra possivel, passava-se um cepilho no mundo. Ficava tudo igual, igual e lamentavelmente chato. De modo tendencioso, até fraudando textos, se faz a exegese dos livros religiosos. E as proprias lendas de fundo idealista, que já se incrustaram na memória das gerações, são caricaturadas, ridicularizadas, o que é um meio de feição inocente e de essencia perversissima para desenraizá-las.

O volume *Um iánqui na côrte do rei Artur* transposto para o cinema sonoro diverte como uma palhaçada sem malicia, arrazando, entretanto a mais bela concepção do ciclo de lendas, celto-cristãs: a esplendida iluminura de alto idealismo da antiga cavalaria expressa nos companheiros da Tavola Redonda. Ha pouco, no *O marido da guerreira*, o mêsmo processo foi aplicado á fabula das Amazonas, e á história do descobrimento da America por Cristovam Colombo. Amanhã, chegará a vez de Joana d'Arc. E, depois, não duvidamos, do proprio Cristo.

A tudo isso Georges Viance denomina os amargos frutos da cupidez. Porque a cupidez, nos últimos quarteis do seculo XIX, atingiu seu apogeu numa sociedade economicamente falida, politicamente agonizante e moralmente atrazada. O mercantilismo avassalou-a de mãos dadas ao individualismo, sotopondo

(1) O livro de Remarque, por exemplo.

os interesses da sociedade aos interesses de grupos ou individuos; abandonando a verdadeira tradição da economia e creando uma tradição falsa, dentro da qual ela ficou em constante oscilação, ao sabor das teorias divergentes de cada um, a produzir resultados tão infelizes que hoje só ha um conselho a seguir: voltar ao passado, afim de crear nova base para o futuro.

Em todas essas manifestações, não é possivel deixar de sentir como que o plano de conjunto, a trama completa duma como empreza secreta anti-tradicional, anti-cristã, tendente a partir todas as fôrmas da cultura, a quebrar todos os padrões de valor da humanidade, de maneira a deixá-la sem defeza ás mãos dum empirismo grosseiro e dum materialismo desabusado. As bases tradicionais da nossa civilização fôram sempre a fé, o amor e o espirito de sacrificio em pról de ideais superiores. Afirmação, pois, em todos os sentidos. Todas essas bases, umas após outras, teem sido lentamente, continuamente minadas pelo Espirito das Trevas. Nessa triste faina, é forçoso convir que o papel de maior relevo foi distribuido á imprensa de todos os paises, á imprensa, seja dito a bem da verdade, das grandes capitais, cuja alta missão coordenadora e educativa foi conspurcada de tal modo que a transformaram em balcão, em exploradora de escandalos, em veículo de sensacionalismo e em destruidora sistematica de reputações.

Daniel Rops mostra-nos claramente a ação da cupidez a que alude Georges Viance: "O mundo é dirigido

pelos homens que manejam o dinheiro — escreve — isto é, pelos banqueiros. A Inglaterra atual é a prova provada disso e a America foi a vitima dessa autocracia de nova especie, cuja pretensão só é igual á sua leviandade. O que agora se afunda descamba numa *decrepitude* que insuspeita testemunha, o sr. Lucien Romier (1), assinala não é propriamente o capitalismo, porem seu exagero sob a fórma bancaria ou produtiva. Entretanto, indubitavelmente, a ruina total arrastará, com os responsaveis pelos excessos, muitos inocentes e já a economia média expia cruelmente erros de que não é responsavel senão por desculpavel descuido". A bancarrota final do mundo, se até lá fôssemos sem uma reação salvadora pelo caminho, o que não é mais possivel, seria tambem, castigo justo, a bancarrota total do argentarismo judaico que a provocou.

Todos êsses excessos promanaram dum excesso no sentido analitico que se refletiu com o criterio das especializações exageradas. O pensamento antigo legado á sociedade cristã da Idade Média, que o absolutismo monarquico, primeiro, e a Revolução Francêsa, depois, destruiram, era integral e ecumenico em materia cientifica. O seculo XVIII começou e o seculo XIX terminou a tarefa de dividi-lo em compartimentos estanques. E eis como se tornou impossivel uma sintese social.

---

(1) Lucien Romier — "Qui sera le maitre, Europe in Amerique?".

De um modo geral o fascismo de agora não é uma simples ditadura (1) como vulgarmente se pensa ou se procura propagar, porem uma filosofia que realiza essa sintese e a projéta na cultura e na fórma da sociedade, creando um novo sentido da vida, renovando e reconstituindo a verdadeira doutrina politica dos Estados cristãos, cuja unidade social valoriza o individuo pelo respeito á autonomia de sua personalidade, subordinando-o, contudo, aos interesses da comunhão.

E' dessa sintese que resulta a idéa de Pátria como idéa mãe do Estado, isto é, o Estado-Nação, não abstração liberal, mas realidade politica, com a mais completa precedencia da sociedade sobre pessôas e sobre partidos; Estado que o grande espirito de Rocco assim define? "O Estado-Nacional, guarda zeloso de sua soberania, é o Estado que destruiu facções e seitas, substituindo a luta fratricida dos partidos e das classes pela colaboração fraternal de todos os cidadãos em pról da prosperidade e grandeza da pátria". (2)

Todos os excessos a que aludimos produziram no mundo um ciclo verdadeiramente infernal: a mi-

---

(1) "Fascism is not dictatorship in the old sense of the word, which implies government against the will of the people. Fascism is dictatorship in the modern sense of the word, which implies government armed by the people with the power to overcome problems whicli must be conquered if the nation is to live and to be great". Sir Oswald Mosley — "Fascism in Britain".

(2) O mêsmo pensamento de sir Oswaldo Mosley, op cit.: "Class war give place to national cooperation".

seria economica impelindo as nações á guerra e a guerra, por sua vez, impelindo as nações á miseria economica. Fruto da concepção materialista da economia, que a alta sabedoria de Santo Tomás de Aquino havia considerado uma ciência moral nas suas bases e nos seus fins, no sentido de ser a riqueza ganha e usufruida dentro dos modos e dentro dos limites impostos pelos fins superiores da vida. Dêsde Adam Smith (1) que êsse conceito moral da economia foi sendo posto de parte, de maneira que, no comentario arguto de Gino Arias, a economia chamada politica se tornou justamente economia não politica. O mercantilismo apoderou-se de tudo. Desconhecendo propositalmente a documentada lição de d'Avenel (2) — que o valor das cousas não se altera, em geral, com as alterações da moeda, inverteu a função instrumental do dinheiro e da riqueza, tornando-os mercadorias sujeitas a uma especulação desenfreada. Sujeitou o preço do trabalho e o custo da produção ao arbitrio do automatismo de supostas leis economicas, negando o fundamento moral e politico do preço do trabalho, a correspondencia do salario com as nórmas de vida e os superiores motivos morais e sociais que devem reagir contra a função automatica dos preços. Os resultados dessa mentalidade de economistas empiricos e mecanizados estão se fazendo sentir por toda a parte numa bancarrota generalizada. E vamos caminhando para aquela situação do homem a quem Deus, atendendo-lhe ao cúpido de-

(1) Adam Smith — "Wealth of nations".
(2) D'Avenel — "Découvertes d'histoire sociale".

sejo, havia concedido o dom de em ouro transformar tudo o em que tocasse. Rodeado de ouro, coberto de ouro, o infeliz ambicioso morreu de fome e sêde.

Os cofres dos grandes bancos do argentarismo internacional estão empanturrados de ouro. O precioso metal transmudado de estalão de troca, de instrumento de comercio em mercadoria, alugado, vendido, realugado, revendido, transportado de país a país, de continente a continente, ao sabor das misteriosas flutuações da maçonaria do cambio, produzindo altas e baixas aqui e ali, erigindo da noite para o dia fortunas colossais e do dia para a noite espalhando miserias atrozes, conforme as agiotagens e especulações, acabou sendo o pesadelo do mundo. Rosna em todos os corações um protesto abafado, que se tornará breve um brado estentóreo de revolta: — abaixo o ouro! E, no dia em que uma serie de governos fortes, construtivos, livres de influencias argentarias, crear a economia social corporativa, com a propriedade particular e a iniciativa privada em função de *munus publicum*, isto é, confiados ao individuo pela sociedade e pelo Estado; com o imposto progressivo e não proporcional; com o meio circulante em relação com a população *per capita*; com emissões ou derramas substituindo nos momentos de necessidades os emprestimos internos e externos, que com a taxa de 5 % em 20 anos dobram o capital continuando a divida por inteiro; com a moeda lastreada pelo trabalho, pela confiança pelo valor da terra, pela capacidade produtiva do solo

e do habitante, pelo acervo das obras publicas realizadas, pela produção, conscios de que ouro é o que ouro vale, derrotando definitivamente o preconceito, a superstição do padrão aureo; nêsse dia glorioso, aquêles que o acumularam, armazenaram, amalgamaram com as lagrimas, com o suor e com o sangue dos povos, perecerão de fome e de sêde, cobertos de ouro, rodeados de ouro!

Já a miseria das massas sem trabalho, agitadas pela fome, espalha por toda a face da terra o imperativo da resolução da questão social. A tempestade se anuncia e é tempo de procurar captar as suas forças, afim de coordená-las e dirigi-las antes que se espraiem nos doidos redemoinhos da anarquia. Os pensadores, atentos aos movimentos das ondas humanas, sabem que, no fundo dessa crise formidavel, de aparencia inteiramente economica, o que existe de fáto é uma crise espiritual. Porque o espirito foi posto inteiramente de parte e se elevou a materia ao pináculo da dominação universal. E os pensadores procuram realizar uma sintese salvadora, unindo o economico ao espiritual de acordo com o pensamento escolastico, que traduzia uma verdade eterna. Sem negar os fenómenos do determinismo materialista sobre que se alicerça o comunismo, sem negar os fenómenos do racionalismo individualista sobre que se estriba o liberalismo-democratico, a nova sintese considera-os contingentes e unilaterais, completando-os com os fenómenos superiores do espirito, destinados a disciplina-los e a conduzi-los.

Só a volta, pois, á verdadeira tradição cristã, na educação, na politica e na economia poderá salvar a civilização em perigo.

Para essa finalidade superior, todos nós os que pregamos um novo sentido da vida, acórde com as circunstancias do presente, destinado ás modificações do futuro, porem baseado nos valores positivos do passado e nas verdadeiras forças creadoras da nação, precisamos, em primeiro lugar, eliminar da mocidade o espirito de dúvida e de covardia, acendendo-lhe no coração a chama de novo ideal. A mocidade é primavera, aurora e esperança. A mocidade é a maior fonte de energia dum povo. A mocidade é o futuro do Brasil. A mocidade é a garantia da pátria nova. A mocidade é até a superioridade numerica. E, se o espirito da nova doutrina de reação ao utilitarismo imediatista em que temos vivido, doutrina que quer tanto a vontade humana como o determinismo materialista dominados e dirigidos pelo espirito; que quer a sintese do homem-civico, do homem-economico, do homem-moral, no homem-integral; que quer a nação abrangendo todas as manifestações e norteando todas as atividades, se implantar no coração ardente da mocidade brasileira, o nosso amado país será uma expressão consciente de força duradoura, porque toda e qualquer reação liberal-democratica ou comunista nêle se estiolará por falta de clima propicio.

Devemos, portanto incutir nos moços, para salvação direta da pátria e para ajudar á salvação da cultura ocidental, coragem, força e a aceitação moral do sa-

crificio. Os politicos de ha tempos costumavam fazer platafórmas palavrosas, pedantes e ôcas, nas quais prometiam êste mundo e o outro. Os comunistas costumam seduzir os simples apontando-lhes vantagens materiais diretas e a breve prazo. Nós, os integralistas, falamos outra linguagem, linguagem decisiva e inconfundivel, para a qual só podem ter ouvidos capazes de ouvir os moços de idade ou os moços de coração. As almas abertas e puras dos jovens são as que melhor e mais rapidamente a compreendem. Nós não fazemos promessas mirificas e falaciosas, nem projetamos nos horizontes revolucionarios miragens deslumbrantes. Nós queremos construir um Brasil grande e forte, sabemos que essa obra gigantesca requer os mais pesados sacrificios e convidamos os que nos escutam para sofrer conôsco, batalhar conôsco e morrer talvez conôsco, sem mira em outra recompensa que não seja o fortalecimento e o engrandecimento da pátria (1). Dizia Jesús que quem o quisesse seguir deveria abandonar pai e mãe, mulher e filhos, riquezas e posições, afim de ser todo dêle. Quem nos quiser acompanhar, terá de abandonar seus interesses privados e suas ambições pessoais, para ser todo do Brasil. Se não estiver disposto a isso, é melhor ficar em casa vendo passar a onda da mocidade e permanecendo eternamente na retaguarda. Houve quem

(1) Por toda a parte o mêsmo pensamento. Sir Oswald Mosley declara aos inglêses: "They are (os camisas-pretas britanicos) in our movement to give, and not to take; to give their lives and energies to a cause, not to take favours from vote-catching political machines".

seguisse o nazareno e ha quem nos siga. Uma idéa nobre é, pregada por qualquer bôca, a palavra de Deus.

Assim, a educação que temos de dar á juventude será toda ela de molde a formar no substrato de sua alma um grande espirito de iniciativa, vigorosa e disciplinada individualidade, e um caráter capaz de unicamente servir os interesses superiores da comunidade com o mais solene desprezo pelos interesses de ordem pessoal. Nosso Evangelho somente comporta os homens que conhecem todos os seus deveres e nem se lembram que teem direitos. Êstes lhes serão dados oportunamente. Essa educação deve ser realizada no sentido do dever integral e não somente do dever profissional ou familiar. Ensinaremos os moços a, dentro do cultivo das tradições regionais, se sentirem brasileiros em primeiro lugar, para, depois, se lembrarem de que são paroaras ou capichabas, goianos ou mineiros, paulistas ou gaúchos. Se atingirmos um dia êsse marco miliario, teremos realizado a obra majestosa da imunização espiritual pela educação.

Deus não se póde abaixar até o homem, nem a pátria deve tambem ser abaixada até o homem. E' a êste que compete elevar-se até á Pátria e até Deus. O que nós trazemos á mocidade brasileira, com a coragem de nossa fé e o desassombro de nossas atitudes, é a doutrina dessa elevação, doutrina que afirma, que constrói, que soma valores e que integraliza todas as realidades e todas as manifestações sociais numa sintese cientifica definitiva. Ela concebe o mundo sob o triplice aspéto

do Tempo, do Espaço e da Causalidade; a sociedade sob o triplice aspéto da Moral, da Justiça e da Economia; e o homem, analogicamente, sob o triplice aspéto do espirito, da razão e da materia. "O numero tres — afirmou Chamberlain — exprime fenómeno tão constante e capital que se deveria denominar a concepção da Trindade uma experiencia e não um simbolo (1)." A unidade dessa triplicidade é a sintese por que propugnamos como fenómeno primordial da experiencia, conscios da imortalidade do homem, que é simples reflexo da imortalidade do universo (2).

---

(1) "Die Gründlagen das zwantzisches Iahrhundert".

(2) Conferencia pronunciada no Centro Civico do Ginásio O Granbery de Juiz de Fóra, Minas, a 21 de outubro de 1933. Depois: nas Associações dos Empregados no Comercio do Rio de Janeiro, da Baía, de Maceió e de Recife; no Teatro Municipal de Belo-Horizonte, no Instituto Epitacio Pessôa de Fortaleza e, na séde da Ação Integralista de Niteroi.

O ESPIRITO NOVO DO BRASIL

Houve alguem, cujo nome não me acode á memória, que deu aos seus contemporáneos o seguinte conselho: — desconfiai das mulheres velhas e das academias novas. Eu penso de modo contrario e é a razão por que estou aqui. Se tivesse de vos dar um conselho, seria justamente a reciproca: — desconfiai das mulheres novas e das academias velhas.

Naturalmente. Das mulheres não entendo grande cousa para poder explicar minha opinião, filha tão só do meu instinto. Das academias é presumivel que alguma cousa entenda em vista do convivio pessoal que com elas tenho tido.

As academias, quando antigas e já alicerçadas nas tradições graças ao regimen de ilusória liberdade, a que o individualismo levou os homens, regimen que é o paraiso das mediocridades intrigantes e de todos os aventureiros e irresponsaveis, decáem geralmente de seu papel de expressões integrais da cultura dum país para se tornarem meros depositos de medalhões, onde qualquer voz entuziasta ou franca ressôa em desacordo com o ambiente sepulcral. Ao invés de ser, como deviam e po-

diam, porta-vozes da cultura dum povo, expoentes do seu sentido da vida, limitam-se a cortejar os poderosos, oferecendo-lhes as suas sédes vagas. E, em detrimento de verdadeiros cultores das letras, representantes do pensamento nacional, glorias da inteligencia duma raça, ali tomam em geral assento aquêles individuos a que se referia, em caso identico, lord Macaulay (1), que tinham poltronas no Senado, na Camara ou nos Conselhos da Corôa, condecorações e rendas avultadas, porem nem ao menos dez paginas dignas de sêrem lidas...

Demais, nas academias velhas, muitos de seus membros já tiveram tempo de pôr varias máscaras umas sobre as outras, ás vezes tantas que, por mais esforço que se faça, não é possivel recordar qual foi a primeira... Ora, os moços ainda não tiveram tempo de pôr uma única máscara. Seu rosto sorri como a terra virgem que espera a primeira semente no primeiro sulco do arado. Que importa não tenham duração, nem fardas, nem predios, nem patrimonios as suas academias? Elas, em geral, morrem tão depressa quanto nascem. São as academias-borboletas e são, portanto, mais belas, mais leves, mais vibrantes sob o ouro do sol, do que as academias-paquidermes... Ha nelas o perfume da flôr que mal nos atinge o olfáto e já morreu, deixando, porem, uma lembrança suave como a dum sonho amigo.

Numa época em que a brutalidade do ambiente social palpita na selvageria do *jazz* e no *aleguá* do futeból, é consolador vêr um grupo de moços fundando uma

(1) "Essays".

academia estudantal. E' o amor das cousas do espirito, das bôas letras, num momento em que, conforme dizia Sainte Beuve, se publicam muitos volumes e poucos livros. Êste sintoma faz crescer a minha esperança na mocidade brasileira. Empenhado numa campanha cultural, num movimento de renovação social e politica, de creação duma mentalidade especialmente nossa, duma consciência coletiva que possa imunizar o Brasil das idéas perigosas e indicar-lhe o rumo da salvação; empenhado nela sem posição politica, sem dinheiro, sem jornais, contando somente com a poder das idéas pela pena e pela palavra, a minha esperança, a do meu chefe e a dos meus companheiros repousam todas na mocidade. Por isso, eu vos repito, ó moços estudantes, estas palavras de alguem que conhecia profundamente todos os aspétos da vida: "Poucas batalhas se perdem fisicamente. Quasi todas se perdem moralmente".

Preparai-vos, pois, moralmente e inteletualmente, para a grande batalha de cuja vitória ou de cuja derrota dependerá o futuro da nova geração e a sorte da nossa pátria. Vós sois a derradeira esperança do Brasil, que se ha de reerguer do atoleiro, que ha de ser grande e forte e digno e altivo ao calor do vosso sangue joven. Tende cuidado, pois, com as idéas, mêsmo aparentemente belas e tentadoras, que vos quiserem inocular. As idéas formam e destróem nações. E não esqueçais que o Brasil de amanhã tem de ser obra das academias novas e não das academias reumáticas, obra do

brasileiro moço e anónimo, e não dos tais nomes nacionais com crôstas de máscaras no rosto, obra da gente nova, do sangue novo, do espirito novo! (1)

(1) Discurso pronunciado no salão do Instituto Nacional de Musica, por ocasião da posse da mesa da Academia de Letras da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, a 4 de novembro de 1933.

AS UTOPIAS DOS SOCIALISMOS

Depois de haver estudado trinta anos a vida economica do povo na Idade Média, reunindo 75 mil documentos, o visconde d'Avenel escreveu estas palavras dignas de registo e meditação: "Nossos pais sairam ontem do socialismo, do coletivismo e do comunismo — palavras novas, sistemas velhos — que, longe de sêrem a meta final das sociedades civilizadas, acompanham a aurora das sociedades em formação".

Palavras novas, sistemas velhos! O autor das "Découvertes d'Histoire Sociale" tem toda a razão, porque, depois dos comunismos agrarios dos povos primitivos, êles aparecem como teorias ou utopias sociais nos mais antigos documentos humanos e, o que é curioso, acompanhados de criticas mais ou menos ferinas. Fala-nos Maspero nas "Causeries d'Egypte" dum papiro da XII.ª dinastia, escrito por um tal Apuí, que reza assim: "A' gente de baixa extração tornar-se-á possuidora de todas as cousas preciosas, de modo tal que aquêles que não podiam ter um par de sandalias serão proprietarios de celeiros recheados de trigo. Epidemias horriveis atingirão todas as classes sociais. Haverá peste. Por toda

a parte se derramará sangue. Os ricos gemerão. Os pobres se alegrarão. E em todas as cidades se dirá: — Expulsemos os poderosos! A expulsão não se fará sem resistencia e a guerra civil desolará a terra... Os bárbaros do deserto aproveitarão o ensejo para invadir as regiões ferteis, chacinando os bravos que lhes resistirem; e os escravos, não sendo mais constrangidos, suplantarão os senhores. Suspenderão aos colos de suas mulheres ouro e pedrarias, enquanto que as princesas serão atiradas á rua e as grandes damas dirão: — Ah! se ao menos eu tivesse o que comer! Será a derrocada de tudo o que existe: acabados os impostos, as hierarquias e os privilegios..."

Êste antiquissimo documento, traduzido por Maspero e comentado, na Alemanha, por Lange, demonstra quanto são velhas as idéas socialistas. Cáem duma altura de milhares de anos. E Platão, quando na "Republica" põe á bôca de Socrates a defesa do comunismo das mulheres e da absoluta igualdade de nascimentos, dizendo que os pais não reconheceriam os filhos entre a prole coletiva, o que se dá nas atuais Republicas Sovieticas, nada mais fazia do que repetir pensamentos de gerações perdidas na noite dos tempos, através da luminosidade de seu genio.

A revolução comunista pintada pelo escritor egipcio contemporaneo do lago Moeris, é por tudo igual á que se processou na Russia. As massas, movidas pela "técnica revolucionaria" dum grupo de judeus ajudados de soldados e marinheiros, em "dez dias que abalaram

o mundo", tomaram conta daquêle imenso imperio. Os que possuiam fôram substituidos pelos que nada tinham. Os que obedeciam passaram a mandar. A fome e a peste ceifaram multidões. Correu por toda a parte o sangue das matanças. Os ricos gemeram e os poderosos fôram expulsos. As guerras civis desencadearam-se. Cossacos, letões, ukranios, estonios, finlandêses, georgianos, vermelhos e brancos bateram-se ferozmente uns contra os outros. Os bárbaros da Siberia e da Tartaria avançaram para as terras ferteis e a populaça reinou tumultuariamente. Embaixatrizes dos sovietes como a famigerada Alexandra Kollontai, ostentaram nas côrtes estrangeiras peliças faustosas e adereços magnificos enquanto que as princesas pisavam a lama das ruas. Generais venderam jornais ás esquinas. Damas de alta linhagem mendigaram á porta dos cafés. E toda uma velha sociedade desapareceu com seus sistemas de impostos, de hierarquias e de privilegios.

E' curioso que o escriba coêvo dos faraós conquistadores da Nubia tenha pintado com tanta exatidão o mêsmo quadro. E' que não ha novidade alguma nos mentirosos principios dos socialismos, a que Flaubert dava como espirito o odio da verdadeira liberdade, como base o anti-natural e como resultado a morte da alma. Êles são tão velhos quanto a humanidade. Veem de Ariavarta e do ciclo de Ram, de antigas elocubrações de perturbadores sociais primitivos. Vestindo esta ou aquela roupagem, apregoando com mais ou menos força esta ou aquela parte do programa geral de cuja rea-

lização se quer fazer depender a felicidade material dos homens e o retorno á Idade de Ouro, tais idéas passaram da India á Potamia dos Sumerianos e ao Egito faraonico; daí á Grecia de Platão; e, por outras peregrinações seculos afóra, chegaram a Proudhon, Marx, Kropotkine ou Bakunine. Vieram rolando pelos centenarios e pelas sociedades, agregando-se elementos novos, até formarem um todo pouco homogeneo, mas suficientemente forte para perturbar a harmonia da vida social. Seus sectarios — como escreve o padre Leonel Franca dos sofistas — "serviram-se das armas da razão para destruir a propria razão e, sobre as ruinas da verdade, erigir o interesse em nórma suprema de ação".

A revolução russa assumiu um caráter que se não encontra no papiro de Apuí: o internacionalismo. Foi-lhe imposto, sem dúvida, pelo elemento preponderante no movimento — o judeu. Como não tenha o sentimento de pátria e vise ao dominio mundial imprimiu á revolução preparada na sombra o espirito de universalidade. Já em 1887, num livro raro (1), Calixto de Wolski, morto depois misteriosamente, previa que o "czarismo politico" da Russia seria substituido por um "czarismo judaico". Após ter detido á margem do Vistula o primeiro alúde do bolchevismo, a Polonia enviou plenipotenciarios a Minsk tratarem da paz. Êstes, de regresso, em relatorio oficial, queixaram-se do pouco caso e do despreso insultuoso com que os receberam ali os judeus, outróra protegidos por um soberano po-

(1) "La Russie Juive".

lonio, Casemiro o Grande, que, com êles, enchera a Ukrania, a Galicia e a Podolia, livrando-os das perseguições do Ocidente.

Entre os povos quíchuas e aimarás do antigo Perú, existiu uma especie de comunismo, com profissões hereditarias, norteado religiosa e espiritualmente pelas tribus governantes dos Incas e dos Chimus (1).

No grande poema persa de Firdusi, o "Schah Nameh" ou *Livro dos Reis*, que data do seculo X, na parte dedicada ao rei Bahram-Gur, o Varanes dos gregos, vem a interessantissima história da "aldeia destruida e reflorida". Certo dia, extraviando-se de seu sequito numa caçada de gazelas, o soberano do Iran apeou-se cansado, faminto e sedento numa povoação prospera e rica, cujos habitantes lhe negaram pão e agua, e o maltrataram. O rei foi embora furioso e ordenou ao seu conselheiro privado, o Grande Mobed Rusbeh que mandasse destruir aquêle burgo pouco hospitaleiro. O ministro para lá se dirigiu, convocou os habitantes e falou-lhes desta sorte: — "Escutai a mensagem de vosso soberano e cumpri-a! Bahram agradou-se dêste lugar cheio de verdura, de frutos, de gentes e de gados, resolvendo favorecer-vos. Para isso, declara a todos senhores e livres, afim de transformarem em cidade o lindo vilarêjo. De hoje em diante, sois iguais — homens, mulheres e crianças, não havendo

(1) Wiener — "Le communisme dans l'empire des Incas". Louis Baudin — "L'empire socialiste des Inka".

mais assalariados nem patrões. Entrego-vos, portanto, o burgo para que façais dêle o que quiserdes!"

A resolução foi recebida com aclamações e, a partir dêsse momento, não houve mais ali regras nem disciplina, de maneira que uns se mataram aos outros, afim de se apoderarem de seus bens. Os anciãos fôram sacrificados, as crianças abandonadas e os que puderam fugiram para outras terras. Utensilios de cultura e colheitas desapareceram. A desolação campeou: arvores ressequidas, regatos sem agua, campos desertos, casas em ruinas e somente os abutres revoando no céu.

Um ano mais tarde, na primavera, o rei voltou e, quando viu aquela agrura e aquela tristeza, disse, emocionado, ao conselheiro: — "Mobed, mete as mãos no meu tesouro e repovôa esta pobre terra!"

O ministro percorreu as taperas e deu com um ancião a quem perguntou como fôra aquêle afortunado local reduzido a tanta miseria. E êle lhe respondeu: — "Certa vez, depois que o rei passou por aqui, apareceu um dêsses insensatos que nada fazem de bom e meteu na cabeça do povo que todos eram iguais, tinham os mêsmos direitos e não deviam obediencia a ninguem. Foi essa a origem de todos os nossos males. Aí está o resultado. Que a maldição de Deus cáia sobre êsse miseravel!"

O Mobed nomeou o velho chefe da aldeia e forneceu-lhe recursos para restaurá-la. No ano seguinte, novamente, o soberano foi caçar naquela região, admirando-se de vêr a aldeia reflorida e prospera. Perguntou a

Rusbeh que meios usára para a destruição e para a restauração. O conselheiro explicou-lhe: — "Senhor, quando os fiz iguais, destruiram-se; quando lhes impús um chefe, voltaram a ser o que tinham sido. Não empreguei para isso meios violentos, e sim *duas idéas diferentes*... (1)

Vêde como êsses ensinamentos seculares mostram os graves perigos das teorias que o comunismo moderno nos apresenta sob a fé punica de seus cornacas. Quando Karl Marx nos afirma que o homem em sociedade, contraposto a outros homens, peado pela ordem, é obrigado a *viver uma mentira* e, deante dêsse constrangimento, o esplendor de suas paixões e de seus desejos tem de martirizar-se e morrer, desconfiai de Karl Marx. Êle é, no caso, o Mobed persa dando-vos, talvez por conta de outrem, mais poderoso, aquêle recado fatal que aniquilou a vida da infeliz aldeia... Quando Barbusse, com seu talento literario, vos pinta aquêle mendigo que podia ser chamado a Bêsta da Verdade, o qual roubára, violára, assassinára, dera vida a *toda a verdade* de seu fôro intimo, realizando nietscheneanamente sua natureza, reparai como essa linguagem se parece com a anterior e meditai que a realização de tal natureza por todos os homens seria a destruição da sociedade...

Dêsde que o mundo é mundo, os homens aceitam com maior ou menor resignação todas as desigualdades de ordem fisica, visto como sabem ser impossivel reme-

(1) "Le livre des rois", trad. de Jules Mohl.

diá-las. Ainda admitem as desigualdades de ordem moral e inteletual. Mas a desigualdade social e politica os revolta, e a pecuniaria lhes é insuportavel, porque acreditam, quando lhes falta a fé em outra existencia ou lhes falece o espirito de sacrificio, na possibilidade duma justiça social capaz de nivelá-los nêsses terrenos. Essa a razão da facilidade que encontram os teoristas perversos como o Mobed persa. A proposito, d'Avenel pinta êste quadro sugestivo: "Para excitar o odio dos braços contra as cabeças, dizem aos primeiros: — Vocês sozinhos crearam tudo e são os artifices de todas as riquezas que só alguns possúem; portanto, êles vo-las roubaram. Todavia, a verdade é que a massa dos trabalhadores nada creou e não passa de instrumento ou força. O verdadeiro autor é o que concebe a idéa, prepara o plano e dirige as energias. Sem êle, a multidão operaria nada crearia... O creador que tinha razões para queixar-se e protestar contra o especulador ou o patrão enriquecido não é o executante manual, o trabalhador que aproveita a confecção de novas riquezas para seu bem estar e aumento de salario, sim o homem de ciência, o invisivel gerador da vida progressiva, o pai das máquinas, das substancias e das invenções, cuja aplicação pratica quasi sempre serve aos outros e não a êle proprio. E é êsse justamente o que se não queixa..."

A Idade Média, tida e havida como época de escuridão, propositalmente caluniada, deixou na renda de pedra das catedrais góticas o sêlo imperecivel da gran-

deza de sua vida social integralizada. "Depois das sérias e profundas investigações históricas acerca do pensamento medieval, iniciadas no principio do seculo XIX, desvanecêram-se muitos dos inumeraveis preconceitos, acumulados pela Renascença, sobre a era de *obscurantismo*, e a Idade-Média apareceu em todo o resplendor de sua realidade como uma das épocas de vida intelectual mais intensa na história. Em nossos dias, só a ignorancia e a má fé afirmam pomposamente que um longo eclipse da filosofia dilatou suas trevas entre os crepúsculos da sabedoria antiga e os primeiros alvores do pensamento moderno (1)."

"E' de admirar que chamemos grandes ás gerações que nos deram as catedrais, as universidades, as grandes escolas técnicas organizadas pelas corporações profissionais, as grandes literaturas que estão na base de todas as nossas literaturas modernas, o inicio duma escultura e de uma arte levadas a tais alturas que seus principios artisticos fôram revelados a todos os tempos e, finalmente, os grandes homens e mulheres dêsse seculo; é de surpreender que invoquemos para êsse periodo, que, alem de tudo isso, viu a fundação da lei e da liberdade moderna, o direito de ser chamado o maior da história humana?" Se não bastasse êste trecho de James J. Walsh no seu livro monumental *The Thirteenth, greatest of centuries*, poderiamos lembrar ainda que dêsse seculo XIII, apogeu da civilização cristã in-

(1) Pe. Leonel Franca — "Noções de Historia da Filosofia".

tegral, Augusto Comte data a idade moderna e que o mêsmo pensamento Godofredo Kurth desenvolve no *Qu'est ce que le moyen âge?*

Devemos vêr, assim, nela o que realizou de grande e disso tirar lição para os problemas atuais, dando á sua organização totalitaria o dinamismo que lhe faltou.

Ao contrario do que se apregôa sem base documentaria, a existencia das classes trabalhadoras era, então, superior á de hoje, embora sem a pseudo liberdade que tanto se apregôa e que não passa de vã palavra. A maioria da população era de aldeões livres, já no periodo carolingio, afirma Schröder. Do seculo XIII ao seculo XV, notadamente, a vida do camponês foi farta e livre como nunca. O custo dos produtos, em geral, era quatro vezes menor do que em 1910. Os operarios ganhavam salario tres vezes maior do que um seculo depois (1). O estudo dos documentos coévos demonstra á saciedade que êsse tempo foi aquêle em que a classe dos trabalhadores manuais teve mais fartura e que a sua época de maior miseria é o seculo XIX, isto é, o apogeu do liberalismo-democratico. Por isso, Jevons (2) declara categoricamente que devemos abandonar, na apreciação dos fátos históricos e econo-

---

(1) D'Avenel — "Découvertes d'Histoire Sociale". Gibbin — "Industrial history of England". Rogers — "Travail et salaires en Angleterre depuis le XIIe. siècle". Spencer — "The man versus the state". André Réville — "Les paysans au moyen-âge".

(2) "The state in relation to labour".

micos, a ilusão provinda dos famosos *direitos abstrátos* ou melhor *irreais* com que nos presenteou a agonizante democracia-liberal. Presente de gregos!

A Igreja participava da engrenagem politica totalitaria medieval e a sociedade se integralizava dentro de configurações espirituais e materiais nitidamente traçadas. Isso permitiu o grande renascimento ou, antes, florescimento cristão do século XIII, era luminosa em que sobre cada trono se sentava um santo ou um sabio, em que o proprio cristianismo, pelas mãos chagadas do Pobrezinho de Assis, remontava ás suaves fontes primitivas. Êsse renascimento não ressurge as fórmas classicas e o espirito do paganismo, substituindo o teocentrismo pelo antropocentrismo, como o que viria mais tarde preparar a Europa para os males modernos. Êle tem cunho proprio. E' filho de suas obras. Produz o genio universal do Dante. Gera o ciclo dos grandes troveiros: Cristiano de Troyes, Hartmann d'Aue, Wolfram d'Eschenbach, Gualterio de Vogelveide, Gofredo de Strasburgo. Suscita o grande músico Adão de la Halle, creador do teatro. Inspira as pinturas de Nicolau de Pisa, de Giotto e de Cimabue. Expande-se nos assombrosos rendilhamentos da arquitetura ogival. Atinge o apogeu de seu humanismo sadio na escola de Bolonha. E atira por toda a parte a fama de seus doutores: *o irrefragavel* Alexandre de Hales, o *solido* Ricardo de Mediavilla, o *iluminado* Duns Scoto, o *serafico* S. Boaventura, Vicente de Beauvais, autor do *Speculum Magnum,* Raimundo Lulo, Rogerio Bacon, Al-

berto Magno, constelação no seio da qual refulge como astro sem igual o excelso Santo Tomás de Aquino (1).

Dentro das linhas traçadas pelo cristianismo, a civilização marchava para grande desenvolvimento ulterior com todo o seu direito público profundamente impregnado de socialismo comunal. Por toda a parte, os prados pertenciam aos paroquianos. Vigorava em todos os lugares o que, então, se denominavam *banalidades*: fórnos de pão, moinhos, azenhas, lagares, eiras e coutadas banais, isto é, de todos, de toda a gente, da velha palavra alemã *ban*, o bando. Quando hoje empregamos os galicismos *banal* e *banalidade*, no sentido de trivial e trivialidade, mal pensamos que tais expressões se radicam em instituições medievais que protegiam o povo.

Outros muitos estatutos e usanças demonstram a impregnação socialista, no bom sentido da palavra, do direito público de antanho. Respigar era privilegio dos velhos, estropiados, viuvas e crianças, que se perdia na noite dos tempos e que encontramos na propria Biblia, no episodio de Rute e de Booz. As posturas medievais impediam fôsse o trigo ceifado com grandes foices, obrigando ao emprego das foices pequenas, afim de ficar a palha de restôlho que servia aos pobres. Contavam-se por milhares, de acordo com o espirito da época, praticas socialistas promanadas de intensa vida mu-

(1) De Wulf — "Histoire de la philosophie médiévale. Guiraud — "Histoire partielle — Histoire vraie". Stöckel — "Geschichte der Philosophie des Mittelalters".

nicipal. Sem possuir nominalmente a terra, o camponio vivia nela como verdadeiro dono. Somente a leitura dos documentos contemporaneos nos póde dar exata noção de quanto é falso e pouco valioso o conceito de *servo da gleba*, mais figura de retórica, de literatura barata, do que outra cousa. O tão falado privilegio de caça e pesca, como outros, aliás, só se avolumou nos tempos modernos, após a Reforma, já em pleno absolutismo monárquico. Antes não existia, porque a caça e a pesca eram "patrimonio comum" (1).

Artezãos, artifices, mesteirais, todos quantos viviam do trabalho de suas proprias mãos agrupavam-se em corporações de artes e oficios, verdadeiros institutos de cooperação que regulavam a vida economica da sociedade. Elas não algemavam o homem para toda a vida como pretende a critica vêsga ou apaixonada. As guildes, ao invés de paralizarem os espiritos, lhes serviam de apoio e por toda a parte se viam sair delas individuos que sabiam elevar-se ás honras e á fortuna (2).

As corporações fôram um tipo completo de união coletiva, "magnifica ilustração desta divisa: um por todos e todos por um". Tudo nelas era minuciosamente determinado e rigorosamente vigiado: aparelhagem, processo de trabalho, qualidade do produto, maximos e minimos de salario e produção, de modo a garantir vida digna ao operario e evitar os excessos sobre as

---

(1) D'Avenel — Op. cit.
(2) Van der Kindere — "Le siècle des Artevelde".

necessidades dos mercados (1). Os que as destruiram para gozar as especulações imorais da economia individualista e recêam vê-las ressuscitar modernizadas clamam que eram execravel sistema de cerceamento da liberdade e argumentam com os defeitos e vicios de sua decadencia. Alguns marxistas chegam mêsmo a afirmar que, nelas, o operario trabalhava como escravo para os mestres e suas familias.

Tudo isso é falso. As corporações, agregados homogeneos e coerentes, onde a fraternidade espiritual ombreava com a solidariedade material sob o signo da mêsma religião, fôram a base duma liberdade civil que se não conheceu mais depois que desapareceram. Elas impediam a absorpção do individuo isolado, dando-lhe, dentro duma hierarquia e duma disciplina sérias, vida tranquila, digna, eficiente e espiritualmente livre (2).

O professor *positivista* J. Kells Ingram declara no seu livro "Esquisse d'une histoire de l'Economie Politique" o seguinte: "As corporações constituiam preciosos centros de união das forças industriais nascentes, animados pelo espirito corporativo; elas submetiam seus membros a provas de habilidade tecnica; controlavam a solidez e o bem acabado dos produtos; encorajavam os bons costumes, exercendo sobre êles vigilancia espontanea; e desenvolviam o sentimento social na esfera de cada profissão".

---

(1) Saint-Léon — "Les corporations".

(2) Leber — "Essai sur l'appréciation de la fortune privée au moyen-âge".

Todas as providencias que os governos atuais, como o de Roosevelt, tomam para diminuir as horas de trabalho, de modo a empregar os desocupados na produção e dar-lhes capacidade aquisitiva, estavam na Idade Média devidamente reguladas sem os termos técnicos de hoje, mas com o mêsmo fim, dum lado pela Igreja com as festas religiosas, os dias santos e de guarda, do outro pelas proprias corporações que marcavam o maximo de 250 dias e o minimo de 200, por ano, para o que se denominava *obras servis*, segundo o minucioso estudo de Boisguillebert.

A Revolução Francesa, abolindo os *direitos feudais*, acabou com tudo o que ainda restava, no absolutismo centralizante das monarquias, de propriedade coletiva, incorporando á propriedade individual uma massa de terras até então comuns, *banais*, sobretudo aquelas que serviam de pastagens ao gado dos pobres. A abolição de tais direitos absolutamente não aproveitou ás massas trabalhadoras do campo ou da cidade e sim ás classes proprietarias, que engordaram á custa dos bens da nobreza, do clero e das *banalidades* arrancadas ao povo pela propria mão do povo iludido. Por isso, referindo-se á Revolução, Chamberlain tem razão em escrever: "Considerar essa catastrofe como a aurora dum novo dia é, a meu ver, uma das mais espantosas aberrações de julgamento de que o seculo XIX nos fez testemunhas (1)."

---

(1) "Die Gründlagen das zwantzische Iahrhundert".

De todo êsse acervo de idéas velhas, o comunismo marxista não procura restabelecer as verdadeiramente assecuratorias do bem estar popular; mas unicamente as que pregam a destruição e cujas tristes consequencias já se reconheciam ao tempo da XIIª dinastia egipcia ou quando o sultão Mahmud encomendava a Firdusi o seu poema dos Reis. Porque o que pretende, no fundo, não é tornar o trabalho em verdade livre, porem transformá-lo num despota por trás do qual consiga o dominio do mundo.

As lições do escriba faraonico e do Mobed iraniano, postas em confronto com as práticas socialistas disciplinadas e sadias da Idade-Média, devem servir de exercicio de meditação áquêles que ainda não tenham, porventura, idéa bem formada do perigo real que representam as teorias sociais como as de Karl Marx e as literaturas como a de Barbusse.

Um apólogo vos mostrará melhor do que qualquer outro raciocinio êsse grave perigo: "Havia no canteiro dum jardim uma linda roseira que alegrava a vista e inebriava o olfáto. Como todas as roseiras que se prezam, era composta de raizes, caule, galhos, fôlhas, espinhos e flôres. Dentro da terra escura e adubada, trabalhando dia e noite, quintessenciando os produtos quimicos do sólo, como verdadeiro laboratorio, as raizes obscuras, ignorando a luz, viviam como os mineiros do país de Gales ou dos montes Urais. Incontaveis, ramificando-se subterraneamente, sugavam a gleba feraz, engordando, tornando-se pôlpudas, multiplicando-se em

radiculas e pêlos absorventes, sustentando todo o edificio vegetal que se erguia na superficie sob o ouro do sol. Outros trabalhavam fóra da terra com os elementos que as raizes ocultas lhes mandavam. Assim, o tronco fazia ascender a seiva e descer o ar atmosferico, os ramos repartiam os alimentos por toda a roseira, as fôlhas respiravam, e produziam a clorofila, servindo tambem, quando caíam mortas, de adubo natural ao canteiro feliz. Os espinhos defendiam a planta da voracidade dos animais e das mãos inconscientemente crueis das crianças. Emfim, coroando aquela obra de cooperação que vinha das entranhas do sólo e se expandia ao ar livre, as rosas vermelhas desabrochavam gloriosamente. Ociosas e lindas, encantavam os olhos e espalhavam sua essencia maravilhosa para o prazer dos sentidos. As petalas macias como sêda, a côr purpurina de labios de mulher, o desabrochar sensual como o dum corpo que se entrega ao amor, o mel delicado, que abelhas e beija-flôres vinham roubar ás corolas sanguineas, todo êsse encanto, todo êsse luxo, toda essa riqueza provinham do trabalho humilde e silencioso das raizes, da ação continua e discreta do caule e dos galhos, do sussurro verde das fôlhas e da defesa dos acúleos. E das rosas sem par é que partia o polen fecundante que ia produzir outras roseiras, como as idéas criam outras idéas.

Mas um dia, certa minhoca vermelha espalhou no mundo subterraneo das raizes uma doutrina perigosa. Disse-lhes que, enquanto sem esperança elas moureja-

vam no seio da terra noite e dia, á custa de seu trabalho e sacrificio, as rosas inuteis se espanejavam sob a luz do sol. Fóra da terra, somente havia exploradores e bandidos. O caule era um patifão que industrializava em grosso os produtos quimicos colhidos através de mil fadigas na escuridão da gleba. Os ramos constituiam uma comandita de ladrões revendedores ás fôlhas, a retalho, o que lhes fornecia o tronco. As fôlhas viviam de fazer dinheiro com o ar atmosferico dado de graça pela natureza. Os espinhos não passavam, por sua vez, de tipos réles e vaidosos de suas baionetas, que era conveniente tratar bem no intuito de se servir dêles, fazendo-os combater amanhã aquilo que hoje defendiam. Aliás, sua ralissima cultura os punha ao sabor de qualquer esperteza.

A propaganda logo produziu frutos. Sem exceção, as raizes, encantadas com o que lhes diziam da vida das rosas, entenderam poder usufrui-la com o mêsmo direito. Queriam ser rosas, viver como as rosas e governar como as rosas. Acharam uma fórmula para isso: a ditadura das raizes. E a revolta se desencadeou, ajudada pela infidelidade dos espinhos. As raizes não trabalharam mais, sairam para fóra do chão e entenderam levar tudo de vencida. As rosas não resistiram ao embate. Murcharam. Seu perfume apagou-se no ar. O polen que fecundava outros canteiros perdeu-se no fundo das corolas ressequidas. Depois, a pouco e pouco, as fôlhas fôram tambem tombando, os galhos enegrecendo e retorcendo, o tronco secando até que, por fim,

as proprias raizes pereceram de fome sem ter quem lhes gastasse o produto do trabalho anónimo, quem repartisse a produção e quem dirigisse tudo com inteligencia de maneira a produzir o luxo maravilhoso das rosas...

Na roseira morta, contemplaram os que a viram o resultado fatal dum grande drama coletivo. A minhoca vermelha, porem, nada sofreu e continuou subterraneamente sua propaganda daninha..."

Tomai cuidado, muito cuidado com essas idéas velhas fantasiadas de sistemas novos. E' conveniente antes que tudo arrancar-lhes as máscaras e, em face de seus propagadores, pensar maduramente que é mais facil e comodo tornar-se comunista do que ser integralista. Porque dia após dia o integralista voluntariamente se sobrecarrega com peias morais e idéas culturais, enquanto que o comunista de todas se livra em virtude de sua propria doutrina que tudo nega. Pensai tambem bastante antes de seguir certos conselhos como os do ministro persa ao povo da aldeia ou os da minhoca vermelha ás raizes da roseira. Indagai primeiro de que poder oculto emana o recado venenoso e com que fim vos é trazido...

O exame sincero da doutrina vos livrará de acreditardes cegamente nela.

O metodo em filosofia era para Hegel a força suprema, absoluta, infinita, a tendencia da razão a reconhecer-se em todas as cousas. Atrás dessa pedra filosofal correram sempre todos os filosofos até que Karl

Marx, empunhando a dialetica hegeliana virada ao avêsso, gritou *eureka!* esquecido de que seguira, de acordo com o sentido de seu século, a análise e que um metodo perfeito só poderá ser produto da sintese.

A dialetica é o metodo de logica que se basêa, como a propria palavra grega o diz, na arte de falar e discutir, acorde com o movimento, autor de todos os fenómenos da natureza, o qual é permanente contradição. Hegel diz: — A vida é uma só. A realidade, uma só. Toda contradição é puramente aparente. Toda afirmação se resolve numa negação concomitante. Uberweg a explica desta sorte (1): o equilibrio é a tese; a ruptura do equilibrio, a antitese; o restabelecimento do equilibrio sobre nova base, a sintese. Como a verdade *nasce* da discussão de idéas opostas, das contradições nasce a verdadeira explicação dos fenómenos. Sim é sim e não é não para a logica formal. Sim é não e não é sim para a dialetica, porque os corpos em movimento se acham em um lugar dado e não se acham.

Ha tres processos logicos: o de identidade — *a* é *b;* o de contradição — *a* não é *b;* e o de exclusão de terceiro, quando duas proposições se exclúem e não podem ser verdadeiras — *a* é *b* e *a* não é *b*. Com tais processos, chega-se á seguinte conclusão: — admitir as leis da logica formal, da identidade, é negar o movimento e admitir o movimento é negar essas leis.

---

(1) "System der Logik".

Exemplifiquemos. O socialismo ou comunismo utopico do seculo XVIII aceitava o ponto de vista abstráto da natureza humana, muito em voga no seu tempo. Seu metodo filosofico era o formal: sim é sim e não é não. Ora, a natureza humana era, assim, um dado imutavel e certas instituições sociais de caráter fixo, como a familia, deviam corresponder perfeitamente a essa natureza. Inventando o socialismo ou comunismo cientifico, Karl Marx negou a natureza humana e as instituições que lhe deviam corresponder. Afirmou que o homem age sobre a natureza exterior e a modifica, modificando tambem, constantemente, em virtude dessa ação, sua propria natureza. Teve, por conseguinte, de arranjar outro metodo, afim de poder provar isso logicamente. Considerou, pois, a evolução histórica feita de contradições, a estrutura economica desenvolvida por contradições, o renovamento perpétuo das fórmas, uma dinamica viva e uma creação incessante da realidade.

Hegel aplicára a dialetica no sentido da idéa absoluta. Êle a aplicou no sentido da materia absoluta em todas as suas combinações e estados. E ambos viram unicamente um lado da dialetica da vida, que é espirito e que é materia, o primeiro devendo reinar sem contestação sobre a segunda.

O mais curioso é a pretensão marxista de ter o seu papa creado uma cousa assombrosa. Julgam com seus dois dêdos de ciência que o resto dos mortais nada sabe.

O comunismo utopico é uma teoria do seculo XVIII, impregnada de seu idealismo racionalista e pa-

negoista, inspirada na *Republica* de Platão, no *Romance da Rosa* dos troveiros medievais, na *Utopia* de Morus, na *Cidade do sol* de Campanela, no *Principe-cristão* de Erasmo, nas *Ilhas flutuantes* de Morelly, na *Oceana* de Harrington, na *Republica dos Campos Eliseos* do conselheiro de Grave, no *Salento* de Fenelon e, *in partibus*, na *Republica* de Bodin. De 1755 a 1887, grande numero de inteletuais falhados professaram essas idéas: Saint Simon, que delapidara a fortuna e vivia do parco ordenado de amanuense do Monte de Socorro: Louis Blanc, que a revolução de 1830 arruinara; Fournier, que perdera tudo o que possuia em especulações; Cabet, que não passava dum magistrado demitido; e o anarquista Proudhon, que falira como impressor.

Palavras novas, sistemas velhos! Essas utopias universalistas descendiam de antigas utopias dos filosofos estoicos que já haviam perturbado em pura perda a paz do mundo antigo. Um erudito estudo de J. Bidez mostra-nos as revoluções plebéas de Pergamo e da Sicilia inspiradas nas cosmopolis solares, nas cidades do sol, de Cleanto e de Zeóno. As conspirações de Catilina tinham fundo comunista. A revolução de Tiberio Graco mostrava por trás, nas sombras, o missionario estoico e mistico Blossio. Com a mêsma luz algumas das seitas do "diabolico labirinto" de heresias que desolou a Igreja dos primeiros seculos, reflorindo nas agitações dos Catharos e dos Albigenses. Avós e pais da utopia solar de Iambulos, o Julio Verne do marxismo.

Em 1844, Marx e Engels enamoraram-se do comunismo utopico. Em 1847, aparecia seu manifesto comunista, cinicamente plagiado de Considérant. Estava lançado ao mundo, presa do livre-exame, com todos os repiques e foguetes, o comunismo cientifico que contaria no seculo XX com as penas de Bebel, Bernstein, Plekhánov, Lenine, Hyndman, Guesde, Labriola, Turati, mêsmo Sorel e Kautski, êste último por fim acusado de burguês.

Uma serie de refratarios, de inassimilaveis e de fanaticos, animados na sua ação revolucionaria pela anarquia mental espalhada no mundo pelo liberalismo-democratico e que a exegese negativista de Strauss e de Renan, um judeu, o outro judeofilo, ligado á famosa Aliança Israelita, levou ao cúmulo, abalando o fundamento das crenças escapas ao terremoto da Revolução Francêsa, povoou a terra de "filhos de Epicuro e de Renan", que prepararam o caminho do poder para todos os desvairados e para todos os pervertidos.

Apoiado na dialetica materialista, o marxismo fundou a estrutura social nas classes determinando-a pela divisão em classes, ligando-a pelas relações mútuas entre classes e afirmando que a passagem duma fórma de sociedade para outra somente se póde processar pela luta sem mercê entre as classes. Engels saúda em Marx o "descobridor genial" da grande lei do movimento histórico, pela qual toda luta em qualquer terreno — politico, religioso, filosofico, em qualquer dominio ideologico, é expressão mais ou menos

clara da luta de classes, teoria tomada por emprestimo á mentalidade anarquizada da burguesia liberal, a Mignet, a Guizot e a Thierry, teoria que pretende tudo explicar e tudo sanar. Ridicula panacéa!

O comunismo cientifico e dialetico unicamente vê na sociedade duas classes verdadeiras, uma destinada a esmagar a outra: proletarios e burguêses. Lançando êstes contra a nobreza, os revolucionarios do seculo XVIII destruiram as relações de propriedade feudais e aboliram os privilegios da aristocracia. Lançando aquêles contra a burguesia, os revolucionarios do seculo XX querem destruir numa "guerra implacavel" as relações de propriedade burguêsas. As classes ideologicas a que Marx ligeiramente alude, essas ficarão de fóra, meras testemunhas da grande tragedia, devendo, depois, ser liquidadas ou absorvidas pela vencedora. E' o odio judaico contra o inteletual, que vem das objurgatorias do segundo Isaías contra os escribas. Não contou com a reação que por todo o mundo se esboça, capitaneada pelos escritores e pensadores por êle rotulados como parasitas e aulicos. E a heterogeneidade das classes põe por toda a parte a doutrina em cheque, destruindo-lhe a apregoada generalidade.

São de seu fiel disciplo Plekhánov estas observações: "O camponês não se sente membro da mêsma classe que o operario; a classe operaria está fracionada em uma serie de grupos e sub-grupos, especie de cadeia feita de aneis de solidez variavel; e, infelizmente, a especie de partidarios de nossas idéas que delas

guardam apenas as palavras ainda não desapareceu da Russia sovietica". Essa heterogeneidade e essa ausencia de consciência coletiva tornam indispensavel a existencia do partido comunista, unico a participar do governo, dando razão á profecia já realizada de Michels (1): "Os socialistas podem vencer; o socialismo nunca vencerá!" E, quando o comunismo cientifico realiza a completa abolição da propriedade privada, asseguram seus cardeais, é porque "qualquer classe que a possúa tenderá a aumentá-la", o que equivale a reconhecer que essa medida violenta vai de encontro á tão combatida natureza humana. Aí não ha dialetica que se aguente, tanto assim que o codigo agrario russo de 1922 chegou a admitir a pequena propriedade. "Chassez le naturel, il reviendra au galop".

O marxismo é falso nas suas premissas e conclusões. Como que o proprio metodo dialetico das contradições o eivou de falhas, de fendas e de afirmações contraditorias. Querendo a absoluta destruição de todo o progresso humano, indica as seguintes etapas para a marcha fatal da humanidade, emitindo contra sua propria essencia determinista um conceito aprioristico e aplicando a logica formal que afirma: I — Sociedade comunista primitiva, II — Sociedade patriarcal e familiar, III — Sociedade feudal, IV — Sociedade burguêsa e capitalista, V — volta ao comunismo inicial.

---

(1) Robert Michels — "Psychologie der antikapitalistichen Massen — bewegungen in Gundriss der Social Oekonomik".

Tudo isso está em Bukarine. E' o arrazamento de tudo o que se creou á face da terra, novo Vesuvio subvertendo Estábias, Herculanos e Pompéas sob a cinza, as lavas e sobretudo as escórias. O proprio Karl Marx escreve serenamente: "O grande açougue onde se esfolam os operarios aos milhares são as cidades. O socialismo racional, radical não póde e não deve deixar de pé uma única cidade. Em seu lugar, instituirá a partilha da terra, igual cultura e o mêsmo bem estar nas familias (?). As ruinas das cidades fertilizarão maravilhosamente os campos socialistas". E' o odio atavico do nomade semita contra o luxo, a cultura e a civilização dos centros urbanos, onde sua barbárie se sente a contragosto. A tirada reçuma despeito e inveja. Parece um éco das diatribes do profeta Miquéas, camponês socialista da Judéa, que pregava identica destruição quasi com as mêsmas palavras. Impotencia. Rancor. Vingança. Comparai com as tradições mediterraneas que nos deram o sentido da nossa vida social. Elas, pelo contrario, divinizam os fundadores das cidades como creadores de obras meritorias para o progresso e felicidade dos povos.

Êsse é propriamente o espirito de Judá, não o espirito de Israel. E' o espirito do mosaismo talmudico, fechado, infiel á sua tradição, exclusivista, feroz, proclamado pelo arauto Seba no versiculo 1.° do capitulo XX do livro II dos Reis: "Nada temos a vêr com David, nem com os herdeiros do filho de Isaï. Que cada um retorne ao seu tabernaculo!"

Coletivismo é o sistema socialista pelo qual se põem em comum os meios de produção, os dominios, participando o interesse de cada um do interesse geral. Comunismo é o sistema socialista que estende essa comunhão ao consumo. Estabelecendo-o, o marxismo atinge o ponto mais avançado do socialismo. Entretanto, segundo a propria palavra de seu pontifice magno: "Uma formação social jamais perece antes de se têrem completamente desenvolvido todas as forças de produção que possa conter e as novas relações de produção jamais entram em cena antes que suas condições materiais de existencia tenham preliminarmente chocado sob a asa da propria sociedade antiga (1)." Isto contraria a teoria dos saltos, fundada na dialetica; contraria a propria dialetica, e demonstra que a tentativa da comuna em 1871 foi uma aventura e que o comunismo moscovita não esperou o chôco necessario. De acordo, portanto, com a opinião de Marx, o coletivismo-comunista é um salto no escuro a que extremistas sem escrupulos querem forçar a sociedade. Bukarine tem razão, pois, para confessar ter sido preciso fazer "uma revolução psicologica e ideal" afim de levantar uma classe contra a outra. Daí, no seu conceito externado em livro (2), o "insuportavel conflito entre as forças produtoras e as relações de produção, provocando o desequilibrio social".

---

(1) Karl Marx — "Critique à l'Economie".
(2) Bukarine — "L'economie mondiale et l'imperialisme".

Como enquadrar no determinismo histórico, com ou sem dialetica, essa "revolução psicologica e ideal" a que se é obrigado a recorrer para lançar uma classe contra a outra, provocando conflito e desequilibrio? Então, é mentira que tudo provenha da materia, que a materia crêe o pensamento, que a idéa somente nasça da sensação, pois ha pensamentos e idéas *á priori* capazes de provocar o conflito e o desequilibrio das fórmas?!

No seu número de junho de 1924, o jornal sovietico *Pravda* noticiava o sacrificio de Isac do novo regime: o operario Putietine degolara ao pé da estatua de Karl Marx sua filha pequenina, porque ela persistia em rezar deante da imagem da Virgem de Kazan. Êsse episodio dá-nos a chave do fenómeno comunista na Russia. Aquela sociedade, incapaz de critica ao regime imposto, educada em extremo misticismo religioso, inverte-o em misticismo materialista. O marxismo tem, assim, a demoniaca faculdade de ser o avêsso de tudo. Porque nasce da dialetica hegeliana ao avêsso. Porque é negação. Transmuda-se, pois, até em fenómeno religioso negativo, especie de magia negra que se mascára de magia branca. Compreende-se, depois disso, perfeitamente, o cinico conselho do cinico Zinovief: "Na luta contra a burguesia, contra os socialistas traidores e contra os pacifistas, todas as manobras estrategicas são permitidas."

A implantação do comunismo na Russia teve ainda a favorecê-la o substráto da propria formação do povo moscovista, que somente caiu ás mãos da autocra-

cia com a dinastia estrangeira de Rurik e seus herdeiros, os Romanof-Holstein-Gottorp. Nas priscas eras de sua história os eslavos do ramo russo viviam em organizações comunistas de que o *mir* dos camponêses foi o derradeiro vestigio. Os antigos principes de Norgorod, que antecederam os soberanos de Kiev e de Moscovo, eram chamados Kormlenchtchik, crianças de peito, porque os povos os alimentavam e êles nada faziam. A verdadeira autoridade ficava ás mãos da assembléa popular, o *vetché,* que ditava as leis, fazia a guerra e tratava da paz. Todas as suas decisões deviam ser tomadas por unanimidade e em geral os que delas divergiam tinham de buscar a salvação na fuga. O historiador Thietmar nos dá conta de sistemas semelhantes em voga nas outras tribus eslavas do Baltico. No seu *Chronicon,* o bispo de Merseburgo escreve o seguinte: "Entre os eslavos não existe autoridade suprema. Êles resolvem as questões em comum nas reuniões públicas, tomando as decisões por unanimidade. Nessas assembléas, aquêle que vota contra a maioria é imediatamente açoitado (1). Se reincide, queimam-lhe a casa, perseguem-no de todos os modos ou o obrigam a pagar multas. Embora velhacos e voluveis por natureza, os russos exigem dos outros fidelidade e constancia". Essa assembléa pouco e pouco passou a ser verdadeira oligarquia, acabando como um conselho de capitalistas e aristocratas (*sic*) denominado soviete...

---

(1) *Fustibus*, diz o latim do bispo.

Outros Estados russos, antes da reunião de todas as Russias sob o cetro dos czares moscovitas, tiveram existencia absolutamente análoga á que hoje desfrutam sob o rêlho de meia duzia de judeus agindo por trás dos velhos sovietes. Brian Chaninov (1) diz-nos que a Republica de Viatka, por exemplo, era de "tendencia comunista", composta de aventureiros turbulentos e rapaces, que viviam de saquear os territorios vizinhos e contra os quais os moscovitas tiveram de mobilizar sessenta mil homens! "A uniformidade geografica da Russia — escreve êsse autor — estendendo-se sobre tudo e sobre todos, deixou subsistir até nossos dias essas fórmas desuetas de vida social e politica (2)." E Turguenief tem razão no que afirma: "A Russia continúa no seu periodo *gazeiforme*. Receio que o periodo *planetario* se faça esperar, porque não vejo ao redor de mim nada estavel, condensado, compácto, não só na sociedade, como no povo".

O atual regimen russo ressurge nos Sovietes locais a *obchtchina* formadora do *vetché*, que, por sua vez, formava o *volost*, posto de lado unicamente o pai da familia com sua autoridade moral. Vivendo dessa maneira, o russo nunca teve idéa de unidade nacional e do principio da autoridade. Ambas essas idéas lhe fôram trazidas no seculo IX pela conquista escandinava. Segundo a crónica do monge Nestor, eslavos e finlandêses, cansados da anarquia e rapinagem que implicava

(1) "Histoire de Russie".
(2) Op. cit.

seu regimen social de "tendencia comunista", mandaram pedir aos grandes *Konungs* ou chefes varégues do Norte que viessem impôr ordem, disciplina e respeito naquêle imenso país. Os normandos de Rurik invadiram-no, obedecendo a êsse chamamento, nêle estabelecendo seus principes autócratas. Apesar de têrem tido sempre, como reconhece Chaninov, um ideal politico e social opôsto ao principio do governo pessoal, os russos submeteram-se "fingidamente", acrescenta, ao dominio dos czares imposto pela força, "prestes a regeitá-lo no dia em que pudessem (1)." Em 1918, graças ás circunstancias favoraveis, isso foi possivel e todo o país, sob a influencia duma camarilha judaica, voltou ao antigo sistema de que o haviam tirado os chefes escandinavos. E nós vemos novamente o panorama russo com os olhos do monge Nestor: *Dei providentia et hominum confusione Ruthenia ducitur.* A Russia é guiada pela providencia de Deus e pela confusão dos homens. O peor é querer exportar essa confusão...

Para livrar o mundo do pesadêlo e evitar o apocalipse que encerra, é necessario combater por toda a parte a fome e o desemprego que levam ao credo marxista os desesperados, desemprego que Goebbels classifica "a doença da época", dando novo sentido á economia. Êsse sentido é moral. "O povo não vive para a economia — afirma Hitler; mas a economia serve ao povo". A economia não existe para o capital; mas o capital é que

---

(1) "Histoire de Russie".

deve servir á economia e, por conseguinte, ao povo. Dê-se outra vez ás cousas seu verdadeiro sentido, fraudado, torcido pelo comunismo cientifico baseado no determinismo materialista e manobrado pela dialetica. Crêem-se nas nações a unidade de espirito e a unidade de vontade, vontade inflexivel de vencer todas as dificuldades. Defenda-se a familia, célula primordial do organismo social e politico, aumentando-lhe a função educativa. Controlem-se rigorosamente todas as instituições de propaganda e educação: cinema, radio, teatro, literatura, escolas, imprensa. Mantenham-se intangiveis todos os valores inerentes á nação. Extirpe-se o comunismo pela demonstração irrespondivel de seus erros e de seus males. Contra a destruição integral que êle prega, pregue-se a construção integral. Somente os povos de confiança aniquilada temem essas velhas utopias fantasiadas de novidade e chocadas sob a asa medrosa dos liberalismos apodrecidos. Os povos fortes não se arrecêam de espantalhos. A Italia, a Hungria, a Polonia e a Alemanha já deram o exemplo. E para um povo ser forte basta que queira ser forte.

A critica racionalista do seculo XVIII e a critica determinista do seculo XIX somente viram a casca das tradições, não penetraram no seu senso intimo e as desnaturaram com silogismos, sofismas e dialeticas. Esqueceram que, alem da materia e da força, ha o espirito; que, no mundo, muitas cousas se passam fóra do nosso Tempo e fóra do nosso Espaço, cujas dimensões ignoramos, porque nossos sentidos não pódem representá-

las. O mundo não é só fenómeno. E' antes de tudo nómeno. Ha o necessario para que possa existir o contingente. Somente o espirito pela intuição, pela razão e pela fé póde penetrar nessas regiões, porque somente o espirito está fóra do Espaço e fóra do Tempo.

Sob êsse triplice aspéto é que devemos considerar a história e remontar sua caudal para recompôr a unidade humana desfeita pelo racionalismo e pelo materialismo. Só a sintese do passado nos póde dar a sintese do futuro. Não o neguemos, nem caluniemos, nem desvirtuemos, mas o incorporemos tal qual é numa integralização consciente. Êle nos ensina como tudo se tem processado e nos indica como tudo se ha de processar. O Integralismo é a grande doutrina dessa sintese espiritual. Os socialismos não passam de utopias e de múmias sociais (1).

---

(1) Conferencia pronunciada na séde da Ação Integralista Brasileira no Rio de Janeiro, na Faculdade de Direito de Belo-Horizonte, na Associação dos Empregados no Comercio da Baía, na Associação dos Empregados no Comercio de Maceió e no Teatro José de Alencar de Fortaleza.

A INTEGRAL DA RAÇA E DA LINGUA

A festa de hoje, consagrada ao nume tutelar da civilização portuguêsa, é mais do que a festa da Raça, porque é a festa da Lingua. Pátria maior, ela, alem de reunir os homens que o mar separa e que a falam na Europa, na Asia, na America, na Africa e na Oceania, integra em todas essas paragens no mêsmo movimento de coesão e estratificação elementos vindos de todos os pontos: indús, malaios, germanos, eslavos, latinos, semitas, amarelos e negros.

O pontifice magno, a expressão suprema de gloria e de grandeza dentro dessa imensidade, onde palpitam já cincoenta milhões de almas, é Camões, um dos homens-oceanos de que falava Vitor Hugo.

"A prova mais esplendida do genio — disse lord Macaulay (1) — é o grande poema florescido num seculo de alta civilização". No vasto e tumultuario panorama da História, a Portugal não faltou essa consagração definitiva. "Os Lusiadas", poema e enciclopedia, guardam, como as conchas, o rumor eterno dos mares tenebrosos sobre os quais se processou a epopéa do des-

(1) "Essays".

tino nacional e nascem depois que o pequenino reino lusitano atingiu aquêle pincaro de riqueza e poder, de onde os fados o precipitaram nos ensanguentados areais de Alcácer Quebir.

Camões é o derradeiro e mais precioso fruto de ouro da época dos descobrimentos e das conquistas, o flamejar do espirito do Renascimento incendiando a alma e a lingua da Raça, guerreiro, amante, infeliz, desconsolado de si como todos os outros bandeirantes dos oceanos e dos sertões, nunca desconsolado, porem, do grande sonho de fé e de esperança, gloria inapagavel de sua gente.

Dêsde os rudes inicios do mundo, os grandes genios poeticos marcam com as arquiteturas eternas dos grandes poemas o apogeu das civilizações ou dos mais vastos esforços humanos. As lutas das tribus errantes e sua reunião no primitivo imperio ariano lá se entrebatem e entrechocam e retinem nas estrofes do *Ramaiana*. Toda a marcha guerreira e aventurosa das gentes boreais, através de perigos e de assombros, se desenha nos runos dos Edas. Na aurora da Helenia, a *Iliada* e a *Odisséa* cantaram os deuses misturando-se aos homens e os homens misturando-se aos deuses. Roma celebrou a natureza no *De Natura Rerum* e o homem na *Eneida*. As peregrinações pelas florestas e planuras, batalhando e rapinando, do fundo gelado da Citia aos vinhedos ensolados da Borgonha, inspiraram aos menestreis dos tempos bárbaros os cantos dos *Niebelungen*, como o diario combater de cristãos e agarenos pelos

montes, lezirias e charnecas da Peninsula creou os episodios do *Romancero*. Toda a alma poetica da Cavalaria brilha com um brilho de êlmos e de espadas nos versos do Ariosto, do mêsmo modo que o espirito militar-religioso das Cruzadas palpita nas rimas do Tasso. A Divina Comedia é o mundo sobrenatural ligado ao mundo dos vivos, a epopéa do abismo, tanto para baixo quanto para cima, dupla escadaria que desce para a treva ou sóbe para a luz, para o Inferno e para o Céu. "Os Lusiadas" são a grande voz do mar, rolando pelas imensidades verdes roçadas pelas velas em que sangram as cruzes da Ordem de Cristo; espumando nas praias ignotas onde abicam os aventureiros espantados ou deslumbrados, e perecem heróis e heroinas das histórias tragico-maritimas; batendo nos cachoupos e penedias em que se despedaçam as náus desmastreadas pelo temporal; tomando voz e corpo na figura metuenda dos titans que falam aos barões assinalados envoltos nos misterios dos cabos tormentosos, pondo nos corações os grandes medos; ressoando nos cantos das sereias e no som dos buzíos dos tritões que anunciam os carros de Netuno e Anfitrite com seu séquito de náiades e monstros; silvando, por entre os relampagos e o roncar dos trovões, nos ventos, que teem nomes gregos e acodem ao chamado dos deuses lá do fundo dos seus antros: uivando nas trombas sequiosas que emendam as nuvens nas ondas, redemoinhos de ar e agua; gemendo nas asas leves do zéfiro, nas noites calmas, quando o mar se estende abonançado e macio, pontilhado de fosfores-

cencias, iluminado de santelmos, inundado de luar ou coberto pelo pálio de veludo negro onde se acendem as sete flamas das Pleiades, reluz a vitrina das constelações nunca vistas e se pendura o Cruzeiro do Sul como a "condecoração dos abismos".

Valmiki, Homero, Lucrecio, Virgilio, Ariosto, Tasso, Dante e Camões — cordilheira humana de pincaros quasi iguais. Depois dêles, a planicie com algumas colinas de longe em longe e dois montes solitarios tentando crescer até êles: Milton, o grande poeta da civilização inglêsa, e Goethe, o grande poeta da civilização alemã. Porem o *Paraiso Perdido* somente retrata a face puritana da alma religiosa de Albion e o *Fausto* retrata somente o Microcosmo, a visão interior do Homem — reflexo do universo.

Camões exprime sua gente e os feitos de sua gente no cenario do oceano, integralizando-os na essencia do espirito universal pela fábula, pela tradição, pela inspiração, pela arte e pela ciência. Onde quer que se fale a lingua portuguêsa, ela se sentirá orgulhosa de ter vida á sombra protetora dessa culminancia. Porque o poema camoneano, integral duma civilização, é mais do que um monumento saído das mãos humanas — é um monumento da natureza! (1)

---

(1) Discurso pronunciado, como Presidente da Academia Brasileira de Letras, na magna sessão comemorativa do dia de Camões, no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, em 10 de junho de 1933.

O LIVRO BRASILEIRO

Eu sou do tempo em que publicar um livro no Brasil era um áto de heroismo ou de loucura, porque loucura e heroismo são parentes proximos. Alem de duas ou tres casas famosas que se não dignavam a receber originais senão mediante apresentações solenes, não havia um editor que acolhesse os novos e lhes apontasse o caminho do insucesso ou da gloria. O Brasil, que ainda hoje lê pouco, ha vinte anos quasi não lia. E, nêste periodo, o desenvolvimento a que atingiu o livro brasileiro é, na verdade, admiravel e promissor.

Umas após outras, as casas editoras se teem fundado, em geral com exito, atingindo algumas uma situação de progresso invejavel. Paralelamente, melhoraram as condições dos autores. Êles que, outróra, entregavam seus originais em troca ás vezes dum simples sorriso amarelo, presentemente ganham, não o que um público mais numeroso lhes permitiria, porem, pelo menos, uma percentagem alta sobre as edições. Em geral, ha muitas reclamações contra os editores nacionais a proposito de tiragens clandestinas e de pagamentos insuficientes. Não quero esconder abusos. Naturalmente

êles existem. Quero, porem, afirmar de público que essa não é a lei comum e que a triste verdade é a seguinte: muitos autores não se querem convencer de que o país não os lê ou pelo menos não os lê como êles pensam... De mim sei que, com mais de cinco dezenas de livros publicados em todos ou quasi todos os editores brasileiros do Rio e de S. Paulo, nunca com êles tive a menor dificuldade e sempre recebo regularmente a parte que me é devida. Os pagamentos que me tem feito a Companhia Editora Nacional elevam-se a algumas dezenas de contos.

Nenhum outro ramo de atividade depende mais do público do que o da livraria; mas tambem nenhum depende mais dum bom serviço de distribuição, sobretudo no Brasil, onde são imensas as distancias, esparsos os grandes núcleos de povoamento, quasi sem comunicação os pequenos. Ora, fazer chegar a circulação dos livros a todas as cidades e lugarejos, dois, tres somente, ás vezes, em cada um, é um labor colossal, um labor formidavel, que depende de grande paciencia, de maior pertinacia e de heroica teimosia em face das dificuldades e dos prejuizos. O merito maior do movimento editorial brasileiro nos ultimos tempos não foi fazer com que os autores tivessem campo aberto á sua produção inteletual, nem aumentar-lhes os proveitos pecuniarios, nem permitir que, modestamente, já se possa viver das letras, porem difundir o livro nacional, fazer com que por todo o vasto territorio patrio chegue o pensamento dos homens de letras, a palavra dos doutrinadores, a

opinião dos cientistas, a vibração da cultura nacional. E' um sangue novo, que vai até os capilares da nação, levando-lhes a vida das idéas.

Fazendo essa justiça, não esqueçamos aquêles que fôram os denodados precursores dêsse movimento e que cairam pelo caminho para que os de agora pudessem cantar vitória. Os pequenos editores que ousaram enfrentar o comercio dos livros, quando as nossas artes tipograficas em atrazo os obrigavam a enviar os manuscritos ás oficinas portuguêsas e quando as grandes casas tradicionais espalhavam em volta sua sombra esterilizante. Entre êles, é-me grato ao coração recordar, nêste instante, o velho batalhador Benjamin de Aquila, que morreu ha pouco nos suburbios, ignorado e pobre. Foi êle quem tomou sobre os ombros a tarefa de editar e espalhar pelo Brasil, assombrado do arrojo, a monumental "História" de Rocha Pombo. Conheci-o em pequeno sobrado da rua do Carmo, por cima duma carvoaria, onde lhe levei, com a timidez dos meus 23 anos, os originais do *Terra de Sol*. Êle editou o meu primeiro livro e lançou o meu nome á publicidade.

Êsses olhares retrospetivos são convenientes e necessarios a todos, afim de se poder avaliar o caminho percorrido. Êle se póde calcular por alguns marcos definitivos: constantes reedições de bôas obras, aumento de numero nas tiragens, aspéto artistico do livro feito em nossas oficinas e vulgarização do nome dos nossos autores. Das constantes reedições, devem falar-vos os proprios autores mais lidos: o sr. Humberto de Cam-

pos e o sr. Afranio Peixoto, por exemplo. Das tiragens, bastará dizer que antigamente a média era de mil exemplares e presentemente é de tres mil, não sendo poucos os livros que estão em dezenas e dezenas de milheiros, como os do sr. Paulo Setubal. Infringindo a modestia para dar um testemunho, posso dizer-vos que a minha pequena obra *Guerra do Lopez*, com a terceira edição já esgotada, atingiu a 18 mil exemplares. Do aspéto material falam-vos as montras e vitrines das livrarias e a ausencia de impressões feitas no estrangeiro.

Todo êsse esforço desprendido por editores e autores, que hoje provoca a reunião dum congresso do livro, foi feito á revelia dos poderes públicos. Êles não vieram ao encontro das necessidades positivas da nação nêsse sentido, porque, como disse Alberto Torres, "o problema da cultura do individuo e o da construção estrutural da sociedade são assuntos em branco em nossos anais". Nem era possivel esperar mais do que indiferença da parte do Estado, constituido como estava por uma teoria de emprestimo sem nenhuma relação com a realidade brasileira, nos cánones liberais-democraticos que o reduzem em poder, que o limitam em atribuições e que o desmoralizam pelas vicissitudes das lutas civis ou pela descontinuidade administrativa. Assim, pois, nos âmbitos que escapam á ação policial e orçamentifera do liberalismo-democratico, só a iniciativa particular é capaz de imaginar um plano e de realizá-lo. Para a defesa do livro, do editor e do autor, para a defesa da industria das letras e da profissão das

letras, as forças que mais podem contribuir para a formação cultural do Brasil, é que estamos aqui reunidos, os veteranos dêsse belo combate como eu e os mais novos soldados que ainda não ouviram o crepitar das metralhadoras.

Em geral, o homem de letras descrê de sua profissão. La Bruyère fala dela com um sorriso amargo e Taine afirma que, nêsse sorriso, se sente o homem que sabia merecer muito e recebia pouco. Nas lutas atuais da sociedade, sobretudo entre o capital e o trabalho, os filosofos, especialmente os marxistas, esqueceram a inteligencia. E' chegado o momento dela mobilizar-se e aparecer para impôr a harmonia no cáos. Êsse é o grande fenómeno do mundo moderno, êsse é o aspéto da luta de classes que Marx não previu e que já domina a Italia e a Alemanha, caminhando para a conquista do mundo.

Outróra, os fidalgos pergaminhados, os homens de guerra, os ricaços insolentes desprezavam os que trabalhavam e escreviam. Dispunham dêles como de seus bôbos, lacaios, macacos, cães de estimação ou negrinhos de turbante que serviam para carregar as longas caudas das damas. "Especie de criados que os divertiam", diz Taine. Então, o papa pedia ao rei que lhe emprestasse Mansard como se pede emprestado um cavalo. E um duque, primo do rei, matou Santeuil, fazendo-o beber vinho com rapé, para divertir-se...

O Brasil democratico não foi melhor para os homens de letras nem os tratou melhor.

Os grandes da Republica afetaram, sobretudo por inveja, o maior desprezo por todos êles, obrigando alguns, para viver, a se conformarem com isso e a acabarem por prostituir o nobre titulo de homem de letras, conferindo-o a ministros, generais e presidentes. Um poeta declarou á Academia que considerava homem de letras um chefe de Estado propagandista da instrução pública... (1)

Quando se queria dizer que uma cousa não tinha alcance, punha-se-lhe êste selo negro: "aquilo é literatura". O politicão e o politicoide e seus asséclas diminuiam por todos os meios o prestigio dos homens de letras, acalcanhando-os, humilhando-os, afastando-os. Lendo os discursos escritos por êstes, comparando-os com os que pronunciavam, sentiam queimar-lhes a brasa da diferença de fundo e fórma. Como, porem, a fortuna da Academia, os bordados de sua farda e seu inegavel prestigio social não fôssem cousa desprezivel, os politiqueiros de continuo a rondaram, entrando pela porta da cozinha dêsde que um malavisado a deixava aberta. Êsse roubo despudorado da única recompensa que podem almejar no seu país escritores e poetas teve a cumplicidade dos literatos, cujo castigo é carregar aos ombros os cadaveres dessa gente quando apeada das posições transitorias e arranjar meios de enterra-los condignamente, justificando sua entrada naquela agremiação...

---

(1) O sr. Augusto de Lima, referindo-se ao sr. Olegario Maciel...

Tudo isso resulta da desorganização nacional em todas as atividades e manifestações. Quereis uma prova provada dessa formidavel desorganização, que a imprensa açoroçôa e que tudo acabou por desorientar nêste país, até as consciencias? Ei-la: Um vespertino cariosa mandou um reporter percorrer as livrarias da capital do Brasil, afim de levantar uma estatistica dos livros mais procurados em 1927. Essa estatistica assombraria tantos seculos após sua vida, o pobre La Bruyère. Senhores, perguntaria êle, sem dúvida, por que razão a tolice humana não diminuiu, antes aumentou?

Imagine-se que, na livraria Garnier, o livro que teve a palma do sucesso não foi nenhum dos de Machado de Assis, porem o caderninho intitulado "Impressões da Europa", do sr. Nilo Peçanha.

Tratar-se-á de obra digna de nota pelo estilo, pela graça e propriedade do comentario, pela mocidade das idéas, pela originalidade, pela pureza da lingua? Não. E' um livrinho sem nada de notavel; mas escreveu-o um politico em evidencia, os jornais falaram muito dêsse "tour de force", seu autor ocupou altas posições e, por fim, esteve em franca popularidade como opositor a uma candidatura presidencial antipatica. De tudo isso a curiosidade, o chaleirismo e outras cousas que levaram o público a comprar o livro. Eis as proprias palavras do gerente da casa: "As edições sucediam-se refeitas e exauridas num atimo. A procura era tão forte, tão avassaladora que os empregados da casa já traziam

o livro embrulhado, a ponto de endereço e remessa, afim de darem vasão mais rapida aos pedidos!"

Aconteceu isso com o "Braz Cubas" ou com "Yayá Garcia"? O sorriso de Machado de Assis ao lado do de La Bruyère, seria de maior amargura ainda...

Qual pensais, senhores, que foi o livro de maior venda na casa Leite Ribeiro? O de Euclides, o de Graça Aranha, o de Afranio Peixoto? Absolutamente não. A edição mais vendida ali foi a da "Historia duma Covardia", do sr. Mauricio de Lacerda, escrito desalinhadamente, como êle fala, e contando a sua prisão. Por que? Porque o público se preocupa mais com a politica do que com a arte.

Na livraria Castilho, a obra que mais se vendeu foi "As razões da Inconfidencia", de Antonio Torres, certamente não por ser escrita em linguagem escorreita e cheia de vida, porem por ser um panfleto violento.

A livraria Briguiet quasi não edita. Nêsse ano, seu melhor exito foi, felizmente, a "Historia do Imperio" do sr. Tobias Monteiro.

Na livraria Quaresma, o que mais se vende é o "Secretario Moderno". Está certo. Se o reporter fôr aos sertões e indagar dos livros mais vendidos, por força verificará que são o "Lunario Perpetuo" e a "Historia do Imperador Carlos Magno e dos Doze Pares de França, seguida das Aventuras de Bernardo del Carpio".

E, entre os autores nacionais mais procurados, uma dessas livrarias arrolou o nome do tenente Cabanas. Manes de Alencar e de Taunay, de Euclides da Cunha e de Machado de Assis, de Rui Barbosa e de Carlos de Laet, de Olavo Bilac e de Vicente de Carvalho, estais ouvindo e vendo essa enormidade?

Eis aí a que temos estado reduzidos nós, os que escrevemos, no Brasil, a sermos suplantados na propria profissão pelas "Impressões da Europa", do sr. Nilo Peçanha, pela "História de uma Covardia" do sr. Mauricio de Lacerda e por qualquer cousa cujo titulo eu nem sei, do sr. João Cabanas!...

Deante disso, que comentario fazer? Recorramos a algumas frases do proprio La Bruyère: "Philante a du mérite, de l'esprit, de l'agrément, de l'exactitude sur son devoir, de la fidelité et de l'attachement pour son maître, et il en est médiocrement consideré, il ne plait pas, il n'est pas gouté. Expliquez-vous: est-ce Philante, ou le grand qu'il sert, que vous condamnez?" (1)

Assim, vós, senhores, dizei-me com a maior franqueza: — E' a nós que escrevemos ou ao público que faz a escolha que condenais?

Temos de educar êsse público. Essa é a questão fundamental. Temos de fazer-lhe compreender que o Brasil são os seus pensadores, os seus professores, os seus sociologos, os seus cientistas, os seus polemistas, os seus romancistas e os seus poetas, e não a *magna caterva* dos exploradores de posições ou dos demago-

(1) "Les caractéres".

gos ocasionais. Ha uma necessidade urgente de crearmos no país uma consciência coletiva que repila todos os botes daquilo que Mussolini denomina *il liberalismo ciarlatano.*

A organização sindical de autores e editores poderá constituir um grande passo nêsse sentido, sobretudo por estar dentro dos moldes do verdadeiro cooperativismo. A organização dum sindicato de autores e de outro de editores seria o erro em que cai o Estado democratico na sua tentativa de solução da questão social, seria a organização da luta entre ambos. Os dois sindicatos dentro da corporação serão, a fraternidade espiritual unida á solidariedade material. Mais completa ainda seria a sua cooperação se nela entrassem tambem os impressores.

O livro, senhores, é sempre uma lição. Mesmo fechado, como diz Hanotaux, êle ainda fala pelo seu dorso, pelo seu letreiro. Por êle, o fio da nossa existencia prende-se aos seculos preteritos. Abençoemo-lo e defendamo-lo. Nós entramos na grande era das sinteses, em que os livros levantarão os povos, agitarão os continentes, servirão de lastro á organização das sociedades e á arquitetura das nações. Propaguemos o livro — "conservatorio do pensamento", pois que é o pensamento e não a materia quem governa o mundo! (1)

---

(1) Discurso pronunciado como Presidente do Congresso de Editores e Autores Nacionais, na abertura do mêsmo, a 9 de setembro de 1933, no salão do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros.

SALVE, ROMA ETERNA!

Os antigos tinham razão em chamar aos poetas vates. Porque êles a cada passo vaticinavam o futuro. Ha séculos, Milton escrevia estas palavras proféticas: "Parece-me ver com os olhos do espirito uma nobre e poderosa nação levantar-se como um homem vigoroso, depois de haver dormido, e sacudir os aneis de sua cabeleira invencivel. Parece-me vê-la, como uma águia, retemperar sua robusta juventude e fartar os olhos, que se não deslumbram, no ardente esplendor do meio-dia; regenerar e desvendar sua visão, muito tempo iludida, na própria fonte da irradiação celeste, rodeada pelo clamor das aves covardes, revoando em companhia de todos quantos preferem as sombras do crepúsculo e, com sua verbosidade invejosa, sómente prognosticam as seitas e os chismas".

Eu vejo nestas frases do autor do "Paraiso Perdido" o quadro da grande luta e da grande vitória creadoras da Itália de hoje, mais uma vez guia e mestra de todos aquêles que se afirmam filhos, próximos ou afas-

tados, da mais humana e mais harmoniosa de todas as civilizações, a que se gerou na bacia do Egeu, ilustrando os promontórios e as ilhas que mergulham no mar azul, e dali se irradiou através da Grécia e de Roma pela periferia do Mediterrâneo.

A voz do grande poeta anunciou o despertar do povo italiano, representado por uma individualidade forte e invencivel. Nós todos assistimos a êsse milagre histórico. Perdidas, na Revolução Francêsa, catástrofe fantasiada de aurora, as suas configurações materiais e morais, lentamente traçadas pelo gênio do cristianismo unido ao gênio da latinidade, renovado pelo sangue dos bárbaros, através da impotencia integral do liberalismo o mundo se encaminhou para o apocalipse do comunismo, veneno judáico injetado nas veias da civilização. A Itália seria, com certeza, a segunda vitima de tal peçonha. Tudo indicava que nela, depois da Rússia, se desfraldaria a bandeira vermelha. Lá, o individualismo atingira á anarquia e o liberalismo governamental á inércia. Pouco faltava para o salto revolucionário apregoado e defendido pelos teoristas do marxismo. Pouco faltava... E imaginai o quadro... Roma, a capital do cristianismo, tornada capital do materialismo comunista, o Santo Padre escarnecido e morto, o colégio dos cardeais fuzilado de encontro aos muros do castelo de Sant'Angelo, a basílica de S. Pedro saqueada e incendiada, os sovietes instalados no Vaticano e um camarada qualquer, comissário do povo, despachando na Ca-

pela Sixtina... Pensai no colápso do mundo cristão, do mundo cristão, digo eu de propósito, porque êle é maior que o mundo católico. Era o fim de tudo, a consumação dos séculos de que falam as profecias, com a vitoria do Anti-Cristo!

Mas a figura de Mussolini apareceu com a palavra e a ação salvadoras. Foi a Jeanne d'Arc dêsse período angustioso. Foi a repetição dêsse milagre pela mistica que creou e que o envolveu. Nêle se incarnava, ressurgindo do fundo dos centenários, a idéa romana, aquela grande idéa que é o apanágio de nossa cultura, a idéa de unificar, de unir, de ligar os espíritos e as creações da matéria e do espírito, idéa que produziu as duas grandes arquiteturas sociais do mundo: o Império e a Igreja.

Benito Mussolini deixou de ser um homem para se tornar uma idéa viva e palpitante, invencivel na sua marcha contra as revoadas daquelas aves crepusculares a que se referia Milton. "Sem Roma — escreveu Chamberlain — a Europa não teria passado dum prolongamento do cáos asiático. A própria Grécia sofreu sempre a atração da Asia e foi Roma que a libertou. Se o centro de gravidade da cultura se mudou para o Ocidente e nêle se fixou; se o sortilégio semitico-asiático foi quebrado e se os povos que êle encadeava parcialmente se libertaram; se a humanidade inteira sente hoje seu coração bater e seu cérebro pensar, numa Europa

em que prevalece o elemento indo-germânico, devemos ver nisso a obra de Roma" (1).

De um livro recente de François de Curel, tiro êstes pensamentos aplicáveis ao que se passou na Itália: "Não é a vitória duma classe sôbre as outras que salvará a humanidade; mas a união de todas as classes para o bem comum. Não é a multidão quem pensa, organiza, inventa, crêa; é o homem, um homem sózinho, mais enérgico e mais inteligente que a união dos demais".

Mussolini foi um dêsses homens que, sózinhos, pensam e organizam. Enfeixando num bloco como o feixe dos antigos lictores, que tomou para simbolo, todos os elementos agregantes da tradição romana, todos os espíritos de bôa vontade, todas as energias creadoras da sociedade, todos os valores positivos da nação, todas as classes do povo, creou nova mentalidade, novo sentido da vida, nova cultura, alicerçada nas raizes milenárias da civilização mediterrânea, capaz de varrer com um sôpro o "sortilégio semitico-asiático" do comunismo internacional.

Vós sois bem, sr. Acadêmico Massimo Bontempelli, em tudo e por tudo, legitimo representante dessa cultura italiana, cujo exemplo se prolonga sôbre a Hungria, a Alemanha, a Irlanda, a Inglaterra, Portugal, o Brasil, e os Estados-Unidos, e cujas linhas mestras são as únicas capazes de salvar a civilização em perigo.

---

(1) "Die Gründlagen das zwantzische Iahrhundert".

Sois bem um exemplo nobre e representativo dessa Itália que, após a guerra, realizou a miraculosa aglutinação de todos os seus fatores espirituais, concentrando suas fôrças efetivas, suas energias dinâmicas em Roma. Pela vossa alma manifestada nas letras e no jornalismo, sois de fato um autêntico Romano, embora nascido ao pé das águas tranquilas dos lagos da Lombardia, lá onde o espírito germânico deixou mais fundas marcas de seu encontro com o espírito latino da decadência.

Ocupais uma posição distinta nos circulos intelectuais de vossa pátria pela vossa atividade notavel no vasto campo da arte, no jornal e na revista, no teatro e no romance; na campanha em pról dum novo sentimento italiano na literatura, na música e sobretudo na arquitetura, que é a arte mais representativa do espírito duma época. Na vossa revista expressiva das inclinações do século XX, intitulada 900, creastes uma tendencia literária firmada em polêmicas e no interesse com que as seguiu o público, não só na Itália, mas na França e na Alemanha, denominado *il novecentismo botempelliano.* Sois, assim, um chefe de escola.

Novelista e romancista, autor de obras famosas como *La vita intensa* e *Il figlio di due madri*, tendes visto o êxito coroar a vossa arte e o que sai de vossa pena repetido em oito traduções européas e uma brasileira. O teatro recebeu de vós o dom de peças como *La guardia alla luna* e *Nostra Dea.* E até a poesia vos deve um volume de versos: *Il purosangue.*

Demais, sois o creador dum gênero literário original norteado pela teoria que denominais *realismo mágico*. Esta fórmula significa que, contra as tendências anárquicas do fim do século XIX e do comêço do XX, a arte não deve ser deformação, mas harmonia, proporção e dimensão, pêso, conta e medida de sua realidade, sem realismos ou naturalismos crús, levemente transfigurada para maravilhar, o leitor, o contemplador, o ouvinte, como se ela fôsse uma *evocação mágica*. E' o esplendor do verdadeiro de Platão. E' o diáfano véu da fantasia do Eça sôbre a nudez forte da verdade.

Toda essa atividade no dominio do espírito não vos impediu de continuamente participar da vida política de vosso país. Porque, num país como o vosso, sob o regime totalitário do *Fascio*, a política deixa de ser o que é, entre nós, a arte mesquinha de dividir para governar, dos conchavos e dos interesses pessoais, para se transformar na grande arte de unir para governar, de ter deveres antes de ter direitos e de sómente ver os interesses superiores da Pátria. Veterano das trincheiras, condecorado por átos de bravura militar, veterano da campanha fascista, veterano das grandes campanhas de imprensa pela Itália nova, expressão cultural de vosso tempo e de vossa geração, tinheis de fazer parte dessa Grande Academia que Mussolini fundou para ser um cenáculo de expoentes da mentalidade italiana.

Representante mental da guerra vitoriosa, da revolução da juventude italiana e da alta mentalidade do

Fascio, a Academia Brasileira acolhe-vos com admiração pela vossa obra e em vós saúda o espírito imortal de Roma Eterna! (1)

---

(1) Discurso pronunciado na Academia Brasileira, como presidente da mêsma, saudando o academico italiano Massimo Bontempelli, na sessão solene de 28 de setembro de 1933.